

DEBORAH CRISTINA GUEDES DOS REIS 07/ 31692  
MARIA STEFÂNIA CALDEIRA HENRIQUE 07/35914  
NATHÁLIA LOUISE CORVELLO FILGUEIRAS 07/50760

# Traduzindo *The Shining:*

---

Uma realidade **assustadora...**

VOLUME III – TEXTO TRADUZIDO

*Projeto Final do Curso de Letras – Tradução: Inglês*

**Universidade de Brasília**

Brasília, novembro de 2011

Deborah Cristina Guedes dos Reis Matrícula:  
Maria Stefânia Caldeira Henrique Matrícula: 07/35914  
Nathália Louise Corvello Filgueiras: 07/50760

TRADUZINDO *THE SHINING*:  
UMA REALIDADE ASSUSTADORA...

Trabalho apresentado ao Curso de Letras-  
Tradução, Departamento de Línguas  
Estrangeiras e Tradução, Instituto de Letras,  
da Universidade de Brasília, para a disciplina  
de Projeto Final.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Alessandra Ramos de  
Oliveira Harden  
Co-orientador: Prof<sup>o</sup>. Ofal Ribeiro Fialho

Brasília, DF, novembro de 2011

**Sumário**

1	ENTREVISTA DE EMPREGO .....	4
4	TERRITÓRIO SOMBRIO.....	15
10	HALLORANN .....	28
11	O ILUMINADO .....	40
16	DANNY.....	55
17	CONSULTÓRIO MÉDICO.....	79
21	PENSAMENTOS NOTURNOS .....	101
28	“FOI ELA!” .....	119
37	O SALÃO DE BAILE.....	130
41	LUZ DO DIA .....	139
52	WENDY E JACK.....	145
55	AQUILO QUE FOI ESQUECIDO .....	153

## 1 ENTREVISTA DE EMPREGO

Jack Torrance pensou: *Babaquinha arrogante.*

Ullman tinha cerca de 1,60 de altura e, quando se movia, era com uma pressa afetada que parece ser característica exclusiva de todos os homens pequenos e roliços. Seus cabelos estavam partidos impecavelmente, e seu terno escuro era sóbrio, porém confortante. “Sou um homem que pode resolver seus problemas” era o que aquele terno dizia ao cliente. Ao empregado, falava mais ríspido: “É bom que isso seja importante”. Havia um cravo vermelho na lapela, talvez para que ninguém na rua confundisse Stuart Ullman com o agente funerário local.

Enquanto ouvia Ullman falar, Jack admitiu para si mesmo que provavelmente não teria gostado de nenhum homem que estivesse do outro lado daquela mesa, devido às circunstâncias.

Ullman fez uma pergunta que ele não ouviu. Isso não era bom. Ullman era o tipo de homem que registrava tais lapsos em um fichário rotativo mental para consideração posterior.

— Como?

— Perguntei se sua esposa entende direitinho o que você estaria assumindo aqui. E tem seu filho, é claro — ele olhou para o currículo na sua frente. — Daniel. Sua esposa não se sente nem um pouco intimidada com a ideia?

— Wendy é uma mulher extraordinária.

— E seu filho, também é extraordinário?

Jack deu um grande sorriso tipo relações-públicas, de orelha a orelha.

— Acreditamos que sim, eu suponho. Ele é bem independente para um garoto de

cinco anos.

Ullman não retribuiu o sorriso. Ele colocou o currículo de Jack de volta na pasta. A pasta foi para dentro de uma gaveta. A superfície da mesa agora estava completamente vazia, com exceção de um mata-borrão, um telefone, uma luminária articulável e uma caixa de entrada e saída. Ambos os lados, o de entrada e o de saída, estavam vazios também.

Ullman levantou-se e foi ao arquivo, no canto da sala.

— Venha para esse lado da mesa, por favor, Sr. Torrance. Olharemos a planta baixa.

Ele trouxe cinco grandes folhas e as pôs na superfície plana e polida da mesa feita de noqueira. Jack estava em pé ao seu lado, bem ciente da fragrância da colônia de Ullman. “Todos os meus homens usam *English Leather* ou não usam nada” veio a sua mente por nenhum motivo aparente, e ele teve que segurar a língua entre os dentes para não cair na gargalhada. Do outro lado das paredes, ouviam-se, ainda que distantes, os sons da cozinha do Hotel Overlook sendo limpa após o almoço.

— Último piso — disse Ullman com energia. — O sótão. Não tem absolutamente nada lá em cima agora além de bugigangas antigas. O Overlook passou por várias mãos desde a Segunda Guerra Mundial e parece que cada gerente novo põe tudo o que não quer lá no sótão. Quero ratoeiras e veneno espalhados por lá. Algumas das camareiras do terceiro andar dizem que elas ouvem ruídos sussurrantes. Não acredito, nem um pouco, mas não pode haver nenhuma chance em um milhão de que um rato sequer habite o Hotel Overlook.

Jack, que suspeitava que todos os hotéis do mundo tinham um rato ou outro, segurou a língua.

— Claro que você não permitiria que seu filho subisse ao sótão em hipótese

alguma.

— Não — Jack disse, e deu seu grande sorriso de relações-públicas novamente. Que situação humilhante. Esse babaquinha arrogante achava mesmo que ele permitiria que seu filho brincasse em um sótão cheio de ratoeiras e móveis velhos e sabe-se lá o que mais?

Ullman retirou a planta do sótão e a pôs embaixo da pilha de plantas.

— O Overlook tem cento e dez quartos para hóspedes — ele disse em um tom professoral. — Trinta deles, todos suítes, estão aqui no terceiro andar. Dez na ala oeste (inclusive a Suíte Presidencial), dez no centro e mais dez na ala leste. Todos com vistas magníficas.

*Você poderia ao menos me poupar do papo de vendedor?*

Mas ficou quieto. Precisava do emprego.

Ullman pôs a planta do terceiro andar embaixo das outras e eles estudaram o segundo andar.

— Quarenta quartos, — disse Ullman — trinta duplos e dez simples. E, no primeiro andar, vinte de cada. Mais três rouparias em cada andar e um depósito que fica na extremidade leste do hotel no segundo andar e outro na extremidade oeste, no primeiro. Dúvidas?

Jack balançou a cabeça. Ullman retirou as plantas do segundo e do primeiro andar.

— Agora, o piso do saguão. Aqui no centro fica o balcão da recepção. Atrás dele estão os escritórios. O saguão tem vinte e cinco metros para cada lado do balcão. Aqui, na ala oeste, ficam a Sala de Jantar do Overlook e o Lounge Colorado. O Salão de Baile e Banquete fica na ala leste. Dúvidas?

— Só sobre o porão — disse Jack. — Para o zelador de inverno, é o piso mais

importante. É onde tudo acontece, digamos.

— Watson te mostrará essa parte. A planta do porão está pendurada na sala da caldeira. — Ele franziu a testa de forma exagerada, talvez para mostrar que, como gerente, ele não se preocupava com aspectos tão banais do funcionamento do Overlook como a caldeira e o encanamento. — Talvez não seja uma má idéia colocar umas ratoeiras lá também. Só um minuto...

Ele rabiscou algo em um caderninho que tirou do bolso de dentro do paletó (cada folha levava a legenda: “Da mesa de Stuart Ullman” em negrito), arrancou a folha e a pôs na caixa de saída. Ficou lá, solitária. O caderninho desapareceu, voltando ao bolso de Ullman, como no fim de um truque de mágica. Agora você vê, Jack garotão, agora não. Esse cara era realmente um peso-pesado.

Eles retomaram às posições originais, Ullman atrás da mesa e Jack na frente, entrevistador e entrevistado, suplicante e benfeitor relutante. Ullman entrelaçou as mãozinhas bem cuidadas sobre o mata-borrão e olhou diretamente para Jack. Ullman, um homem pequeno, que estava ficando careca, usava um terno de banqueiro e uma gravata cinza discreta. A flor na sua lapela se contrapunha a um pequeno broche no outro lado. Este continha apenas a palavra EQUIPE em letras pequenas e douradas.

— Serei completamente franco com o senhor, Sr. Torrance. Albert Shockley é um homem poderoso e tem muitos interesses no Overlook, que nessa temporada teve lucro pela primeira vez em sua história. O Sr. Shockley também está no Conselho de Diretores, mas não entende de hotelaria, e seria o primeiro a admitir isso. Mas ele deixou os seus desejos com relação ao zelador bem claros. Ele quer que o senhor seja contratado. Eu o farei. Mas se tivessem me dado carta branca na questão, eu não o contrataria.

As mãos de Jack estavam fortemente entrelaçadas em seu colo, lutando uma

contra a outra, suando. *Babaquinha arrogante, babaquinha*

— Acho que o senhor não gosta muito de mim, Sr. Torrance. Eu

*arrogante, babaquinha* —

não ligo. Certamente seus sentimentos com relação à minha pessoa não influenciam minha crença de que você não é o homem certo para o serviço. Durante a temporada que vai de 15 de maio a 30 de setembro, o Overlook emprega cento e dez pessoas em tempo integral, uma para cada quarto do hotel, digamos. Acho que muitas delas não gostam de mim e suspeito que algumas achem que eu seja um canalha. Devem estar corretas no julgamento do meu caráter. Tenho que ser um canalha para gerenciar o hotel como ele merece.

Ele olhou para Jack, esperando um comentário, e Jack deu o sorriso relações-públicas novamente, tão grande e cheio de dentes que chegava a ser um insulto.

Ullman continuou:

— O Overlook foi construído entre 1907 e 1909. A cidade mais próxima é Sidewinder, 65 quilômetros a leste daqui, com estradas que ficam fechadas do final do mês de outubro ou novembro até meados de abril. Um homem chamado Robert Townley Watson o construiu, o avô do nosso atual encarregado da manutenção. Os Vanderbilts já se hospedaram aqui, os Rockefellers, os Astors e os Du Ponts. Quatro presidentes já se hospedaram na Suíte Presidencial. Wilson, Harding, Roosevelt e Nixon.

— Não teria tanto orgulho do Harding e do Nixon — Jack murmurou.

Ullman franziu a testa, mas continuou mesmo assim.

— O Sr. Watson não aguentou e vendeu o hotel em 1915. Foi vendido novamente em 1922, 1929 e 1936. Ficou vazio até o final da Segunda Guerra Mundial, quando foi comprado e completamente renovado por Horace Derwent, inventor, piloto,

produtor e empresário milionário.

— Conheço o nome — Jack disse.

— Sim. Tudo que ele tocava parecia virar ouro... menos o Overlook. Ele gastou mais de um milhão de dólares nele antes que o primeiro hóspede do pós-guerra pisasse aqui, transformando uma relíquia decrépita num lugar espetacular. Foi Derwent quem adicionou o campo de roque que vi o senhor admirando quando chegou.

— Roque?

— Um ancestral Britânico do croquet, Sr. Torrance. Croquet é um roque banalizado. De acordo com a lenda, Derwent aprendeu o jogo com seu Secretário Social e se apaixonou completamente. O nosso campo deve ser o melhor dos Estados Unidos.

— Não duvido — Jack disse sério.

Um campo de roque, topiaria na forma de animais na entrada... Daqui a pouco vai ter um jogo de tabuleiro do Uncle Wiggily, aquele coelho dos livros infantis, em tamanho natural atrás do galpão. Ele estava ficando bem cansado do Sr. Stuart Ullman, mas via que Ullman não tinha acabado. Ullman iria falar o que queria, até a última palavra.

— Quando já tinha perdido três milhões, Derwent o vendeu para um grupo de investidores da Califórnia. A experiência deles com o Overlook foi igualmente ruim. Não entendiam de hotel. Em 1970, o Sr. Shockley e um grupo de associados compraram o hotel e incumbiram a gerência a mim. Nós também tivemos prejuízo por vários anos, mas fico feliz de dizer que a confiança dos atuais proprietários em mim nunca fraquejou. Ano passado, fechamos balanceados. Esse ano, as contas do Overlook foram escritas em tinta preta pela primeira vez em quase sete décadas.

Jack pensou que o orgulho daquele homenzinho meticuloso era justificado, e, logo em seguida, todo seu desgosto por ele voltou como uma onda. Ele disse:

— Não vejo relação alguma entre a história certamente “colorida” do Overlook e seu sentimento de que sou a pessoa errada para ocupar o posto, Sr. Ullman.

— Uma das razões pelas quais o Overlook perdeu tanto dinheiro está na depreciação que ocorre a cada inverno. Diminui a margem de lucro muito mais do que possa imaginar, Sr. Torrance. Os invernos são absurdamente cruéis. Para lidar com o problema, eu tive a idéia de contratar um zelador de tempo integral nos invernos, para cuidar da caldeira e aquecer as diferentes partes do hotel em um rodízio diário. Para consertar eventuais danos conforme ocorrerem e fazer reparos, para que os estragos não pioressem. Para estar constantemente alerta a toda e qualquer contingência. Durante nosso primeiro inverno, contratei uma família ao invés de um homem solteiro. Aconteceu uma tragédia. Uma tragédia horrível.

Ullman lançou um olhar frio e avaliador a Jack.

— Cometi um erro. Admito sem problemas. O homem era um bêbado.

Jack sentiu um sorriso frustrado – a antítese total do sorriso de relações-públicas cheio de dentes – surgir vagarosamente em sua boca.

— Então é isso? Estou surpreso que o Al não tenha te falado. Me aposentei.

— Sim, o Sr. Shockley me contou que o senhor não bebe mais. Ele também me contou do seu último emprego... Seu último cargo de confiança, digamos. O senhor estava dando aula de inglês numa escola preparatória em Vermont. Perdeu o controle, creio que não preciso ser mais específico que isso. Mas acredito que o caso de Grady tenha que ser levado em conta, e é por isso que citei a questão do seu... hum, histórico na conversa. Durante o inverno de 1970 a 71, depois que redecoramos o Overlook, mas antes da nossa primeira temporada, eu contratei este... este infeliz chamado Delbert Grady. Ele se mudou para as acomodações que você, sua esposa e seu filho ocuparão. Ele tinha uma esposa e duas filhas. Eu tinha minhas preocupações, principalmente com

relação ao rigor do inverno e ao fato de que os Grady estariam isolados do mundo por cinco ou seis meses.

— Mas isso não é bem verdade, não é? Tem telefones aqui, e provavelmente um rádiocidadão também. E o Parque Nacional Montanhas Rochosas fica aqui perto, com certeza um lugar tão grande tem um helicóptero ou dois.

— Não saberia dizer — Ullman disse.— O hotel tem um rádio transceptor que o Sr. Watson te mostrará, juntamente com a lista de frequências corretas para transmissão, caso precise de ajuda. As linhas telefônicas entre o hotel e Sidewinder ainda não são subterrâneas, então caem quase todo inverno em algum momento e ficam mudas de três semanas a um mês e meio. Tem uma moto de neve no galpão também.

— Então o lugar não é realmente isolado.

O Sr. Ullman parecia cansado.

— Suponha que seu filho ou sua esposa tropece na escada e fracture o crânio, Sr. Torrance. O senhor ainda acharia que o lugar não é isolado?

Jack entendeu. Uma moto de neve em velocidade máxima chegaria a Sidewinder em uma hora e meia... talvez. Um helicóptero do Serviço de Resgate do parque chegaria em três horas... com o tempo em boas condições. Em uma tempestade de neve, ele nem poderia levantar vôo, e não dá para andar com uma moto de neve na velocidade máxima, mesmo se alguém se atrevesse a levar uma pessoa gravemente ferida em temperaturas abaixo de  $-4^{\circ}\text{C}$ , ou  $-7^{\circ}\text{C}$ , considerando a sensação térmica.

— No caso de Grady — Ullman disse, — eu argumentei a favor dele o mesmo tanto que o Sr. Shockley parece ter feito no seu caso. A solidão em si pode ser prejudicial. Melhor o homem ter sua família com ele. Se houvesse um problema, pensei, grandes chances de ser algo menos grave que um crânio fraturado ou um acidente com uma das ferramentas elétricas ou algum tipo de convulsão. Um caso sério de gripe,

pneumonia, um braço quebrado, até apendicite. Qualquer um desses casos daria tempo o suficiente. Suspeito que o que aconteceu foi resultado de muito uísque barato, que Grady trouxe em grande quantidade sem o meu conhecimento, e uma condição curiosa que os veteranos chamam de febre de cabana. Você conhece o termo?

Ullman ofereceu um sorriso condescendente, pronto para explicar assim que Jack admitisse sua ignorância, e Jack ficou feliz em responder rápida e claramente:

— É uma gíria para a reação claustrofóbica que pode ocorrer quando as pessoas ficam confinadas por longos períodos. O sentimento de claustrofobia é exteriorizado na forma de aversão às pessoas com as quais está isolado. Em casos extremos, pode resultar em alucinações e violência – assassinatos já foram cometidos por coisas pequenas como uma refeição queimada ou uma discussão sobre de quem é a vez de lavar a louça.

Ullman pareceu um tanto perplexo, o que fez muito bem a Jack. Ele decidiu ir um pouco mais longe, mas silenciosamente prometeu a Wendy que ficaria calmo.

— Suspeito que tenha errado, sim, nesse ponto. Ele as machucou?

— Ele as matou, Sr. Torrance, e depois se suicidou. Ele assassinou as meninas com uma machadinha, a esposa com uma espingarda, e se matou do mesmo modo. Sua perna estava quebrada. Sem dúvida tão bêbado que caiu da escada.

Ullman abriu as mãos e olhou para Jack com ar de superioridade.

— Ele era formado no ensino médio?

— Na verdade, não era — Ullman disse, um pouco seco. — Pensei que uma pessoa menos, digamos, imaginativa seria menos suscetível às dificuldades, à solidão —

— Esse foi seu erro — Jack disse. — Um homem ignorante tem mais tendência a ter febre da cabana, assim como é mais propenso a atirar em alguém por causa de um jogo de baralho ou cometer um assalto não planejado. Ele fica entediado. Quando a

neve chega, não tem nada pra fazer além de ver TV ou jogar paciência e trapacear quando ele não consegue tirar todos os ases. Nada pra fazer além de reclamar com a esposa, atormentar as crianças e beber. Fica difícil dormir porque não tem o que ouvir. Então ele bebe até dormir e acorda de ressaca. Fica irritadiço. E talvez o telefone fique mudo e a antena de TV caia, e não tem nada pra fazer além de pensar e trapacear na paciência e ficar mais e mais irritadiço. Finalmente... bum, bum, bum.

— E um homem mais bem educado como o senhor?

— Minha esposa e eu gostamos de ler. Tenho uma peça na qual tenho que trabalhar, como Al Shockley provavelmente te contou. Danny tem os quebra-cabeças, os livros de colorir e seu rádio de galena. Planejo ensiná-lo a ler, e também a andar com raquetes de neve. Wendy gostaria de aprender também. Ah sim, acho que conseguiremos nos manter ocupados e não nos irritar se a TV pifar. — Ele pausou. — E Al estava dizendo a verdade quando te contou que não bebo mais. Eu bebia, e ficou sério. Mas não tomei nenhum copo de cerveja nos últimos quatorze meses. Não pretendo trazer álcool pra cá, e não acho que terei oportunidade de conseguir depois que a neve cair.

— Nisso o senhor está certíssimo — Ullman disse. — Mas enquanto vocês três estiverem aqui, o potencial para problemas é multiplicado. Eu falei isso pro Sr. Shockley, e ele me disse que assumiria a responsabilidade. Agora contei a você, e aparentemente também está disposto a assumir a responsabilidade —

— Estou.

— Tudo bem. Aceitarei isso, já que não tenho muita escolha. Mas eu ainda prefiro um garoto solteiro tirando um ano de folga da faculdade. Bem, talvez você sirva. Agora o mandarei ao Sr. Watson, que vai te mostrar o porão e o terreno. A não ser que tenha mais perguntas...

— Não, nenhuma.

Ullman ficou de pé.

— Espero que não haja ressentimentos, Sr. Torrance. Não há nada de pessoal nas coisas que disse. Só quero o melhor para o Overlook. É um grande hotel. Quero que continue assim.

— Sem ressentimentos.

Jack deu o sorriso de relações-públicas novamente, mas ele ficou feliz por Ullman não oferecer a mão. Havia ressentimentos. De todos os tipos.

## 4 TERRITÓRIO SOMBRIO

Danny desistiu de esperar, e às quatro e quinze subiu para tomar seu leite com biscoitos. Devorou tudo enquanto olhava pela janela, depois foi dar um beijo em sua mãe, que estava deitada. Ela lhe sugeriu que ficasse em casa assistindo “Vila Sésamo” – assim o tempo passaria mais depressa – mas ele balançou a cabeça e foi sentar-se novamente no meio-fio.

Agora eram cinco horas, e embora não possuísse um relógio e não soubesse ainda ver as horas muito bem, estava ciente da passagem do tempo pelo comprimento das sombras e pelo tom de dourado que tingia a luz da tarde.

Virando o planador de madeira nas mãos, cantou baixinho: “Um, dois, três indiozinhos... quatro, cinco, seis indiozinhos... sete, oito, nove indiozinhos... dez num pequeno bote...”

Eles cantavam aquela canção todos juntos na Escolinha Jack e Jill, a qual havia freqüentado quando ainda moravam em Stovington. Ele não ia para a escolinha ali porque o Papai não podia mais pagar uma. Danny sabia que seus pais se preocupavam com aquela situação e tinham medo que isso estivesse contribuindo para a sua solidão (no fundo, pensavam que ele, Danny, os culpava por isso, embora nunca houvessem dito nada), mas ele na verdade não queria voltar para a velha Jack e Jill. Era para bebês. Ele ainda não era um garoto grande, mas também não era mais um bebê. As crianças grandes iam para a escola grande e ganhavam um almoço quente. Primeira série. Próximo ano. Esse ano representava a transição entre ser um bebê e tornar-se uma criança de verdade. Estava tudo bem. Sentia sim saudades do Scott e do Andy – mais do Scott – mas ainda assim, estava tudo bem. Parecia melhor esperar sozinho pelo o que

poderia acontecer.

Ele entendia de muitas coisas sobre seus pais, e tinha certeza de que muitas vezes eles não gostavam desses “entendimentos”; em tantas outras, se recusavam a acreditar. Mas, algum dia, teriam que acreditar. E ficava feliz em esperar.

Era muito ruim o fato de não poderem acreditar um pouco mais, especialmente em horas como esta. Mamãe estava deitada em sua cama, quase chorando de tanta preocupação com o Papai. Algumas de suas preocupações eram “assunto de gente grande”, coisas que Danny ainda não entendia – incertezas que tinham a ver com segurança, com a imagem que o Papai tinha de si mesmo, sentimentos de culpa e raiva e o medo do que aconteceria com eles – mas naquele instante, ela pensava principalmente se o carro do Papai teria sofrido uma pane nas montanhas (*então, porque ele não telefona?*) ou se ele teria saído para fazer a Coisa Feia. Danny sabia muito bem o que a Coisa Feia significava desde que Scotty Aaronson, que era seis meses mais velho, havia lhe explicado. Scotty sabia porque o pai dele também fazia a Coisa Feia. Uma vez, Scotty contou que o pai tinha dado um soco bem no olho da mãe e ela acabou desmaiando. No fim das contas, por causa da Coisa Feia, os pais de Scotty preferiram o DIVÓRCIO, e quando Danny o conheceu, Scotty já vivia com a mãe e via o pai somente nos finais de semana. O maior medo de Danny era o DIVÓRCIO, uma palavra que sempre aparecia em sua mente escrita em letras vermelhas, coberta de serpentes venenosas e sibilantes. No DIVÓRCIO, os pais não vivem mais juntos. Eles travam um cabo de guerra por você na frente do juiz (juiz de tênis? de badminton? Danny não tinha certeza qual ou se existia algum outro, mas a Mamãe e o Papai tinham jogado tanto tênis quanto badminton em Stovington, então ele presumiu que pudesse ser um dos dois) e você tem que ir com um deles e praticamente nunca vê o outro, e aquele com quem você ficou pode casar-se com alguém que você nem conhece, se sentir vontade. O

aspecto mais aterrorizante do DIVÓRCIO era que ele havia pressentido a palavra – ou conceito, ou o que quer que tenha chegado até ele pelos seus “entendimentos” – flutuando dentro da cabeça de seus pais, algumas vezes difusa e relativamente distante, outras, tão densa, obscura e assustadora como trovões. Vinha sendo assim desde quando o médico teve que engessar seu braço depois que o Papai o castigou por bagunçar os papéis em seu escritório. Aquela lembrança já tinha se apagado, mas a dos pensamentos sobre o DIVÓRCIO ainda era viva e aterrorizante. Na época, sua mamãe havia tido esse pensamento várias vezes, e ele vivia num terror constante, esperando pelo momento em que ela arrancaria a palavra do cérebro e a cuspiria pela boca, tornando-a real. DIVÓRCIO. A angústia oculta que acompanhava o nome estava sempre presente nos pensamentos deles, um dos poucos que Danny sempre podia captar, como a batida de uma simples música. Mas assim como a batida, o pensamento central era somente o eixo de pensamentos mais complexos, pensamentos que ele ainda nem podia começar a interpretar. Chegavam até ele em forma de cores ou de variações de humor. Os pensamentos da Mamãe sobre DIVÓRCIO eram motivados pelo que o Papai havia feito com o braço dele e pelo episódio em Stovington, quando o Papai perdeu o emprego. Aquele garoto. Aquele George Hatfield, que ficou bravo com o Papai e furou as patas do fusca deles. Já os pensamentos do Papai eram mais complexos, coloridos em tom de roxo e entremeados por assustadoras veias negras. Ele parecia achar que ficariam melhor se fosse embora. Que as coisas parariam de machucar. O que feria seu pai, quase o tempo todo, era a Coisa Feia. Danny quase sempre podia “sacar” aquilo também: o constante desejo do Papai de ficar em um lugar escuro e assistir TV comendo amendoins, fazendo a Coisa Feia até seu cérebro se aquietar e deixá-lo em paz.

Mas naquela tarde sua mãe não tinha motivos para se preocupar e ele desejava poder ir contar isso a ela. O fusca não havia quebrado. O Papai não estava fazendo a

Coisa Feia em algum lugar. Já estava próximo de casa, cruzando a rodovia que liga Lyons a Boulder com seu fusquinha (teco-teco-teco...). Naquele momento, seu papai não estava nem pensando na Coisa Feia. Estava pensando em... em...

Danny olhou furtivamente para a janela da cozinha, atrás dele. Às vezes, quando pensava muito, algo acontecia. Fazia as coisas – coisas de verdade – desaparecerem, e ele então via coisas que não estavam ali. Certa vez, não muito depois de terem engessado seu braço, aconteceu na mesa de jantar. Seus pais não estavam se falando muito. Mas pensavam. Ah, sim. O pensamento sobre DIVÓRCIO pairava sobre a mesa da cozinha como uma nuvem negra, grávida, pronta para estourar. Era tão ruim que ele não conseguia tocar na comida. Pensar em comer com todo aquele DIVÓRCIO negro ao redor o deixava enjoado. E porque pareceu ser extremamente importante, Danny procurou se concentrar ao máximo e alguma coisa aconteceu. Quando voltou ao mundo real, estava caído no chão com o colo sujo de feijão e purê de batata, sua mamãe, chorando, o segurava e o Papai falava ao telefone. Ele estava assustado, tentou explicar a eles que estava tudo bem e que aquilo acontecia às vezes quando se concentrava para entender mais do que aquilo que normalmente chegava até ele. Tentou falar sobre o Tony, a quem seus pais chamavam de “amigo imaginário”.

Seu pai dizia:

— Ele tá tendo uma A Luci Nação. Parece bem, mas de qualquer forma quero que o médico dê uma olhadinha.

Depois que o médico foi embora, Mamãe o fez prometer que nunca faria aquilo de novo, *nunca* mais os assustaria daquele jeito, e Danny concordou. Ele próprio estava com muito medo. Principalmente porque quando se concentrou, sua mente se conectou à do seu pai, e por um momento, antes do Tony aparecer (distante, como sempre, chamando por ele de longe) e das coisas estranhas apagarem a imagem da cozinha e da

carne assada no prato azul, só por um momento sua consciência mergulhou na escuridão de seu papai e encontrou uma palavra incompreensível muito mais aterrorizante que DIVÓRCIO, e a palavra era SUICÍDIO. Danny nunca mais se deparou com essa palavra na mente do seu papai, e certamente não iria procurar por ela. Não se importava em nunca descobrir o que ela significava exatamente.

Mas gostava de se concentrar, porque algumas vezes Tony aparecia. Nem sempre. Às vezes, tudo parecia confuso e embaçado por um minuto, e depois ficava nítido – aliás, na maioria das vezes – mas em outras ocasiões Tony aparecia na fronteira de sua visão, chamando e acenando de longe...

Tal fato aconteceu duas vezes desde que se mudaram para Boulder, e ele se lembrava do quão surpreso e agradecido ficou por Tony tê-lo seguido até Vermont. Nem todos os seus amigos tinham ficado para trás, afinal.

Na primeira vez ele estava no quintal e nada de mais aconteceu. Apenas Tony chamando, depois escuridão e em poucos minutos voltou à realidade com alguns vagos fragmentos de memória, como um sonho confuso. Na segunda vez, há duas semanas, foi mais interessante. Tony, acenava, chamando de uma certa distância: “*Danny.. vem ver...*” Parecia que ele começava a se levantar e então caía em um buraco profundo, como em Alice no País das Maravilhas. E então, estava no porão do edifício deles com Tony ao seu lado, apontando no meio das sombras o baú em que o papai carregava todos os seus papéis importantes, em particular, “A PEÇA”.

— Tá vendo? — Tony disse em sua voz distante e musical. — Tá embaixo da escada. Bem ali embaixo. O pessoal da mudança colocou ali... embaixo... da escada.

Danny deu um passo a frente para olhar mais de perto aquela maravilha, mas depois caiu de novo, dessa vez para fora do balancinho do quintal, onde esteve sentado o tempo todo. Ficou sem fôlego também.

Três ou quatro dias mais tarde, seu papai estava agitado, contando furioso para a Mamãe que ele havia procurado por todo o maldito porão e o baú não estava lá e ele iria processar o maldito serviço de mudança que o largou em algum lugar entre Vermont e Colorado. Como conseguiria terminar “A PEÇA” se coisas assim não paravam de acontecer?

Danny falou:

— Não Papai, tá embaixo da escada. O pessoal da mudança colocou lá, bem embaixo da escada.

Papai olhou para ele, desconfiado, e desceu para conferir. O baú estava lá, exatamente onde Tony havia mostrado. Então, chamou Danny à parte, o colocou no colo e perguntou quem o havia deixado descer ao porão. Foi o Tom, do andar de cima? O porão era perigoso, Papai disse, e era por isso que o proprietário o mantinha trancado. Se havia alguém que andava deixando o porão aberto, o Papai queria saber. Estava contente em ter de volta seus papéis e “A PEÇA”, mas de nada adiantaria, falou, se Danny caísse da escada e quebrasse o seu... a sua perna. Danny, sério, contou para o Papai que nunca havia descido ao porão; a porta sempre esteve trancada. E a Mamãe concordou. Danny nunca desceu até o corredor dos fundos, disse ela, pois lá era úmido e escuro e cheio de aranhas. E ele não era de contar mentiras.

— Então como você sabia, velhinho? — perguntou Papai.

— O Tony me mostrou.

Acima de sua cabeça, seus pais se entreolharam. De tempos em tempos aquilo acontecia, e por ser amedrontador, depressa varriam o acontecido de seus pensamentos. Porém, Danny sabia que eles se preocupavam com Tony, principalmente a Mamãe, e ele tinha o cuidado de não pensar daquele jeito que fazia o Tony aparecer, ainda mais na frente dela. No entanto, agora ele imaginava que ela estava deitada, que ainda não

andava pela cozinha, e então se concentrou com vontade para ver se entendia o que o Papai estava pensando.

Franziu o cenho e cerrou as mãos em punhos fechados sobre o seu jeans. Não fechou os olhos — não era necessário — mas apertou-os deixando uma frestinha e imaginou a voz do Papai, a voz de Jack. A voz de John Daniel Torrance, profunda e calma, às vezes, distorcida quando feliz, ou aprofundando-se cada vez mais em raiva, ou simplesmente calma quando estava pensando. Pensando em. Pensando sobre. Pensando...

(pensando)

Danny suspirou em silêncio e seu corpo despencou sobre o meio-fio como se todos os músculos tivessem sumido. Estava plenamente consciente; viu a rua, a garota e o garoto andando na calçada, do outro lado, de mãos dadas porque estavam

(? apaixonados?)

tão alegres com o dia e por estarem juntos naquele dia. Ele viu folhas secas voando pela sarjeta, rodinhas amarelas sem forma definida. Viu a casa pela qual passavam e notou que o telhado estava coberto com

*(telhas. acho que não tem problema se a impermeabilização tiver boa é vai dar certo, aquele watson. jesus que figura. queria que tivesse um lugar pra ele na “PEÇA” vou acabar colocando toda a porra da raça humana nela se não me segurar. é. telhas. será que lá tem pregos? merda esqueci de perguntar pra ele bom não é difícil conseguir. a loja de construção de sidewinder. vespas, elas tão fazendo ninho nessa época do ano. talvez compre um daqueles sprays contra insetos caso elas estejam lá quando eu arrancar as telhas velhas. novas telhas. velhas)*

telhas. Então era nisso que ele estava pensando. Tinha conseguido o emprego e estava pensando em telhas. Danny não sabia quem era Watson, mas todo o resto pareceu

claro o bastante. E ele teria a chance de ver um ninho de vespas. Tão certo quanto seu nome era

— *Danny... Danniiii...*

Olhou para cima e lá estava Tony, no final da rua, acenando ao lado de uma placa de “pare”. Danny, como sempre, sentiu uma explosão de felicidade ao ver seu velho amigo, mas desta vez parece que sentiu uma pontinha de medo também, como se Tony tivesse vindo cercado pela escuridão, como um vidro cheio de vespas que, se libertadas, picariam e fariam arder profundamente.

Mas não tinha como deixar de ir ao seu encontro.

Escorregou ainda mais no meio-fio, as mãos caindo relaxadas das coxas e ficando dependuradas entre as pernas. O queixo afundou no peito. Então, sentiu um puxão fraco e indolor, enquanto parte dele se levantou e correu atrás de Tony escuridão adentro.

— *Danniiii...*

Agora a escuridão se encheu de uma brancura rodopiante. Ouviu um forte barulho de vento e viu sombras tortuosas que se firmaram na noite como pinheiros empurrados por uma ventania uivante. A neve rodopiava, dançando no ar. Estava em todo lugar.

— Muito alto — Tony disse na escuridão; havia uma tristeza em sua voz que assustava Danny. — Muito alto para escapar.

Outra forma, indo e vindo. Era grande e retangular. Um telhado inclinado. Brancura borrada na escuridão da tempestade. Muitas janelas. Uma construção comprida com telhas de madeira. Algumas das telhas eram mais novas. O papai havia trocado. Com os pregos comprados na loja de construção de Sidewinder. Agora, a neve cobria as telhas, cobria tudo.

Uma luz esverdeada brilhou na frente do prédio, tremulante, e transformou-se em uma gigantesca caveira sorridente sobre dois ossos cruzados:

— Veneno — Tony disse, do interior da escuridão flutuante. — Veneno.

Outros sinais tremularam diante de seus olhos, alguns em letras verdes, outros em placas inclinadas, enfiadas em montes de neve. PROIBIDO NADAR. PERIGO! ALTA TENSÃO. PROPRIEDADE CONDENADA. ALTA VOLTAGEM. TRILHO ELETRIFICADO. RISCO DE MORTE. MANTENHA DISTÂNCIA. NÃO ENTRE. NÃO ULTRAPASSE. INVASORES SERÃO FUZILADOS. Não entendeu nenhum completamente – não sabia ler! – mas captou o sentido de todos, e um terror onírico flutuou para dentro das cavidades escuras de seu corpo como esporos marrom-claro que iriam morrer à luz do sol.

Desvaneceram. Agora ele estava em um quarto cheio de móveis estranhos, um quarto escuro. Neve salpicada contra o vidro das janelas como se fosse areia. A boca estava seca, os olhos ardiam, o coração batia forte em seu peito. Lá fora, um barulho terrível ecoava, como se uma porta tivesse sido aberta bruscamente. Passos. Do outro lado do quarto, havia um espelho e em seu fundo prateado, duas palavras apareciam como fogo verde, e essas palavras eram MAR ROM.

O quarto sumiu. Outro quarto. Ele conhecia

(conheceria)

esse. Uma cadeira virada. Uma janela quebrada com o vento empurrando a neve para dentro. O frio já havia congelado a extremidade do tapete. As cortinas haviam sido parcialmente arrancadas e estavam dependuradas juntamente com os trilhos. Um armário pequeno, virado.

Mais estrondos ecoavam, constantes, ritmados, horríveis. Vidro se quebrando. Destruição se aproximando. Uma voz rouca, a voz de um louco, piorava a situação por

ser familiar:

— *Apareça! Apareça, seu merdinha! Hora de tomar seu remédio!*

Estrondos. Madeira se estilhaçando. Um grito de raiva e satisfação. MAR ROM.

Chegando.

Vagando pelo quarto. Quadros arrancados das paredes. Um toca-discos.

(? o toca-discos da Mamãe?)

jogado no chão. Seus discos de vinil: Greig, Handel, The Beatles, Art Garfunkel, Bach, Liszt, jogados por toda parte, quebrados em fatias pretas como as de uma torta. Um feixe de luz vindo de outro cômodo, o banheiro. Luz branca e forte e umas palavras piscando no espelho como um olho vermelho. MAR ROM, MAR ROM, MAR ROM —

— Não — ele sussurrou — Não, Tony, por favor.

E pendurada para fora da banheira de porcelana branca, uma mão. Sem vida. Uma gota de sangue (MAR ROM) escorreu lentamente por um dos dedos, o terceiro, passou pela unha bem feita e pingou no chão —

Não, ah não, ah não —

(por favor, Tony, você tá me assustando)

MAR ROM, MAR ROM, MAR ROM

(pára Tony, pára!)

Desvanecendo.

Na escuridão, os estrondos ressoavam e ficavam mais e mais altos, ecoando por toda a parte.

E agora ele estava agachado em um corredor escuro, em cima de um tapete azul com desenhos pretos tortuosos, ouvindo o barulho se aproximar. E agora, um Vulto chegou ao corredor e começou a vir em sua direção cambaleando, cheirando a sangue e perdição. Ele trazia um taco na mão e o balançava (MAR ROM) de um lado para o

outro violentamente, acertando as paredes, rasgando o papel de parede acetinado, o formando brancas nuvens de poeira de gesso.

*Venha e tome seu remédio! Tome como um homem de verdade!*

O Vulto gigantesco avançava em sua direção com um fedor agridoce. A cabeça do taco cortava o ar com um assovio macabro, depois se ouvia um grande estrondo oco quando batia na parede, fazendo a poeira subir em uma nuvem seca, que coçava e dava para sentir o cheiro. Olhos pequenos e vermelhos brilhavam no escuro. O monstro estava em cima dele, já sabia que se encontrava ali, encolhido contra a parede branca. E o alçapão no teto estava trancado.

Escuridão. Movendo lentamente.

— Tony, por favor, me leva de volta, por favor —

E ele *havia* voltado. Estava sentado no meio-fio da Rua Arapahoe, a camisa molhada e grudada nas costas, o corpo banhado de suor. Ainda podia ouvir aquele estrondo e sentir o cheiro da própria urina enquanto se aliviava no ápice do terror. Ainda via aquela mão sem vida dependurada na borda da banheira, com sangue escorrendo pelo dedo, o terceiro, e aquelas palavras inexplicáveis, tão mais horripilantes que quaisquer outras: MAR ROM.

E agora, a luz do sol. Coisas de verdade. Exceto por Tony, distante seis quarteirões rua acima, um pontinho parado na esquina, a voz suave, aguda e doce.

— Se cuida, velhinho...

Então, no momento seguinte, Tony tinha ido embora e o fusca velho e maltratado do Papai estava virando a esquina, subindo a rua todo barulhento, soltando fumaça azul por trás. Danny levantou do meio fio em um piscar de olhos, acenando, pulando de um pé para outro, gritando:

— Papai! Ô, Pai! Oi! Oi!

Seu papai subiu com o fusca no meio-fio, desligou o motor e abriu a porta. Danny correu ao seu encontro e então se enrijeceu, os olhos arregalados. Seu coração rastejou lentamente até o meio da garganta e congelou. Ao lado de seu pai, no outro banco da frente, havia um taco pequeno, a ponta coberta com sangue coagulado e fios de cabelo.

Não, era só uma sacola de compras.

— Danny... tá tudo bem, velhinho?

— Sim. Eu tô bem.

Foi até seu pai e enterrou o rosto na jaqueta de brim, forrada com pêlo de carneiro, e o abraçou muito, muito, muito apertado. Jack também o abraçou, um pouco perplexo.

— Ei, você não deve ficar sentado no sol desse jeito, velhinho. Você tá pingando de suor.

— Acho que dormi um pouco. Eu te amo, Papai. Tava te esperando.

— Eu também te amo, Dan. Trouxe algumas coisas pra casa. Você acha que já é grande o bastante pra levar lá pra cima?

— Claro que sou!

— Velhinho Torrance, o homem mais forte do mundo — disse Jack, e bagunçou o cabelo dele. — Cujos passatempo é pegar no sono em esquinas.

Foram então caminhando em direção à porta e a Mamãe veio até a varanda para encontrá-los. Ele esperou no segundo degrau e viu o beijo dos dois. Estavam contentes em ver um ao outro. O amor exalava deles da mesma forma como exalava do menino e da menina que andavam de mãos dadas rua acima. Danny estava contente.

A sacola de compras – só uma sacola de compras – estalou em seus braços.

Tudo estava bem. Papai estava em casa. Mamãe o amava. Não existiam coisas feias. E

nem sempre tudo o que Tony mostrava acontecia.

Mas o medo, terrível e profundo, tinha feito morada ao redor do seu coração. Ao redor do seu coração e daquelas palavras indecifráveis que ele tinha visto no espelho de seu espírito.

## 10 HALLORANN

O cozinheiro não estava nada de acordo com a imagem que Wendy tinha de um personagem típico da cozinha de um hotel resort. Para começar, tal personagem seria chamado de chef, e não algo tão corriqueiro quanto cozinheiro — cozinhar era o que ela fazia na cozinha do apartamento dela, quando jogava todas as sobras em um tabuleiro pirex untado e adicionava macarrão. Além disso, o mago culinário de um lugar como o Overlook, que tinha um anúncio na parte de resorts do jornal *New York Sunday Times*, deveria ser pequeno, rechonchudo e branquelo (como o bonequinho da marca de massas prontas *Pillsbury*); ele deveria ter um bigode fino, como se feito a lápis, como o de um ator de comédia musical dos anos quarenta, olhos escuros, um sotaque francês e uma personalidade detestável.

Hallorann tinha os olhos escuros e só. Ele era um homem negro e alto, com um afro modesto que estava começando a ficar um pouco salpicado de branco. Ele tinha um leve sotaque e ria bastante, mostrando dentes muito brancos e muito retos — só podia ser uma dentadura da Sears e Roebuck, da década de 50. O próprio pai dela tinha uma, que ele chamava de “Roebukers”, e de tempos em tempos, ele a empurrava para fora da boca comicamente na mesa do jantar... sempre, Wendy lembrou-se agora, quando a sua mãe estava na cozinha pegando algo ou estava ao telefone.

Danny olhou para cima, para esse negro gigante vestido em sarja azul, e sorriu quando Hallorann pegou-o facilmente, o apoiou na dobra de seu cotovelo e disse:

— Cê não vai ficar aqui o inverno inteiro.

— Vou sim — Danny disse com um sorriso tímido.

— Não, cê vai vir pra St. Pete’s comigo e aprender a cozinhar e ir pra praia todo

final de tarde pra catar siri. Né?

Danny deu uma gargalhada deliciosa e balançou a cabeça, fazendo que não. Hallorann o pôs no chão.

— Se cê for mudar de ideia — Hallorann disse, curvando-se por cima dele, sério — é bom andar rápido. Mais trinta minutos e tô no meu carro. Duas horas e meia depois disso, tô sentado no Portão 32, Terminal B, no Aeroporto Internacional de Stapleton, na cidade que fica mil metros acima do nível do mar: Denver, Colorado. Três horas depois disso, tô alugando um carro no Aeroporto de Miami e vou tá a caminho da ensolarada St. Pete's, louco pra pôr meu calção de banho e riiiindo pra caramba de qualquer pessoa presa na neve. Tá me entendendo, meu garoto?

— Sim, senhor — Danny disse sorrindo.

Hallorann virou-se para Jack e Wendy.

— Parece que cês têm um ótimo garoto.

— Achamos que ele dá pro gasto — Jack disse e ofereceu a mão. Hallorann a pegou. — Sou Jack Torrance, minha esposa Winnifred. Danny você já conheceu.

— E foi um prazer. Madame, a senhora é uma Winnie ou uma Freddie?

— Sou uma Wendy — ela disse sorrindo.

— Tá bem. Esse é melhor que os outros dois, eu acho. Por aqui. O Sr. Ullman quer que vocês façam o tour, o tour vocês vão fazer.

Ele balançou a cabeça e disse em tom baixo:

— Vou ficar feliz de nunca mais ver *ele*.

Hallorann começou a mostrá-los a cozinha mais imensa que Wendy já vira na vida. Estava brilhando de limpa. Todas as superfícies polidas com esmero até ficarem reluzentes. Era mais do que grande, era intimidante. Ela andou ao lado de Hallorann enquanto Jack, inteiramente fora de seu território, ficou um pouco para trás com Danny.

Um painel perfurado que recobria a parede e continha instrumentos de corte pendurados, os quais iam desde facas para legumes a cutelos, estava pendurado ao lado de uma pia com quatro cubas. Havia uma tábua para pães do tamanho da mesa da cozinha do apartamento deles em Boulder. Uma coleção incrível de panelas, frigideiras e fôrmas em aço inoxidável penduradas do teto ao chão, cobrindo uma parede inteira.

— Acho que terei que deixar uma trilha de migalhas de pão sempre que eu entrar aqui — ela disse.

— Não deixa isso te desanimar — Hallorann disse — É grande, mas continua sendo apenas uma cozinha. Na maioria das coisas cê nem vai ter que mexer. Deixa tudo limpo, é tudo que peço. Este é o fogão que usaria se fosse você. Tem três no total, mas este é o menor.

*O menor*, ela pensou desanimada, olhando-o. Ele tinha doze bocas, dois fornos normais, um forno a lenha, um réchaud no qual se pode cozinhar molhos a banho-maria ou cozinhar feijão, uma grelha, um aquecedor – e mais um milhão de botões e medidores de temperatura.

— Tudo a gás — Hallorann continuou. — Cê já cozinhou com gás antes, Wendy?

— Sim...

— Adoro gás — ele disse, e ligou uma das bocas. Uma chama azul surgiu e ele a ajustou, com o toque delicado, até que restasse apenas um leve brilho.

— Gosto de poder ver a chama com que tô cozinhando. Cê tá vendo onde tão todos os botões das bocas?

— Sim.

— E os botões do forno são todos marcados. Eu prefiro o do meio porque parece que ele esquenta mais por igual, mas cê pode usar o que quiser – ou todos os

três, na verdade.

— Um jantar congelado em cada um — Wendy disse, e riu sem ânimo. Hallorann gargalhou.

— Fica à vontade. Deixei uma lista de tudo que é de comer perto da pia, tá vendo?

— Tá aqui, Mamãe! — Danny trouxe duas folhas de papel, toda escritas de ambos os lados.

— Bom menino — disse Hallorann, pegando a lista e bagunçando o cabelo de Danny. — Tem certeza que não quer vir pra Flórida comigo, meu garoto? Aprender a cozinhar o melhor ensopado de camarão dessa terra?

Danny pôs as mãos por cima da boca e deu uma risadinha e foi para o lado do pai.

— Cês três podem comer aqui por um ano, eu acho — Hallorann disse. — A gente tem uma despensa refrigerada, uma câmara frigorífica, vários cestos de legumes e duas geladeiras. Vem, deixa eu mostrar.

Pelos próximos dez minutos, Hallorann abriu cestos e portas, mostrando comida em quantidades que Wendy nunca vira antes. O estoque de alimentos a surpreendeu, mas não a confortou o tanto quanto ela pensava que iria: o grupo Donner ficava vindo à sua mente, não com pensamentos de canibalismo (com toda essa comida, realmente levaria muito tempo para terem que recorrer a uma dieta tão frugal como comer uns aos outros), mas com a idéia reforçada de que isso era de fato um assunto sério. Quando a neve caísse, sair daqui não seria apenas uma viagem de carro de uma hora a Sidewinder, mas sim uma grande operação. Eles ficariam presos neste grandioso hotel deserto, comendo a comida que lhes fora deixada como criaturas num conto de fadas e escutando o vento cortante batendo no beiral do telhado coberto de neve. Em Vermont,

quando Danny quebrou o braço

(quando *Jack* quebrou o braço de Danny)

ela chamou a equipe Medix de emergência, discando o número de um pequeno cartão preso ao telefone. Eles chegaram apenas dez minutos depois. Havia outros números escritos naquele cartão. Um carro de polícia chegaria em cinco minutos e um caminhão de bombeiro em menos tempo que isso, já que o quartel do Corpo de Bombeiros ficava a apenas três quadras de distância dali. Havia uma pessoa para quem ligar se acabasse a luz, uma se o chuveiro parasse de funcionar, outra para quando a TV pifasse. Mas o que acontecerá aqui se Danny tiver um de seus desmaios e engolir a língua?

(*meu Deus, que ideia!*)

E se o lugar pegar fogo? Se o Jack cair no poço do elevador e fraturar o crânio?

E se — ?

(*e se a gente se divertir muito agora pare, Winnifred!*)

Hallorann os mostrou a câmara frigorífica primeiro, onde a respiração deles saía como balões de falas dos quadrinhos. Ali, parecia que o inverno já havia chegado.

Hambúrgueres em grandes sacos plásticos, cinco quilos em cada saco, uma dúzia de sacos. Quarenta frangos inteiros pendurados em uma fileira de ganchos nas paredes revestidas de madeira. Latas de presunto empilhadas como fichas de pôquer, uma dúzia delas. Abaixo dos frangos, dez peças de carne bovina, dez de porco e uma enorme perna de cordeiro.

— Cê gosta de cordeiro, velhinho? — Hallorann perguntou, sorrindo.

— Eu adoro — Danny disse imediatamente. Ele nunca tinha provado.

— Sabia que cê gostava. Não tem nada como duas boas fatias de cordeiro em uma noite fria, com um pouco de geleia de menta. Tem geleia de menta aqui também.

Cordeiro é um tipo de carne leve.

De trás deles, Jack disse com curiosidade:

— Como você sabia que chamamos ele de velhinho?

Hallorann se virou.

— Como?

— Danny, a gente chama ele de velhinho às vezes. Como nos desenhos do

Pernalonga.

— Ele parece um velhinho, não parece?

Ele contorceu o nariz para Danny, estalou os lábios e disse:

— Ehhh, o que é que há, velhinho?

Danny deu uma risadinha e Hallorann disse algo

*(tem certeza de que não quer ir pra Flórida, velhinho?)*

para ele, bem claramente. Danny escutou cada palavra. Olhou para Hallorann, surpreso e um pouco assustado. Hallorann piscou, sério, e voltou-se para a comida.

Wendy passou o olhar das costas largas e cobertas de sarja para seu filho. Ela teve a sensação estranha de que algo se passou entre eles, algo que ela não conseguiu acompanhar.

— Temos doze pacotes de linguiça, doze de bacon — Hallorann disse. — Coitado do porco. Nessa gaveta, dez quilos de manteiga.

— Manteiga de verdade? — Jack perguntou.

— A verdadeira, número um.

— Acho que não como manteiga de verdade desde que era uma criança em Berlin, New Hampshire.

— Bem, você vai comer aqui até enjoar — Hallorann disse, e riu. — Nesse cesto tem o pão – trinta fatias de branco, vinte de integral. Tentamos manter um equilíbrio

racial no Overlook, sabe? Agora, sei que cinquenta fatias não dão pro inverno inteiro, mas tem bastante ingrediente, e fresco é melhor que congelado sempre. Aqui embaixo guardamos o peixe. Comida pro cérebro, né, velhinho?

— É, Mãe?

— Se o Sr. Hallorann está dizendo, querido. — Ela sorriu.

Danny torceu o nariz.

— Não gosto de peixe.

— Cê tá muito enganado — Hallorann disse. — Cê só nunca comeu um peixe que tenha gostado de você. Esses peixes vão gostar de você. Dois quilos e meio de truta arco-íris, cinco quilos de pregado, quinze latas de atum —

— Ah é, eu gosto de atum.

— e dois quilos e meio do linguado mais gostoso que já nadou no mar. Meu garoto, quando a primavera chegar, cê vai agradecer o velho... — Ele estalou os dedos como se tivesse esquecido algo. — Qual é o meu nome mesmo? Acho que escapou da minha mente.

— Sr. Hallorann — Danny disse, sorrindo, — Dick para seus amigos.

— Isso mesmo! E já que cê é um amigo, me chama de Dick.

Enquanto ele os levava para o canto distante da cozinha, Jack e Wendy trocaram um olhar confuso, ambos tentando lembrar se Hallorann havia dito seu primeiro nome.

— E isso aqui eu pus especialmente pra vocês — Hallorann disse. — Espero que gostem.

— Ah, você não devia ter feito isso — Wendy disse, comovida. Era um peru de dez quilos enrolado em uma larga fita vermelho-vivo, com um laço em cima.

— Cês têm que ter o peru pro Dia de Ação de Graças, Wendy — Hallorann disse, sério. — Acho que tem um capão aqui em algum lugar pro Natal. Sem dúvida vai

encontrar. Vamos sair daqui antes de pegar uma peneumonia, né, velhinho?

— É!

Existiam mais maravilhas na despensa gelada. Cem latas de leite em pó (Hallorann a aconselhou seriamente a comprar leite fresco para o menino em Sidewinder enquanto pudesse) cinco sacos de seis quilos de açúcar, um galão de melaço, cereais, potes de vidro cheios de arroz, macarrão, espaguete; latas empilhadas de frutas e salada de frutas; cestos de maçãs que exalavam o cheiro de outono para todo o ambiente; uva-passa, ameixas e damascos secos, (“Tem que estar com o intestino regulado se quiser ser feliz”, Hallorann disse, e riu para o teto da despensa gelada, onde um lustre antigo se encontrava pendurado por uma corrente de ferro); um cesto fundo cheio de batatas; caixas menores de tomates, cebolas, nabos, abóboras e repolho.

— Minha nossa... — Wendy disse enquanto saíam. Mas ver toda aquela comida fresca depois de só poder gastar trinta dólares por semana em alimentos a deixou tão estupefata que ela nem conseguiu terminar a frase.

— Tô meio atrasado — Hallorann disse, olhando para o relógio — então vou deixar que vocês revirem os armários e geladeiras à medida que forem se acomodando. Tem queijos, leite enlatado, leite condensado, fermento, bicarbonato de sódio, um saco cheio daquelas tortas prontas, algumas pencas de banana que ainda não estão nem perto de amadurecer —

— Para — ela disse, levantando a mão espalmada e rindo. — Nunca vou me lembrar de tudo. É demais. E prometo deixar o lugar limpo.

— É tudo que peço. — Ele voltou-se para Jack — O Sr. Ullman te falou dos ratinhos no sótão dele?

Jack riu.

— Ele disse que talvez tenham alguns no sótão, e o Sr. Watson disse que talvez

tenham mais alguns no porão. Deve ter umas duas toneladas de papel lá embaixo, mas não vi nenhum picado, como se estivessem usando pra fazer ninhos.

— Aquele Watson — Hallorann disse, balançando a cabeça, fingindo pena. — Ele não é o homem mais boca suja que você já encontrou?

— Ele é uma figura — Jack concordou. O próprio pai fora o homem mais boca suja que Jack já encontrara.

— É quase triste — Hallorann disse, levando-os de volta às largas portas de vai e vem que davam na sala de jantar do Overlook. — Aquela família já teve muito dinheiro. Foi o avó do Watson, ou tataravó — não me lembro qual — que construiu esse lugar.

— Me contaram — disse Jack.

— O que aconteceu? — Wendy perguntou.

— Bom, eles não conseguiram fazer o hotel deslanchar. — Hallorann disse. — Watson que é capaz de contar a história inteira – duas vezes por dia, se você deixar. O velho cismou com o lugar. Ele deixou que o lugar o puxasse pra baixo, eu acho. Ele tinha dois filhos e um deles morreu em um acidente, montando a cavalo no terreno enquanto o hotel ainda estava em construção. Isso foi em 1908 ou 1909. A esposa do velho morreu de gripe, e aí ficaram só o velho e o filho mais novo. Eles acabaram sendo pegos de volta como zeladores no mesmo hotel que o velho construiu.

— É uma pena — disse Wendy.

— O que aconteceu com ele? Com o velho? — Jack perguntou.

— Ele enfiou o dedo num bocal de lâmpada sem querer e esse foi o fim dele — Hallorann disse. — Foi antes dos anos 30, antes da Grande Depressão fechar esse lugar por dez anos. De qualquer modo, Jack, eu ficaria grato se você e sua esposa ficassem de olho se tem ratos na cozinha também. Se por um acaso vir algum... ratoeiras, veneno não.

Jack piscou

— Mas é claro. Quem botaria veneno de rato na cozinha?

Hallorann deu uma risada debochada.

— O Sr. Ullman. Essa foi sua brilhante idéia no outono passado. Eu fui sincero com ele, disse: “E se a gente chegar aqui em maio, Sr. Ullman, e eu servir o tradicional jantar de abertura – que, por sinal, é salmão com um ótimo molho – e todo mundo passar mal e o médico chegar e disser pra você ‘Ullman, o que tem feito aqui? Cê tá com 80 das pessoas mais ricas dos Estados Unidos envenenadas!’”

Jack jogou a cabeça para trás e deu uma gargalhada sonora.

— O que o Ullman disse?

Hallorann enfiou a língua na bochecha, como se estivesse procurando um pedaço de comida ali.

— Ele disse: “Arranje umas ratoeiras, Hallorann”

Desta vez, todos riram, até Danny, apesar de não ter exatamente certeza de qual era a graça. Só sabia que tinha algo a ver com o Sr. Ullman, que não sabia de tudo afinal.

Os quatro passaram pela sala de jantar, vazia e silenciosa agora, com sua fabulosa vista dos picos das montanhas salpicados de neve a oeste. Cada uma das toalhas de mesa de linho branco havia sido coberta com uma folha de plástico transparente e grosso. O tapete, que agora ficaria enrolado até a próxima temporada, estava em pé no canto como uma sentinela.

Do outro lado da larga sala, uma porta bang-bang, e acima dela um letreiro em estilo antigo, com os dizeres *Lounge Colorado* em letras douradas.

Seguindo o olhar dele, Hallorann disse:

— Se cê for de beber, espero que tenha trazido o próprio estoque. Aquele lugar

está limpinho. Festa dos empregados ontem à noite, sabe. Todas as camareiras e os mensageiros do lugar estão andando por aí com uma dor de cabeça daquelas hoje, inclusive eu.

— Eu não bebo — Jack disse secamente. Eles voltaram para o saguão.

Tinha esvaziado bastante durante a meia hora em que ficaram na cozinha. O longo cômodo principal tinha começado a ficar silencioso e com a aparência desértica com a qual Jack supôs que se acostuariam em pouco tempo. As cadeiras de encosto alto estavam vazias. As freiras que estavam sentadas perto da lareira tinham ido embora, e o fogo agora era somente um monte de carvão que brilhava confortavelmente. Wendy olhou para o estacionamento e viu que restavam apenas uma dúzia de carros.

Ela se viu desejando poder entrar no fusca novamente e voltar para Boulder... ou para qualquer outro lugar.

Jack estava procurando por Ullman, mas ele não estava no saguão.

Uma camareira jovem, com os cabelos louro acinzentados presos na altura do pescoço, veio na direção deles.

— Sua bagagem está na varanda, Dick.

— Obrigado, Sally — ele a beijou na testa. — Cê tenha um bom inverno. Vai se casar, ouvi dizer.

Ele virou para os Torrance enquanto ela se afastava, as nádegas movendo-se firmemente.

— Tenho que correr se eu quiser chegar a tempo de pegar o avião. Quero desejar o melhor a vocês. Sei que vocês terão.

— Obrigado — disse Jack. — Você foi muito gentil.

— Cuidarei bem da sua cozinha — Wendy prometeu novamente. — Divirta-se na Flórida.

— Sempre me divirto — Hallorann disse. Ele pôs as mãos nos joelhos e curvou-se até a altura de Danny. — Última chance, cara. Quer vir pra Flórida?

— Acho que não — Danny disse, sorrindo.

— Tá bom. Quer me dar uma mãozinha com as malas até o carro?

— Se a mamãe deixar.

— Pode ir — Wendy disse, — mas você vai ter que abotoar esse casaco.

Ela se debruçou para fazê-lo, mas Hallorann foi mais rápido, seus dedos grandes e marrons movendo-se com leve destreza.

— Já mando ele de volta — Hallorann disse.

— Tudo bem — Wendy disse, e os seguiu até a porta.

Jack ainda estava procurando por Ullman. Os últimos hóspedes do Overlook estavam fazendo o check-out no balcão.

## 11 O ILUMINADO

Havia quatro bagagens empilhadas logo do lado de fora da porta. Três delas eram malas antigas, gigantes e surradas, cobertas de um couro preto que imitava pele de jacaré. A última era uma mochila, enorme, de zíper e tecido tartan desbotado.

— Aposto que *cê* aguenta aquela ali, né? — perguntou-lhe Hallorann. Ele pegou as duas malas maiores com uma mão e ergueu a outra sob o braço.

— Claro — disse Danny. Ele agarrou a mala com as duas mãos e desceu, com o cozinheiro, até os degraus da varanda, tentando, como um homenzinho, não grunhir e transparecer o tanto que estava pesada.

Um vento agudo e cortante soprava desde o momento em que chegaram; assobiava pelo estacionamento, fazendo com que Danny semicerrasse os olhos enquanto carregava a mochila de zíper à frente, batendo em seus joelhos. Umhas poucas folhas errantes de álamo farfalharam e se moveram em direção ao asfalto, ora praticamente deserto, fazendo com que Danny pensasse por um momento naquela noite da semana passada quando acordou do pesadelo e escutou – ou pensou que escutou – Tony falando para que ele não fosse.

Hallorann deixou a bagagem perto do porta-malas de um Plymouth Fury bege.

— Esse não é um carro de verdade — confidenciou a Danny, — é só alugado. A minha Bessie é outra coisa. Ela, sim, é um carro. Cadillac 1950, e se ela corre macia? Eu falo pro mundo todo. Ela fica na Flórida porque é muito velha pra toda essa escalada nas montanhas. Precisa de ajuda aí?

— Não, senhor — disse Danny. O menino conseguiu carregar a mala nos últimos dez ou doze degraus sem grunhir e foi com um grande suspiro de alívio que a

pôs no chão.

— Bom menino — disse Hallorann. Tirou um grande chaveiro do bolso de sua jaqueta de sarja azul e destrancou o porta-malas. Enquanto colocava as bagagens no carro, falou:

— Cê tem uma iluminação, garoto. Mais forte do que de qualquer outra pessoa que conheci na minha vida. E olha que já vou fazer sessenta anos nesse mês de janeiro.

— Hã?

— Cê tem um dom — disse Hallorann, virando-se para Danny. — Eu, bom, sempre chamei isso de iluminação. É como a minha vó chamava, também. E ela era iluminada. A gente costumava se sentar na cozinha quando eu era um garoto não muito mais velho do que você e a gente conversava bastante sem nem abrir a boca.

— É mesmo?

Hallorann sorriu ante a expressão boquiaberta, quase faminta de Danny e disse:

— Vem cá e senta no carro por uns minutos. Quero falar com você.

Fechou o porta-malas.

No saguão do Overlook, Wendy Torrance viu seu filho sentar-se no banco do passageiro do carro de Hallorann ao mesmo tempo que o grande cozinheiro negro entrou atrás do volante. Uma brusca ânsia de medo atingiu-a e ela abriu os lábios para dizer a Jack que Hallorann não estava brincando quando disse que levaria Danny para Flórida – era um sequestro em andamento –; porém os dois só estavam sentados. Ela mal podia ver a pequena silhueta da cabeça do filho, voltada, atentamente, para a grande, de Hallorann. Até mesmo a essa distância, aquela cabecinha tinha algo que ela reconhecia – era a maneira como seu filho olhava quando havia alguma coisa na TV que lhe exercia um fascínio particular ou quando ele e o pai jogavam “mico” ou aquele “cribbage” idiota. Jack, que ainda procurava Ullman, ainda não percebera. Wendy

manteve silêncio, observando o carro de Hallorann com nervosismo, imaginando qual seria a conversa que fazia Danny levantar a cabeça daquele jeito.

No carro, Hallorann dizia:

— Se sentiu meio que sozinho, pensando que era o único?

Danny, que tanto se sentia com medo quanto sozinho, fez que sim.

— Sou o único que você já encontrou? — perguntou.

Hallorann deu uma risada e balançou a cabeça.

— Não, criança, não. Mas *cê* é o mais iluminado.

— Então tem muitos?

— Não — disse Hallorann, — mas sua iluminação é mais forte do que a dos outros. Muita gente, eles têm um pouco de luz neles. E nem sabem. Mas eles sempre aparecem com flores quando as esposas estão se sentindo meio pra baixo naqueles dias, se dão bem nas provas da escola sem nem estudar, conseguem ter uma boa noção de como as pessoas estão se sentindo assim que entram numa sala. Já encontrei uns cinquenta ou sessenta desse jeito. Mas acho que só uns doze, contando a minha vó, que sabiam que eram iluminados.

— Uau! — disse Danny e refletiu a respeito. Então — Você conhece a Sra. Brant?

— Ela? — Hallorann perguntou com desdém. — Ela não é iluminada. Manda o jantar de volta umas duas ou três vezes toda noite.

— Eu sei que ela não é — disse Danny sério. — Mas sabe o homem de uniforme cinza que pega os carros?

— O Mike? Claro, conheço o Mike. O que é que tem ele?

— Sr. Hallorann, por que ela queria a calça dele?

— Do que *cê* tá falando, garoto?

— Bom, enquanto ela olhava pra ele, ela pensava que com certeza queria se enfiar dentro da calça dele e fiquei pensando porque...

Ele, porém, não prosseguiu. Hallorann jogou a cabeça para trás e soltou do peito uma sonora e misteriosa gargalhada, que ressoou no carro como um tiro de canhão e fez o assento tremer, tamanha a força. Danny sorriu, confuso, e, por fim, o trovão deu lugar a risadas entrecortadas. Hallorann retirou um grande lenço de seda do bolso da camisa como se levantasse uma bandeira de rendição e enxugou as lágrimas dos olhos.

— Garoto, — ele disse, ainda um pouco resfolegante — cê vai aprender tudo o que tem que saber sobre a condição humana antes de completar dez anos. Não sei se fico ou não fico com inveja de você.

— Mas a Sra. Brant...

— Não liga pra ela, não — disse. — E nem vai perguntar pra sua mãe. Ela só ia ficar chateada contigo, saca o que quero dizer?

— Entendo, senhor — respondeu Danny. Ele sacava perfeitamente bem. Ele já havia chateado a mãe assim outra vez.

— Aquela Sra. Brant não passa de uma velha sem-vergonha cheia de vontade, é tudo o que cê precisa saber — ele olhou para Danny intrigado. — Até onde cê consegue chegar, velhinho?

— Hã?

— Me dá um show, vai. Pensa em mim. Quero saber se cê vai tão longe quanto acho que vai.

— No que você quer que eu pense?

— Qualquer coisa. Só pensa com força.

— Tá bom — disse Danny. Ponderou por um momento, depois reuniu toda sua concentração e a dirigiu para Hallorann. Nunca fizera nada exatamente assim antes e, no

último instante, alguma parte instintiva dele emergiu e moderou um pouco da força bruta do pensamento; ele não queria machucar o Sr. Hallorann. Contudo, o pensamento disparou de dentro dele com uma força que ele nunca acreditaria. Era como uma bola rápida de Nolan Rylan com uma forcinha extra.

(Nossa, espero que não machuque)

E o pensamento foi:

*(!!! OI, DICK!!!)*

Hallorann estremeceu e deu um solavanco para trás no assento. Seus dentes se juntaram com um estalo, de maneira que escorreu sangue do lábio inferior numa fina gota. Suas mãos se levantaram do colo involuntariamente até a altura do peito e depois repousaram de novo. Por um momento, suas pálpebras tremularam débeis, sem controle consciente, e Danny se assustou.

— Sr. Hallorann? Dick? Tá tudo bem?

— Não sei — disse Hallorann e deu uma risada fraca. — Juro por Deus que não sei. Meu Deus, garoto, você é uma arma.

— Desculpa — replicou Danny, mais alarmado. — É melhor eu chamar o papai? Vou correndo chamar.

— Não, aqui estou eu. Tô bem, Danny. Pode ficar sentado aí. Me sinto meio remexido, nada de demais.

— Não fui com toda a força que eu podia — confessou o menino. — Fiquei com medo, na última hora.

— É capaz, sorte minha que você ficou ... Meus miolos iam sair pelas orelhas.

Ele viu a expressão de alarme em Danny e sorriu.

— Não me machucou. Como você se sentiu?

— Igual o Nolan Ryan jogando uma bola rápida — replicou logo.

— Gosta de beisebol, né? — Hallorann massageava as têmporas com cuidado.

— O papai e eu gostamos do *Angels* — contou Danny. — Do *Red Sox*, na divisão Leste da Liga Americana e do *Angels*, na divisão do Oeste. A gente foi ver o *Red Sox* contra Cincinnati na Série Mundial. Eu era mais pequeno na época. E o Papai era... — o semblante de Danny tornou-se lúgubre e preocupado.

— O que foi, Dan?

— Esqueci — disse Danny. Começou a colocar o polegar na boca para chupá-lo, mas aquilo era coisa de bebê. Colocou a mão de volta ao colo.

— Consegue saber o que sua mãe e seu pai tão pensando, Danny? — Hallorann o observava de perto.

— Quase sempre, se eu quiser. Mas eu quase nunca tento.

— Por que não?

— Bom... — ele pausou por um momento, confuso. — Porque é como ficar espiando o quarto e ver eles fazendo aquilo que faz os bebês. Você sabe o que que é?

— Já tive familiaridade com aquilo — disse Hallorann, sério.

— Eles não iam gostar disso. E eles não iam gostar que eu espiasse o que eles pensam. Ia ser jogar sujo.

— Entendo.

— Mas eu sei como eles se sentem — disse Danny. — Não tenho como não saber. Também sei o que você tá sentindo. Eu te machuquei. Desculpa.

— É só uma dor de cabeça. Já tive ressacas piores. Consegue ler outras pessoas, Danny?

— Ainda não consigo ler direito — respondeu — só poucas palavras. Mas o Papai vai me ensinar a ler nesse inverno. Meu papai ensinava a ler e a escrever numa escola grande. Mais escrever, mas ele também sabe ler.

— Quero dizer, cê consegue saber o que qualquer pessoa tá pensando?

Danny refletiu.

— Eu consigo se for *alto* — disse, por fim. — Como a Sra. Brant e as calças. Ou que nem uma vez, quando eu e a Mamãe, a gente tava numa loja grande pra comprar sapato pra mim, tinha uma criança grande olhando os rádios e ele pensou em levar um sem pagar. Aí ele pensou, “e se eu for preso”? E depois pensou, “como eu quero um desses”. Aí ele pensou de novo em ser preso. Ele tava se sentindo mal com isso e ele tava me fazendo mal. A Mamãe tava falando com o homem que vende os sapatos, então eu fui e falei, “menino, não pega o rádio. Vai embora”. E ele ficou com medo de verdade. Ele saiu correndo.

Hallorann sorria de orelha a orelha.

— Não duvido nada. Consegue fazer mais alguma coisa, Danny? São só pensamentos e sensações, ou tem mais?

Com cautela:

— Tem mais coisas pra você?

— Às vezes — disse Hallorann. — Nem sempre. Às vezes... Às vezes tenho sonhos. Cê sonha, Danny?

— Têm vezes — Danny disse — que eu sonho acordado. Depois que o Tony aparece — seu polegar queria voltar para a boca mais uma vez. Ele nunca contou para ninguém sobre o Tony, só para a Mamãe e o Papai. Fez com que a mão que chupava o polegar voltasse para o colo.

— Quem é Tony?

E, de repente, Danny teve um daqueles momentos de compreensão súbita que o assustavam mais do que tudo; era como um vislumbre repentino de alguma máquina incompreensível que pode ser tanto segura quanto perigosa e mortal. Ele era muito novo

para saber qual das duas opções. Era muito novo para entender.

— O que tem de errado? — exclamou. — Você me perguntou isso tudo porque você tá preocupado, né? Por que você tá preocupado comigo? Por que você tá preocupado com *a gente*?

Hallorann pôs suas grandes mãos escuras nos ombros do garotinho.

— Para! — disse. — É capaz de não ser nada. Mas se for... Bom, cê tem uma coisa importante na sua cabeça, Danny. Cê precisa crescer um bocado antes de conseguir lidar com isso, eu acho. Cê tem que ser corajoso.

— Mas eu não *entendo* as coisas! — Danny irrompeu. — Eu sei, mas não sei! As pessoas... Elas sentem coisas e eu sinto as mesmas coisas, mas eu não sei o que eu tô sentindo!

Ele olhou para o colo com tristeza.

— Eu queria saber ler. Às vezes o Tony me mostra placas e não consigo ler quase nenhuma.

— Quem é Tony? — Hallorann perguntou mais uma vez.

— A Mamãe e o Papai falam que o Tony é meu “amigo invisível” — disse Danny, recitando as palavras com cuidado. — Mas ele é real. Pelo menos, eu acho que é. Às vezes, quando eu tento pensar com força nas coisas, ele vem. Ele fala, “Danny, quero te mostrar uma coisa”. E parece que eu desmaio. É só que... tem uns sonhos, como você falou — ele olhou para Hallorann e conteve-se. — Antes eles eram bons. Mas agora... Eu não consigo lembrar a palavra pros sonhos que dão medo e fazem a gente chorar.

— Pesadelos? — perguntou Hallorann.

— É. É isso. Pesadelos.

— Com esse lugar? Com o Overlook?

Danny olhou de novo para a mão do polegar que chupava.

— Sim — ele sussurrou. Em seguida, disse em tom estridente, olhando para o rosto de Hallorann:

— Mas eu não posso contar pro papai e nem você pode! Ele precisa desse emprego porque é o único que o Tio Al conseguiu pra ele e ele precisa terminar a peça, senão ele vai começar a fazer a Coisa Feia de novo e eu sei o que isso é, é ficar *bêbado*, é isso que é, é quando ele sempre ficava bêbado e aquilo era fazer uma Coisa Feia! — o menino parou, à beira de lágrimas.

— Shh — disse Hallorann e levou o rosto de Danny contra a sarja áspera de sua jaqueta. Ela tinha cheiro de naftalina. — Tá tudo bem, filho. E se seu dedão gosta da sua boca, deixa ele ir pra onde ele quiser — mas em seu rosto havia preocupação.

Ele disse:

— O que você tem, filho, eu chamo de ser iluminado, a Bíblia chama de ter visões e têm cientistas que chamam de precognição. Já li sobre isso, filho. Já estudei sobre isso. Todos eles significam ver o futuro. Entende?

Danny fez que sim, a cabeça contra a jaqueta de Hallorann.

— Lembro da iluminação mais forte que eu já tive assim... Nunca vou esquecer. Era 1955. Ainda tava no Exército, na época, servindo no estrangeiro, na Alemanha Ocidental. Era uma hora antes da janta e eu tava no tanque, dando uma bronca num soldado que tava tirando boa parte da batata junto com a casca. E eu falo, “Aqui, deixa eu mostrar como é que se faz”. Ele me entregou a batata e o descascador e depois toda a cozinha sumiu. Bum, desse jeito. Cê disse que vê esse cara, o Tony, antes... antes de sonhar?

Danny confirmou.

Hallorann pôs um braço em torno do menino.

— Comigo é cheiro de laranja. Naquela tarde toda eu fiquei sentindo cheiro de laranja e nem me preocupei, porque elas tavam no cardápio da noite – a gente tinha trinta engradados de laranja Valência. Todo o pessoal da droga daquela cozinha tava sentindo cheiro de laranja naquela noite.

— Por um segundo pensei que tinha desmaiado. Aí, depois, ouvi uma explosão e vi umas chamas. Tinha gente gritando. Sirenes. E ouvi esse barulho *assobiante* que só podia ser de vapor. Depois pareceu que eu cheguei mais perto do sei lá o que era aquilo e vi um vagão fora dos trilhos e caído de lado, escrito *Estrada de Ferro Geórgia e Carolina do Sul* nele e eu soube, como um relâmpago, que meu irmão Carl tava naquele trem e ele saiu do trilho e Carl tinha morrido. Desse jeito. E então desapareceu e aquele cozinheirinho medroso e tapado na minha frente, ainda segurando a batata e o descascador. Ele diz, “tá bem, Sargento?” E eu digo, “Não. Meu irmão acabou de morrer lá na Geórgia”. E quando finalmente consegui falar com a mãe no telefone internacional, ela me disse como aconteceu.

— Mas, olha só, garoto, eu já sabia como tinha sido.

Ele balançou a cabeça devagar, como se despedindo da lembrança, e olhou para o menino de olhos arregalados.

— Mas a coisa que cê tem que lembrar, meu garoto, é isso aqui: *essas coisas nem sempre acabam acontecendo*. Lembro que há quatro anos eu trabalhava como cozinheiro num acampamento de meninos lá no Maine, em Long Lake. Então eu tava sentado no portão de embarque no Aeroporto de Logan, em Boston, esperando meu voo e comecei a sentir cheiro de laranja. Pela primeira vez em, acho que, uns cinco anos. Aí falei pra mim mesmo, “Meu Deus, o que será que vem agora nesse show louco?” e fui pro banheiro e sentei num dos boxes para ter privacidade. Eu não desmaiei, mas comecei a ter essa sensação cada vez mais forte de que meu avião ia cair. Depois a

sensação passou, e o cheiro de laranjas também, e eu sabia que tinha acabado. Voltei pro balcão das Linhas Aéreas Delta e mudei meu voo para umas três horas mais tarde. E sabe o que aconteceu?

— O quê? — Danny murmurou.

— Nada! — disse Hallorann e riu. Também estava aliviado de ver o menino sorrir um pouco. — Nadica de nada! O velho avião aterrissou bem na hora e sem nem um solavanco nem um arranhão. Aí você vê... Às vezes essas sensações não dão em nada.

— Ah — disse Danny.

— Ou que nem quando a pessoa vai apostar nos cavalos. Eu aposto bastante e geralmente vou muito bem. Eu fico perto da pista quando eles vão pro portão de largada, e às vezes tenho um pouco de iluminação nesse ou naquele cavalo. Em geral, essas sensações me ajudam a ficar bem de verdade. Sempre digo que um dia vou ganhar, de uma vez, três apostas em três azarões e fazer bastante na trifeta pra me aposentar cedo. Ainda não aconteceu. Mas eu vivo voltando pra casa nas minhas próprias “patas”, em vez de voltar num táxi, com minha carteira recheada. Ninguém é iluminado o tempo todo, com exceção de Deus lá no céu.

— Sim, senhor — disse Danny, pensando na época de quase um ano atrás quando Tony lhe mostrou um novo bebê deitado num berço na casa deles em Stovington. Ele ficou muito empolgado com a notícia e esperou, sabendo que levava tempo, mas não houve nenhum bebê.

— Agora escuta — disse Hallorann e tomou as mãos de Danny nas suas. — Eu já tive uns sonhos ruins aqui e tive sensações ruins. Já trabalhei aqui por duas temporadas e acho que uma dúzia de vezes eu tive... bom, pesadelos. E acho que uma meia dúzia de vezes eu pensei ter visto coisas. Não, não vou dizer o quê. Não é pra um

garotinho como você. Só coisas horríveis. Uma vez teve a ver com aquelas malditas cercas vivas podadas que nem bichos. Noutra vez tinha uma moça, Delores Vickery era o nome dela, e ela tinha um pouquinho de iluminação nela, mas eu não acho que ela sabia. O Sr. Ullman demitiu ela... Sabe o que é isso, velhinho?

— Sei, senhor, — disse Danny com franqueza — meu pai foi demitido do trabalho de professor e é por isso que a gente tá no Colorado, eu acho.

— Bom, o Ullman demitiu a moça porque ela tava dizendo ter visto alguma coisa num dos quartos onde... bom, onde uma coisa ruim aconteceu. Foi no quarto 217, e quero que cê me prometa que não vai lá, Danny. Em todo o inverno. Fica bem longe de lá.

— Tá bom — disse Danny. — A senhorita, a moça, ela te pediu pra dar uma olhada?

— Pediu sim. E tinha uma coisa ruim lá. Mas... Eu não acho que era uma coisa ruim que pudesse machucar alguém, Danny, é o que tô tentando te falar. As pessoas que são iluminadas às vezes podem ver coisas que ainda vão acontecer, e acho que de vez em quando elas podem ver coisas que já aconteceram. Mas são só figuras num livro. Cê já viu uma figura num livro que te deu medo, Danny?

— Já — respondeu, pensando na história do *Barba Azul* e na figura em que a nova esposa do *Barba Azul* abre a porta e vê todas as cabeças.

— Mas cê sabia que não podia te machucar, sabia?

— Sa... bia. — disse, um pouco em dúvida.

— Bom, é desse jeito no hotel. Não sei o porquê, mas parece que todas as coisas ruins que aconteceram por aqui, tem pedacinhos dessas coisas que ainda estão por aí como pedaços de unha ou meleca que algum porco grudou debaixo duma cadeira. Não sei por que tem que ser justo aqui, acontece coisa ruim em quase todo hotel do mundo,

eu acho, e eu já trabalhei em um monte e nunca tive problema. Só aqui. Mas Danny, eu não acho que essas coisas podem machucar alguém — ele frisou cada palavra na frase com um leve chacoalhar nos ombros do menino. — Então se acontecer de cê ver alguma coisa, num corredor ou quarto ou do lado de fora, naquelas cercas viva... olha pra outro lado e quando cê olhar de novo, já vai ter sumido. Entende o quero dizer?

— Entendo — disse Danny. Ele se sentia muito melhor, confortado. Ajoelhou-se, deu um beijo na bochecha de Hallorann e deu-lhe um grande abraço apertado. Hallorann retribuiu o abraço.

Quando soltou o menino, perguntou:

— Seus velhos, eles não têm a iluminação, né?

— Não, acho que não.

— Eu testei os dois como fiz com você — Hallorann disse. — Sua mamãe teve um pequeno sobressalto. Eu acho que todas as mães são um pouco iluminadas, sabe, pelo menos até os filhos crescerem o bastante pra se cuidarem sozinhos. Seu pai...

Hallorann pausou por um momento. Ele testara o pai da criança e simplesmente não sabia. Não era como se encontrasse alguém que tivesse a iluminação, ou alguém que com certeza não tinha. Remexer o pai do Danny havia sido... estranho, como se Jack Torrance tivesse alguma coisa, *alguma coisa* que escondia. Ou algo que guardava num local tão profundo e suprimido que era impossível de se alcançar.

— Eu não acho que ele seja iluminado — concluiu Hallorann. — Então não se preocupa com eles. Basta cuidar de você mesmo. *Não acho que tenha nada aqui que pode te machucar.* Então fica frio, beleza?

— Tá.

— *Danny! Ei, velhinho!*

— Danny olhou ao redor. — É a Mamãe. Ela tá me chamando. Tenho que ir.

— Eu sei — disse Hallorann. — Que você passe bons dias aqui, Danny. O quanto for possível, de qualquer forma.

— Certo. Obrigado, Sr. Hallorann. Me sinto bem melhor.

Um pensamento feliz passou por sua mente:

(Dick, pros meus amigos)

(Tá bom, Dick)

Os olhos dos dois se encontraram e Dick Hallorann deu uma piscada.

Danny se arrastou pelo assento do carro e abriu a porta do lado do passageiro.

Enquanto saía, Hallorann disse:

— Danny?

— O que foi?

— Se tiver algum problema... dá uma chamada. Um gritão alto igual àquele que cê me nocauteou há alguns minutos atrás. Pode ser que eu te escute mesmo lá na Flórida. E se escutar, venho correndo.

— Tá — disse Danny e sorriu.

— Se cuida, garotão.

— Tá bom.

Danny bateu a porta e saiu correndo pelo estacionamento em direção à varanda, onde estava Wendy, segurando os cotovelos contra o vento friozinho. Hallorann observava, o grande sorriso esmorecendo devagar.

Não acho que tenha nada aqui que pode te machucar.

Não *acho*.

Mas e se estivesse errado? Ele sabia que essa era a última temporada dele no Overlook desde quando viu aquela coisa na banheira do Quarto 217. Foi pior do que qualquer figura de qualquer livro, e daqui o garoto correndo para a mãe parecia tão

*pequeno...*

Não *acho* —

Seus olhos vaguearam na direção dos animais da topiaria.

Com brusquidão, deu partida no carro, engatou a primeira e foi embora, tentando não olhar para trás. E é claro que olhou, e é claro que a varanda estava vazia. Eles haviam entrado. Era como se o Overlook os tivesse engolido.

No outro cômodo, Wendy escutava a máquina de escrever que Jack havia trazido lá de baixo ganhar vida por trinta segundos, ficar em silêncio por um minuto ou dois, e voltar a fazer barulho por breves instantes. Era como escutar tiros de metralhadora vindos de uma casamata isolada. O som era música para os ouvidos dela; Jack não escrevia tão regularmente desde o segundo ano de seu casamento, quando ele escreveu a história que a revista *Esquire* comprou. Ele disse que achava que a peça estaria pronta ao final do ano, por bem ou por mal, e então se concentraria em algo novo. Disse que não se importava se “*A Pequena Escola*” não despertasse interesse quando Phyllis a mostrasse por aí, não se importava se a peça afundasse sem deixar vestígios, e Wendy acreditava nisso. O fato de ele estar escrevendo a deixava cheia de esperanças, não porque ela tinha grandes expectativas para a peça, mas porque seu marido parecia estar fechando, lentamente, uma porta imensa de um quarto cheio de monstros. Ele estava com o pé nessa porta fazia um bom tempo, mas enfim ela estava se fechando.

Cada tecla digitada a fechava um pouco mais.

— Olhe, Dick, olhe.

Danny estava curvado em cima da primeira de cinco cartilhas gastas que Jack havia conseguido procurando, sem piedade, pela miríade de sebos em Boulder. Elas levariam Danny direto ao nível de leitura da segunda série, um plano que ela havia dito ao Jack que achava ambicioso demais. O filho deles era inteligente, eles sabiam disso, mas seria um erro forçá-lo a ir muito longe tão rápido. Jack concordou. Não iriam forçá-lo. Mas se a criança aprendesse rápido, eles estariam preparados. E agora ela se perguntava se Jack não estava certo sobre isso também.

Danny, após alguns anos sendo preparado por programas infantis como “Vila Sésamo” e “Electric Company”, parecia estar aprendendo numa velocidade quase que assustadora. Isso a incomodava. Ele, curvado sobre os livrinhos inócuos como se sua vida dependesse em aprender a ler, seu rádio de galena e seu planador de madeira na prateleira acima dele. Seu rostinho estava muito tenso e pálido no brilho próximo e confortável da luminária flexível que eles puseram em seu quarto, e isso não a agradava. Ele estava levando a leitura e os exercícios que seu pai preparava-lhe todas as tardes muito a sério. Figura de uma maçã e de um pêssigo. A palavra *maçã* escrita embaixo com a caligrafia grande e bem feita de Jack. Circule a figura certa, a que combina com a palavra. E o filho deles olhava das figuras para a palavra, seus lábios se mexendo, balbuciando a palavra, *suando*. E com seu lápis vermelho duas vezes maior que o normal encaixado em seu punho direito gordinho e cerrado, ele já conseguia escrever cerca de três dúzias de palavras sozinho.

Seu dedo acompanhava as palavras na cartilha vagorosamente. Acima delas estava uma figura da qual Wendy se lembrava vagamente, dos tempos em que ela estava na alfabetização, dezenove anos atrás. Um garoto sorridente de cabelo castanho e encaracolado. Uma garota com um vestido curto, segurando uma corda de pular em uma mão, os cabelos com cachos louros e abertos. Um cachorro saltitante correndo atrás de uma bola vermelha. A trindade da primeira série americana. Dick, Jane e Jip.

— Veja Jip correr — Danny leu devagar. — Corra, Jip, corra. Corra, corra, corra.— Ele pausou, descendo o dedo uma linha. — Veja a... — Ele se debruçou mais, seu nariz quase encostando na página agora. — Veja a...

— Não tão perto, velhinho. — Wendy disse calma. — Você vai machucar os olhos. É —

— Não fala! — Ele disse endireitando-se de forma repentina. Estava com o tom

de voz alarmado. — Não me fala, Mamãe, eu consigo!

— Tá bom, querido — ela disse. — Mas não é nada demais. Sério, não é.

Sem prestar atenção, Danny debruçou-se novamente. No seu rosto, uma expressão que era mais fácil de ser vista pairando sobre um histórico de graduação em uma faculdade em algum lugar. Ela estava gostando cada vez menos.

— Veja a boh. ó. Éle. Ah. Veja a bóó -éle-ah? Veja a bó-la. *Bola!* —  
Repentinamente triunfante. Destemido. O tom corajoso em sua voz a assustou. — *Veja a bola!*

— Isso mesmo — ela disse. — Querido, acho que é o suficiente por hoje.

— Só mais algumas páginas, Mamãe. Por favor!

— Não, velhinho — Ela fechou o livro de capa vermelha firmemente. — Tá na hora de dormir.

— Por favor!

— Não me perturba com isso, Danny, Mamãe tá cansada.

— Tá bom.

Mas ele olhou desejoso para o livro.

— Vai dar um beijo no seu pai e depois vai se lavar. Não esquece de escovar os dentes.

— Tá.

Ele se arrastou para fora, um garotinho usando calça de pijama com pezinho e uma camiseta de flanela larga com uma bola de futebol americano na frente e NEW ENGLAND PATRIOTS escrito nas costas. A máquina de escrever de Jack parou, e ela ouviu o caloroso estalo dos lábios de Danny.

—‘Noite, Papai.

— Boa noite, velhinho. Como você se saiu?

— Bem, eu acho. A Mamãe me obrigou a parar.

— Mamãe tá certa. Já passa das oito e meia. Tá indo ao banheiro?

— Tô.

— Muito bem. Têm batatas nascendo no seu ouvido. E cebolas e cenouras e cebolinhas e —

O riso de Danny se afastando, e, depois, interrompido pelo “clique” firme da porta do banheiro. Ele gostava de privacidade no banheiro, enquanto ela e Jack não ligavam. Outro sinal — e eles se multiplicavam o tempo todo — de que havia outro ser humano no lugar, e não apenas uma cópia em papel carbono de um deles, ou uma combinação dos dois. Isso a deixava um pouco triste. Algum dia o seu filho seria um estranho para ela, e ela seria estranha para ele também... mas não tão estranha quanto a própria mãe tornara-se para ela. Por favor não deixe que seja desse jeito, Deus. Deixe que ele cresça e continue amando a mãe.

A máquina de escrever de Jack começou com suas erupções irregulares novamente.

Ainda sentada na cadeira ao lado da escrivaninha de Danny, ela deixou que seus olhos passassem pelo quarto do filho. A asa do planador fora colada cuidadosamente. A escrivaninha estava com uma pilha de livros de gravuras, livros de colorir, quadrinhos velhos do Homem-Aranha com as capas rasgadas, gizes de cera, e uma pilha desarrumada de bloquinhos de construção. A miniatura de fusca foi posta acima dessas coisas menos significantes, ainda coberta com o plástico. Ele e o pai a montariam amanhã à noite ou na noite seguinte se Danny continuasse nesse ritmo, e nem sei no final da semana. Suas gravuras do ursinho Puff e do Bisonho e do Cristóvão estavam cuidadosamente presas à parede com tachinhas, e logo seriam substituídas por pinups e fotos de roqueiros maconheiros, ela supôs. Da inocência à experiência. Natureza

humana, baby. Não tem como escapar. Mas ainda sim isso a deixava triste. Ano que vem ele estaria na escola e ela perderia metade dele, talvez mais, para os amigos. Ela e Jack tentaram ter outro filho por algum tempo quando as coisas pareciam estar bem em Stovington, mas agora ela estava tomando a pílula novamente. As coisas estavam muito incertas. Só Deus sabia onde estariam em nove meses.

Os olhos dela voltaram-se para o ninho de vespas.

Estava em um lugar de destaque no quarto de Danny, em cima de um grande prato de plástico na mesa ao lado de sua cama. Ela não gostava do ninho, mesmo estando vazio. Ela se perguntava se poderia ter germes, pensou em perguntar ao Jack, e então decidiu que ele riria dela. Mas perguntaria ao médico amanhã, se conseguisse falar com ele sem que Jack estivesse por perto. Ela não gostava daquela coisa, construída da saliva e de coisas mastigadas de tantas criaturas estranhas, ali, a menos de um metro da cabeça adormecida de seu filho.

A água no banheiro ainda estava ligada e ela levantou e entrou no quarto grande para ter certeza de que tudo estava bem. Jack não tirou o olho do papel; ele estava perdido no mundo que estava criando, olhando para a máquina de escrever, um cigarro com filtro preso entre os dentes.

Ela bateu de leve na porta do banheiro.

— Você tá bem, velhinho? Tá acordado?

Sem resposta.

— Danny?

Sem resposta. Ela tentou abrir a porta. Estava trancada.

— Danny?

Estava preocupada agora. O silêncio por debaixo do som constante da água corrente a deixou nervosa.

— Danny? Abra a porta, querido.

Sem resposta.

— Danny!

— Meu Deus, Wendy, não consigo raciocinar se você for ficar batendo na porta a noite inteira.

— O Danny se trancou no banheiro e não me responde!

Jack deu a volta na mesa, parecendo estar irritado. Ele bateu na porta uma vez, com força.

— Abra, Danny. Sem gracinhas.

Sem resposta.

Jack bateu mais forte.

— Pare de brincadeira, velhinho. Hora de dormir é hora de dormir. Você vai apanhar se não abrir.

*Ele está perdendo o controle*, ela pensou, e ficou com mais medo. Ele não havia tocado em Danny com raiva desde aquela noite dois anos atrás, mas naquele momento parecia estar com raiva o suficiente para fazê-lo.

— Danny, querido — ela começou.

Sem resposta. Somente a água corrente.

— Danny, se você fizer eu quebrar essa fechadura posso garantir que você vai passar a noite dormindo de braços — Jack avisou.

Nada.

— Quebra — ela disse, e de repente ficou difícil de falar. — Rápido.

Ele levantou um pé e o abaixou com força contra a porta, à direita da maçaneta. A tranca era fraca, cedeu imediatamente e a porta estremeceu e abriu, batendo na parede de azulejos do banheiro, e voltando até metade do caminho.

— *Danny!* — ela gritou.

A água estava correndo com força total na cuba da pia. Ao lado, um tubo de pasta de dente sem tampa. Danny estava sentado na borda da banheira, do outro lado do cômodo, segurando sem firmeza a escova de dente na mão esquerda e com uma fina linha de espuma ao redor da boca. Ele estava olhando, como se estivesse em transe, fixamente para o espelho do armário de remédios acima da pia. A expressão em seu rosto era como a de alguém terrivelmente drogado, e o primeiro pensamento de Wendy foi de que ele estivesse tendo algum tipo de ataque epilético, que ele pudesse ter engolido a língua.

— *Danny!*

Danny não respondeu. Sons guturais vinham de sua garganta. E então ela foi empurrada para o lado com tanta força que bateu no porta-toalhas, e quando viu, Jack estava ajoelhado na frente do menino.

— *Danny* — ele disse. — *Danny, Danny!* — Ele estalou os dedos na frente dos olhos vazios de Danny.

— *Ah. Claro* — *Danny* disse. — *Jogo de Torneio. Golpe. Nuurrrrrr...*

— *Danny* —

— *Roque!* — *Danny* disse, sua voz repentinamente grave, quase como a de um homem. — *Roque. Golpe. O taco de roque... tem dois lados. Gaaaaaa* —

— *Jack, meu Deus, o que está acontecendo com ele?*

Jack pegou o menino pelos cotovelos e o balançou com força. A cabeça de Danny balançou debilmente para trás e voltou rapidamente para frente, como se fosse um balão preso a um palito.

— *Roque. Golpe. Mar rom.*

Jack o balançou novamente, e os olhos de Danny clarearam de repente. A escova

de dente caiu de sua mão no chão de azulejos, fazendo um pequeno “clique”.

— O quê? — ele perguntou, olhando a sua volta. Ele viu seu pai de joelhos na sua frente, Wendy em pé perto da parede. — Quê? — Danny perguntou novamente, com um medo crescente. — O-o-o que qu-que f-fo —

— *Não gagueje!* — Jack gritou na sua cara de repente. Danny gritou, chocado. Seu corpo ficou tenso, tentando afastar-se do pai, e então ele se desfez em lágrimas. Arrependido, Jack o puxou para perto.

— Ó querido, me desculpe. Me desculpe, velhinho. Por favor. Não chore. Me desculpe. Tá tudo bem.

A água corria sem parar na cuba, e Wendy se sentia como se tivesse entrado de repente em um pesadelo sufocante no qual o tempo voltava, voltava para a época em que seu marido bêbado havia quebrado o braço de seu filho e depois choramingou, dizendo quase exatamente as mesmas palavras.

*(Ó querido. Me desculpe. Me desculpe, velhinho. Mil desculpas.)*

Ela correu para eles, arrancou Danny dos braços de Jack de alguma forma (ela viu o olhar de reprovação raivosa em seu rosto, mas decidiu preocupar-se com isso depois), e levantou-o. Levou-o de volta ao quarto pequeno, os braços de Danny ao redor de seu pescoço, Jack os seguindo.

Ela se sentou na cama de Danny e balançou-o para frente e para trás, acalmando-o com palavras bobas, que repetia de novo e de novo. Ela olhou para Jack e havia apenas preocupação em seus olhos agora. Ele levantou as sobrancelhas, expressando dúvida. Ela balançou a cabeça de leve.

— Danny — ela disse. — Danny, Danny, Danny. Tá tudo bem, velhinho. Tá tudo bem.

Finalmente, Danny estava quieto, apenas tremia um pouco em seus braços.

Porém, foi com Jack que ele falou primeiro, Jack que agora estava sentado ao lado deles na cama, e ela sentiu a velha pontada

(É ele primeiro e sempre foi ele primeiro)

de ciúmes. Jack havia gritado com ele, ela o confortou, mas mesmo assim foi para o pai que Danny disse:

— Me desculpe se fui um menino mau.

— Não há pelo que se desculpar, velhinho. — Jack bagunçou o cabelo dele. —

O que diabos aconteceu lá dentro?

Danny balançou a cabeça vagarosamente, confuso.

— Eu... eu não sei. Por que que você mandou eu parar de gaguejar, Papai? Eu não gaguejo.

— Claro que não — Jack disse energicamente, mas Wendy sentiu um toque gelado em seu coração. Jack pareceu assustado de repente, como se tivesse visto algo que pudesse ser um fantasma.

— Algo sobre o cronômetro... — Danny resmungou.

— *O quê?* — Jack estava debruçando-se para frente, e Danny se encolheu nos braços da mãe.

— Jack, você está assustando ele! — ela disse, e sua voz estava alta, acusatória.

Ela percebeu repentinamente que todos eles estavam com medo. Mas de quê?

— Eu não sei, eu não sei — Danny estava dizendo para o pai. — O que... O que que eu disse, Papai?

— Nada — Jack murmurou. Ele tirou o lenço do bolso de trás e secou a boca com ele. Wendy sentiu, por um momento, aquela sensação enjoativa de que estavam voltando no tempo novamente. Aquele era um gesto do qual ela lembrava bem dos dias de bebedeira de Jack.

— Por que você trancou a porta, Danny? — ela perguntou delicadamente — Por que fez isso?

— Tony — ele disse. — Tony mandou eu trancar.

Eles trocaram olhares por cima da cabeça dele.

— Tony disse o porquê, filho? — Jack perguntou com calma.

— Eu estava escovando os dentes e pensando na minha leitura — Danny disse.

— Pensando bastante. E... e eu vi Tony bem no fundo do espelho. Ele disse que tinha que me mostrar de novo.

— Quer dizer que ele estava atrás de você? — Wendy perguntou.

— Não, ele estava *dentro* do espelho. — Danny foi bastante enfático quanto a isso. — Bem lá no fundo. E aí eu entrei no espelho. Depois só me lembro do Papai me balançando e eu achei que eu estava sendo mau de novo.

Jack estremeceu, chocado.

— Não, velhinho, — disse com calma.

— Tony mandou você trancar a porta? — Wendy perguntou, passando a mão nos cabelos dele.

— Sim.

— E o que ele queria te mostrar?

Danny ficou tenso nos braços dela; era como se os músculos do corpo dele tivessem se transformado em algo como cordas de piano.

— Não me lembro — ele disse perturbado. — Não me lembro. Não me pergunta. Eu... eu não me lembro de nada!

— Shh.— Wendy disse, alarmada. Ela começou a balançá-lo novamente. — Não tem problema se você não lembra, querido. Claro que não.

Finalmente, Danny começou a relaxar novamente.

— Quer que eu fique um pouco? Leia uma historinha?

— Não, só liga o abajur. — Ele olhou timidamente para seu pai. — Você pode ficar, Papai? Só um pouquinho?

— Claro, velhinho.

Wendy suspirou.

— Estarei na sala, Jack.

— Tá bem.

Ela levantou e observou enquanto Danny entrou embaixo das cobertas. Ele parecia tão pequeno.

— Tem certeza que está bem, Danny?

— Tô bem. Liga o Snoopy, Mãe.

— Claro.

Ela ligou o abajur, que era o Snoopy dormindo profundamente em cima de sua casinha. Ele nunca quis um abajur, até se mudarem para o Overlook. Foi então que ele pediu um. Ela desligou a luminária e a luz do quarto e olhou para eles, o pequeno círculo branco que era o rosto de Danny, e o de Jack, acima dele. Ela hesitou um momento

*(e aí eu entrei pelo espelho)*

e depois os deixou, em silêncio.

— Você está com sono? — Jack perguntou, afastando o cabelo de Danny de sua testa.

— Tô.

— Quer um copo d'água?

— Não...

Ficaram em silêncio por cinco minutos. Jack ainda estava com a mão na testa de

Danny. Achando que o garoto tinha adormecido, ele estava prestes a se levantar e ir embora em silêncio quando Danny disse, no limiar do sono:

— Roque.

Jack virou-se para trás, um zero nos ossos.

— Danny ?

— Você nunca ia machucar a Mamãe, né Papai?

— Não.

— Nem eu?

— Não.

Silêncio novamente, Jack girando para fora.

— Papai?

— Quê?

— Tony veio e me contou sobre roque.

— É mesmo, velhinho? O que ele falou?

— Não me lembro de muita coisa. Só que ele falou que o tempo era dividido em entradas. Como no beisebol. Não é engraçado?

— É. — O coração de Jack estava batendo surdo no peito. Como que o menino poderia saber disso? Roque era dividido em entradas, não como beisebol, mas como críquete.

— Papai...? — Ele estava quase dormindo agora

— O quê?

— O que que é mar rom?

— Mar bom? Parece expressão de marinheiro, quando estão navegando.

Silêncio.

— Ei, velhinho?

Mas Danny estava dormindo, respirando vagorosamente. Jack sentou-se olhando para ele por um momento, e uma onda de amor o invadiu, como uma maré. Por que ele gritou com o menino daquele jeito? Era perfeitamente normal gaguejar um pouco. Ele estava saindo de um torpor ou um tipo estranho de transe e gaguejar era perfeitamente normal em tais circunstâncias. Perfeitamente. E ele não disse nada de *cronômetro*. Era outra coisa, sem sentido, sem importância.

Como que ele sabia que roque era dividido em entradas? Alguém contou a ele? Ullman? Hallorann?

Ele olhou para as próprias mãos. Elas estavam fortemente fechadas, punhos de tensão

*(deus como preciso de um drinque)*

e as unhas estavam enterradas nas palmas das mãos como pequenos ferretes. Devagar, ele forçou-as a abrir.

— Eu te amo, Danny — ele sussurrou. — Deus sabe que amo.

Ele saiu do quarto. Ele havia perdido o controle novamente, só um pouco, mas o suficiente para fazê-lo sentir enjôo e medo. Um drinque abrandaria esse sentimento, ah sim. Entorpeceria isso

*(Algo sobre o cronômetro)*

e todo o resto. Não havia erro algum nessas palavras. Nenhum. Cada uma saiu clara, cristalina como água. Ele parou no corredor, olhando para trás, e automaticamente secou a boca com o lenço.

\*\*\*

Suas formas eram apenas siluetas escuras no brilho do abajur. Wendy, apenas de calcinha, foi até sua cama e cobriu-o novamente, pois ele havia chutado as cobertas.

Jack ficou em pé na porta, observando enquanto ela encostava a parte de dentro do pulso na testa dele.

— Ele tá febril?

— Não. — Ela beijou-o na bochecha.

— Graças a Deus que você marcou aquela consulta — ele disse enquanto ela caminhava de volta à porta. — Você acha que esse cara sabe das coisas?

— A recepcionista disse que ele era muito bom. Só isso que eu sei.

— Se tiver algo errado, vou mandar vocês para a casa da sua mãe, Wendy.

— Não.

— Eu sei — ele disse, colocando um braço ao redor dela, — como você se sente.

— Você não sabe como eu me sinto com relação a ela. De jeito nenhum.

— Wendy, não tem outro lugar para onde possa te mandar. Você sabe disso.

— Se você viesse —

— Sem esse emprego estamos acabados, — ele disse, simplesmente. — Você sabe disso.

A silueta dela balançou a cabeça devagar, concordando. Ela sabia.

— Quando tive aquela entrevista com Ullman, achei que ele estava exagerando. Agora não tenho tanta certeza. Talvez realmente fosse melhor se eu não tivesse tentado isso com vocês dois. A sessenta quilômetros de lugar nenhum.

— Eu te amo — ela disse, — e Danny te ama mais ainda, se é que isso é possível. Ele ficaria com o coração partido, Jack. Ele vai ficar, se você nos mandar embora.

— Não fala desse jeito.

— Se o médico disser que tem algo errado, procurarei por um emprego em Sidewinder; Danny e eu iremos para Boulder. Não posso ir pra casa da minha mãe,

Jack. Não desse jeito. Não me peça isso. Eu... Eu simplesmente não consigo.

— É, acho que já sabia disso. Não se desanime. Talvez não seja nada.

— Talvez.

— A consulta é às duas?

— É.

— Vamos deixar a porta do quarto aberta, Wendy.

— Eu quero. Mas acho que ele vai dormir direto agora.

Mas não dormiu.

\*\*\*

Bum...bum...bum bum BUMBUMBUM

Ele fugia dos estrondos pesados e ecoantes por corredores que se entrelaçavam como em um labirinto, seus pés descalços sussurrando sobre uma profunda floresta felpuda azul e preta. Cada vez que ele ouvia o taco de roque quebrar uma parede atrás dele, sua vontade era de gritar alto. Mas ele não pode. Não pode. Um grito entregaria onde ele está e aí

(aí *MAR ROM*)

(*Apareça e tome seu remédio, seu merdinha chorão!*)

Ah e ele podia ouvir o dono da voz chegando, vindo pegá-lo, avançando pelo corredor como um tigre em uma selva estranha, azul e preta. Um devorador de homens.

(*Apareça, seu filhinho de uma puta!*)

Se ele pudesse chegar às escadas que davam para o andar de baixo, se ele conseguisse sair desse terceiro andar, talvez ele ficasse bem. Até no elevador. Se ele conseguisse lembrar o que tinha sido esquecido. Mas estava escuro e com seu terror ele

ficou perdido. Ele virou em um corredor e depois em outro, seu coração saindo pela boca como um pedaço de gelo que queima, temendo que cada virada o colocasse cara a cara com o tigre humano que estava nesses corredores.

Os estrondos estavam bem atrás dele agora, os gritos roucos horríveis.

O assovio que a cabeça do taco produzia ao cortar o ar

*(roque... golpe... roque... golpe... MAR ROM)*

antes de bater na parede. O leve sussurro de pés sobre o carpete de selva. Pânico esguichando em sua boca como um suco amargo.

*(Você se lembrará do que foi esquecido... mas ele se lembraria mesmo? O que era?)*

Ele fugiu, virando em outro corredor e viu, com imenso horror que não havia saída. Portas trancadas olhavam para ele dos três lados. A ala oeste. Ele estava na ala oeste e, lá fora, ele ouvia a tempestade gritando, berrando, parecendo que estava se engasgando, com a garganta escura cheia de neve.

Ele recuou contra a parede, chorando de medo agora, seu coração acelerado como o coração de um coelho preso em uma armadilha. Quando suas costas estavam encostadas no papel de parede azul claro com desenhos de linhas curvas, suas pernas cederam e ele desmoronou em cima do carpete, as mãos espalmadas em cima da selva de cipós e trepadeiras entrelaçadas, o ar produzindo um assovio ao entrar e sair de sua garganta.

Mais alto. Mais alto.

Havia um tigre no corredor, e agora o tigre estava perto, virando no corredor, ainda com aquele grito agudo, penetrante, de um louco petulante cheio de raiva, o taco de roque batendo, por que esse tigre andava com duas pernas e ele era —

Ele acordou com um suspiro súbito e sufocado, sentando rapidamente na cama,

olhos arregalados e olhando para a escuridão, mãos cruzadas na frente de seu rosto.

Alguma coisa em uma mão... rastejando.

Vespas. Três delas.

Então elas o picaram. Pareceu que todas picaram na mesma hora, e foi aí que todas as imagens se quebraram e caíram sobre ele como uma enxurrada negra e ele começou a gritar na escuridão, as vespas presas à sua mão esquerda, picando de novo e de novo.

As luzes se acenderam e o Papai estava ali em pé, de short, encarando-o. Mamãe atrás dele, sonolenta e assustada.

— *Tira elas de cima de mim!* — Danny gritou.

— Meu Deus — Jack disse. Ele viu.

— Jack, o que está acontecendo com ele? *Qual o problema?*

Ele não respondeu. Correu para a cama, pegou o travesseiro de Danny e bateu na mão esquerda latejante de Danny. De novo. De novo. Wendy viu formas desajeitadas, parecidas com insetos, subirem no ar, zumbindo.

— Pegue uma revista! — ele gritou por cima do ombro. — Mate!

— Vespas? — ela disse, e por um momento ela estava absorta em si mesma, alheia em sua compreensão. Que sua mente ligou o conhecimento à emoção.

— Vespas, meu Deus Jack, você disse —

— *Cale a boca, porra! Mate as vespas!* — ele urrou — *Faça o que eu mando!*

Uma delas pousou na escrivaninha de Danny. Ela pegou um livro de colorir que estava ali em cima e desceu-o com força em cima da vespa. Deixou uma mancha viscosa e marrom.

— Tem outra na cortina — ele disse, e passou correndo por ela para fora do quarto com Danny em seus braços.

Ele levou o menino ao quarto deles, e colocou-o no lado da cama de casal improvisada no qual Wendy dormia.

— Fique deitado aí, Danny. Não volte até eu mandar. Entendeu?

Com o rosto inchado e molhado de lágrimas, Danny concordou.

— Esse é o meu garoto corajoso.

Jack voltou depressa ao corredor e foi até as escadas. Atrás dele, ouviu o livro de colorir bater duas vezes, e então sua esposa gritou de dor. Não diminuiu a velocidade, e desceu as escadas de dois em dois degraus até o saguão escuro. Ele passou pelo escritório de Ullman até a cozinha, batendo a coxa na quina da mesa de noqueira de Ullman, quase não sentindo. Ele acendeu as luzes da cozinha e foi até a pia. As louças lavadas do jantar ainda estavam no escorredor de pratos, onde Wendy as deixou para secar. Ele pegou a grande tigela de pirex que estava em cima de tudo. Um prato caiu no chão e partiu-se. Ignorando o fato, ele virou-se e correu de volta pelo escritório e subiu as escadas.

Wendy estava em pé do lado de fora do quarto de Danny, ofegante. Seu rosto estava branco como uma toalha de mesa. Seus olhos brilhantes e vazios; seu cabelo úmido, grudado no pescoço.

— Peguei todas, — ela disse sem emoção, — mas uma delas me picou. Jack, você disse que todas estavam mortas. — Ela começou a chorar.

Ele passou por ela sem responder e levou o pirex até o ninho perto da cama de Danny. Estava tudo quieto. Nada ali. Por fora, pelo menos. Ele pôs a tigela por cima do ninho.

— Pronto — ele disse. — Vem.

Voltaram ao quarto deles.

— Onde ela te picou? — ele perguntou.

— Meu... no meu pulso

— Deixa eu ver.

Ela mostrou a ele. Bem acima das linhas feito pulseiras que existem entre o pulso e a palma da mão, tinha um pequeno buraco redondo. A carne em volta dele estava inchando.

— Você é alérgica a picadas? — ele perguntou. — Pense bem! Se você for, pode ser que o Danny também seja. As desgraçadas picaram a mão dele umas cinco ou seis vezes.

— Não — ela disse com mais calma. — Eu... Eu só odeio, só isso. Odeio.

Danny estava sentado ao pé da cama, segurando a mão esquerda e olhando para eles. Seus olhos, brancos de choque, olharam para Jack de modo repreensivo.

— Papai, você disse que tinha matado todas. Minha mão... tá doendo muito.

— Deixa eu ver, velhinho... não, não vou tocar. Isso faria com que doesse mais ainda. Só me mostra.

Ele mostrou e Wendy gemeu.

— Ó, Danny... coitadinho!

Depois, o médico contaria onze picadas diferentes. Agora, tudo que viam eram pequenos buracos, como se a palma e os dedos dele tivessem sido salpicados com grãos de pimenta. O inchaço estava feio. A mão dele estava parecendo uma daquelas imagens de desenho animado nas quais o Pernalonga ou o Patolino haviam acabado de se bater com um martelo.

— Wendy, pega aquele spray no banheiro, — ele disse.

Ela foi pegar, e ele sentou-se ao lado de Danny e pôs um braço ao redor de seus ombros.

— Depois de pormos o spray na sua mão, eu quero tirar umas fotos dela,

velhinho. Aí você dorme com a gente o resto da noite, tá bem?

— Tá bom, — Danny disse. — Mas por que você vai tirar fotos?

— Pra talvez processarmos algumas pessoas até perderem as calças.

Wendy voltou com um vidro de spray no formato de um extintor de incêndio.

— Isso não vai doer, querido — ela disse, tirando a tampa.

Danny esticou a mão e ela aplicou o spray em ambos os lados até a mão dele ficar brilhando. Ele soltou um longo suspiro trêmulo.

— Ardeu? — ela perguntou.

— Não. Melhorou.

— Agora, tome isso.

Ela deu-lhe cinco aspirinas infantis com sabor de laranja. Danny pegou todas e enfiou-as na boca uma por uma.

— Não é muita aspirina? — Jack perguntou.

— São muitas picadas — ela replicou irritada. — Você vá lá se livrar daquele ninho, John Torrance. Agora mesmo.

— Só um minutinho.

Ele foi até a cômoda e pegou a sua câmera instantânea Polaroid da primeira gaveta. Revirou fundo e achou alguns flashes de bolso.

— Jack, o que está fazendo? — Ela perguntou, um pouco histérica.

— Ele vai tirar umas fotos da minha mão — Danny disse seriamente, — e aí nós vamos processar algumas pessoas até perderem as calças. Né, Pai?

— Isso — Jack disse em tom sombrio. Ele achou o mecanismo para encaixar o flash, e enfiou-o na câmera. — Estique a mão, filho. Calculo uns cinco mil dólares por picada.

— Do *que* você tá falando? — Wendy disse, quase gritando.

— É o seguinte, — ele disse — eu segui as instruções na porra do inseticida. Vamos processar. Aquela merda estava com defeito. Tinha que estar. De que outro jeito você explica isso?

— Ah, — ela disse com a voz baixa.

Ele tirou quatro fotos, pegando cada uma e dando à Wendy para marcar o tempo de secagem no pequeno relógio que ela usava no pescoço. Danny, fascinado com a idéia que sua mão picada talvez valesse milhares e milhares de dólares, começou a perder um pouco de seu medo e a ficar interessado. A mão latejava fracamente, e ele estava com uma pequena dor de cabeça.

Quando Jack guardou a câmera e espalhou as fotos em cima da cômoda para secarem, Wendy disse:

— Devemos levá-lo ao médico essa noite?

— Só se ele estiver com muita dor — Jack disse. — Se uma pessoa for fortemente alérgica ao veneno das vespas, ataca em trinta segundos.

— Ataca? O que você —

— Um coma. Ou convulsões.

— Ah. Ai meu Deus.

Ela segurou os cotovelos, se abraçando. Estava pálida e com aparência cansada.

— Como tá se sentindo, filho? Acha que consegue dormir?

Danny piscou. O pesadelo esvaneceu e agora era apenas um borrão no fundo de sua mente, mas ele ainda estava com medo.

— Se eu puder dormir com vocês.

— Mas é claro — Wendy disse. — Querido, me desculpe.

— Tudo bem Mamãe.

Ela começou a chorar novamente, e Jack pôs as mãos nos ombros dela.

— Wendy, eu te juro que segui as instruções.

— Você pode se livrar daquilo pela manhã? Por favor?

— Claro que sim.

Os três deitaram na cama, e Jack estava prestes a desligar a luz do quarto quando, em vez disso, ele parou e se descobriu.

— Quero uma foto do ninho também.

— Volta logo.

— Volto.

Ele foi até a cômoda, pegou a câmera e o último flash de bolso, fez um sinal de “OK” para Danny. Danny sorriu e retribuiu com a mão boa.

*Grande garoto*, ele pensou enquanto ele caminhava até o quarto dele. *Tudo isso e muito mais.*

A luz ainda estava acesa. Jack foi até o beliche e enquanto olhava para a mesa que ficava ao lado dele, ele ficou todo arrepiado. Os cabelinhos curtos do seu pescoço formigaram e tentaram ficar em pé.

Ele mal podia ver o ninho pelo vidro transparente do pirex. O lado de dentro da tigela estava cheio de vespas. Era difícil dizer quantas. Cinquenta, pelo menos. Talvez cem.

Com o coração batendo vagorosamente em seu peito, ele tirou as fotos e então apoiou a câmera em algum lugar para esperar as fotos revelarem. Ele secou os lábios com a palma da mão. Um pensamento passava de novo e de novo em sua cabeça, ecoando com

*(Você perdeu o controle. Você perdeu o controle. Você perdeu o controle.)*

um medo quase supersticioso. Elas voltaram. Ele havia matado as vespas, mas elas voltaram.

Em sua mente, ele se escutou gritando na cara de seu filho, que estava assustado e chorando: *Não gagueje!*

Ele secou os lábios novamente.

Foi até a escrivaninha de Danny, vasculhou suas gavetas, e achou um grande quebra-cabeças com um suporte de material compensado. Levou-o até a mesinha de cabeceira e deslizou o pirex e o ninho para cima dele cuidadosamente. As vespas zumbiam raivosamente dentro de sua prisão. Então, apoiando a mão firmemente por cima da vasilha para que ela não escorregasse, ele saiu para o corredor.

— Não vem deitar, Jack? — Wendy perguntou.

— Não vem deitar, Papai?

— Eu tenho que descer um minutinho — ele disse com a voz calma.

*Como que aquilo aconteceu? Por Deus, como?*

O inseticida com certeza tinha funcionado. Ele viu a grossa fumaça branca começar a sair quando ele puxou o anel. E quando ele subiu duas horas depois, sacudiu o ninho até uma chuva de pequenos corpos caírem do buraco no topo.

*Como então? Geração espontânea?*

Isso era loucura. Baboseiras do século dezessete. Insetos não se regeneravam. E mesmo que ovos de vespas pudessem amadurecer e transformar-se em insetos adultos dentro de doze horas, esta não era a época do ano na qual a rainha botava ovos. Isso acontecia em abril ou maio. O outono era a época na qual elas morriam.

Uma contradição viva, as vespas zumbiam furiosamente embaixo da vasilha. Ele as levou para o andar de baixo e passou pela cozinha. Nos fundos, havia uma porta que dava para fora. Um vento frio soprava na noite, batendo contra seu corpo seminu, e seus pés ficaram dormentes quase que instantaneamente contra o concreto gelado da plataforma na qual estava em pé, a mesma em que as entregas de leite eram feitas

durante a temporada em que o hotel funcionava. Ele pôs cuidadosamente o quebra-cabeças e a vasilha no chão e quando ficou em pé, olhou para o termômetro pregado do lado de fora da porta. REFRESQUE-SE COM 7 UP, o termômetro dizia, e o mercúrio estava estático em -3,8 graus exatos. O frio as mataria até a manhã. Entrou e fechou a porta firmemente. Após pensar por um momento, trancou-a também.

Ele atravessou a cozinha novamente e desligou as luzes. Ficou em pé na escuridão por um momento, pensando, desejando um drinque. De repente, o hotel pareceu que estava cheio de sons sorrateiros: rangeres, gemidos e o barulho furtivo do vento batendo no beiral do telhado, onde mais ninhos de vespas poderiam estar pendurados como frutos mortais.

Elas haviam voltado.

E inesperadamente, ele viu que não gostava mais tanto do Overlook, como se não tivessem sido vespas que picaram seu filho, vespas que haviam sobrevivido milagrosamente ao ataque de inseticida, mas o hotel em si.

Seu último pensamento antes de subir para juntar-se à sua esposa e ao seu filho

*(de agora em diante não perderá o controle. Aconteça o que acontecer.)*

foi firme, duro e decidido.

Enquanto andava pelo corredor para encontrá-los, ele secou os lábios com as costas da mão.

17 **CONSULTÓRIO MÉDICO**

Despido, somente de cuecas, deitado na mesa de exame, Danny Torrance parecia muito pequeno. Olhava para o Dr. (“Pode me chamar de Bill”) Edmonds, que trazia uma grande máquina preta para seu lado. Danny moveu os olhos para poder vê-la melhor.

— Não deixe que ela te assuste, cara — disse Bill Edmonds. — Ela é um eletroencefalograma e não machuca.

— Eletro...

— Chamamos de EEG, pra abreviar. Vou prender alguns fios na sua cabeça – não, não vou espetar, só grudar com fita – e as canetas nessa parte do dispositivo vão registrar as suas ondas cerebrais.

— Como no “Homem de seis milhões de dólares”?

— Quase a mesma coisa. Você quer ser como o Steve Austin quando crescer?

— Nem pensar — Danny disse enquanto a enfermeira começava a pregar os fios em uma série de minúsculas partes raspadas em seu couro cabeludo. — Meu papai diz que um dia ele vai ter um curto-circuito e aí ele vai acabar na mer.. acabar num beco sem saída.

— Conheço bem esse beco — Dr. Edmonds disse em tom amigável. — Eu mesmo estive num beco sem saída algumas vezes, e com a corda no pescoço, pra piorar. Um EEG pode nos contar muitas coisas, Danny.

— Como o quê?

— Como, por exemplo, se você tem epilepsia. É um probleminha em que...

— É, eu sei o que é epilepsia.

— Sério?

— É. Tinha um menino na minha pré-escola lá em Vermont – eu estudava na pré-escola quando eu era criancinha – e ele tinha epilepsia. Ele não podia usar o painel de luzes.

— O que é isso, Dan? — Ele ligou a máquina. Uma trilha de linhas finas começou a ser tracejada ao longo do papel milimetrado.

— Ele tinha luzes, todas de cores diferentes. E quando você ligava, algumas cores piscavam, mas não todas. E você tinha que contar as cores e se você apertasse o botão certo, você podia desligar. O Brent não podia usar o painel de luzes.

— É porque luzes brilhantes que piscam às vezes podem causar uma crise epiléptica.

— Quer dizer que usar o painel podia ter feito o Brent ter um treco?

Edmonds e a enfermeira trocaram um olhar breve e divertido.

— Nada elegante, mas bem colocado, Danny.

— O quê?

— Eu disse que você está certo, porém você deve falar “crise” ao invés de “ter um treco”. Isso não é bonito... Certo, agora fique deitado, parado como uma pedra.

— Tá bom.

— Danny, quando você tem esses... seja lá o que for, você se lembra de ter visto luzes brilhantes piscando antes?

— Não...

— Barulhos esquisitos? Som de telefone? Ou uma campainha tocando?

— Hã-hã.

— E algum cheiro esquisito, talvez de laranjas ou de serragem? Ou um cheiro de coisa podre?

— Não, senhor.

— Às vezes você sente vontade de chorar antes de desmaiar? Mesmo que você não se sinta triste?

— Não mesmo.

— Muito bem, então.

— Eu tenho epilepsia, Dr. Bill?

— Eu acho que não, Danny. Fique quietinho. Já tá quase terminando.

A máquina zumbiu e riscou o papel por mais cinco minutos e depois o Dr. Edmonds a desligou.

— Pronto, cara — disse Edmonds animado. — Deixe que a Sally retire esses eletrodos de você e depois venha para a próxima sala. Quero ter uma conversinha com você. Tudo bem?

— Tudo.

— Sally, vá em frente e aplique nele um teste tuberculínico antes de ele entrar.

— Tudo bem.

Edmonds destacou o rolo comprido de papel que a máquina expeliu e dirigiu-se para a outra sala, olhando-o.

— Só vou dar uma picadinha no seu braço — a enfermeira falou após Danny vestir as calças. — É para ter certeza de que você não tem tuberculose.

— Eles já fizeram esse teste comigo na escola no ano passado — Danny contou sem muita esperança.

— Mas isso já faz bastante tempo e agora você já é um rapazinho, não é mesmo?

— Acho que sim — Danny suspirou e ofereceu o braço para o sacrifício.

Quando já estava calçado e com a blusa, passou pela porta de correr e entrou no consultório do Dr. Edmonds, que estava sentado na ponta da mesa, balançando as

pernas, pensativo.

— Oi, Danny.

— Oi.

— Como vai essa mão? — ele apontou para a mão esquerda de Danny, que estava coberta com uma gaze fina.

— Quase boa.

— Bom. Eu dei uma olhada no seu EEG e não parece que há nada de errado com ele. Mas vou enviá-lo para um amigo em Denver que trabalha interpretando essas coisas. Só para garantir.

— Sim, senhor.

— Me fale sobre o Tony, Dan.

Danny arrastou os pés.

— Ele é só um amigo invisível — disse — que eu inventei. Para me fazer companhia.

Edmonds riu e pôs as mãos nos ombros de Danny.

— Bom, isso é o que diz a sua Mãe e o seu Pai. Mas só entre a gente, cara. Eu sou seu médico. Me fale a verdade e prometo que não vou falar para eles, só se você deixar.

Danny pensou a respeito. Ele olhou para Edmonds e depois, com um pequeno esforço para se concentrar, tentou alcançar os pensamentos de Edmonds ou pelo menos a cor de seu humor. E de repente conseguiu em sua cabeça uma imagem estranhamente confortadora: armários de arquivos, com portas que corriam para fechar uma após a outra, trancando-se com um clique. Escrito em pequenas etiquetas no centro de cada gaveta estava: A-C, SECRETO; D-G, SECRETO; e assim por diante. A imagem fez Danny se sentir mais à vontade.

Com cautela, disse:

— Não sei quem é o Tony.

— Ele é da sua idade?

— Não. Ele tem pelo menos onze anos. Acho que ele pode ser até mais velho.

Nunca cheguei muito perto dele. Ele pode ter idade para dirigir um carro.

— Você só consegue ver o Tony à distância, então?

— Sim, senhor.

— E ele sempre aparece logo antes de você desmaiar?

— Bom, eu não desmaio. É como se eu fosse com ele. E ele me mostra coisas.

— Que tipo de coisas?

— Bom... — Danny refletiu por um momento e depois contou a Edmonds sobre o baú do Papai com todas as coisas que escrevia e sobre como os transportadores não haviam perdido o baú entre Vermont e Colorado, no final das contas. Ele estava bem debaixo da escada o tempo todo.

— E o seu papai encontrou o baú onde o Tony disse que estava?

— Ah, encontrou, sim, senhor. Só que o Tony não me *contou*. Ele me mostrou.

— Sei. Danny, o que o Tony te mostrou ontem à noite? Quando você se trancou no banheiro?

— Não lembro — Danny disse logo.

— Tem certeza?

— Tenho, senhor.

— Há um instante atrás eu disse que você trancou a porta do banheiro. Mas não foi isso, né? O *Tony* trancou a porta.

— Não, senhor. O Tony não podia trancar a porta porque ele não é real. Ele queria que eu trancasse, e foi o que eu fiz. Fui eu que tranquei.

— O Tony sempre te mostra onde estão coisas perdidas?

— Não, senhor. Às vezes ele me mostra coisas que vão acontecer.

— É mesmo?

— Com certeza. Que nem uma vez que o Tony me mostrou o parque de diversão e de animais selvagens em Great Barrington. O Tony disse que o Papai ia me levar lá no meu aniversário. E ele me levou mesmo.

— O que mais ele te mostra?

Danny franziu as sobrancelhas.

— Placas. Ele sempre me mostra placas velhas e bobas, que eu não consigo ler, quase nunca.

— Por que você acha que o Tony faria isso, Danny?

— Não sei — Danny animou-se. — Mas meu papai e minha mamãe estão me ensinando a ler e eu estou me esforçando muito.

— Para conseguir ler as placas do Tony.

— Bom, eu quero aprender de verdade. Mas é por isso também.

— Você gosta do Tony, Danny?

Danny olhou para o chão de cerâmica e não disse nada.

— Danny?

— É difícil dizer — disse Danny. — Antes eu gostava. Eu esperava ele aparecer todos os dias porque ele sempre me mostrava coisas boas, ainda mais depois que a Mamãe e o Papai não pensam mais em DIVÓRCIO — o olhar do Dr. Edmonds ficou mais aguçado, mas Danny não percebeu. Ele olhava fixamente para o chão, concentrando-se em como se expressar. — Mas, agora, toda vez que ele vem ele me mostra coisas ruins. Coisas *horríveis*. Como no banheiro, ontem de noite. As coisas que ele me mostra, elas me picam igual aquelas vespas me picaram. Só que as coisas do

Tony me picam bem aqui — ergueu um dedo, com seriedade, até a têmpora, um garotinho parodiando, sem saber, um suicídio.

— Que coisas, Danny?

— Não lembro! — Danny gritou, agonizado. — Eu te falava se eu lembrasse. É como se eu não pudesse lembrar porque é tão ruim que eu não quero lembrar. A única coisa que consigo lembrar quando acordo é MAR ROM.

— *Bom ou rom?*

— Rom.

— O que é isso, Danny?

— Não sei.

— Danny?

— Senhor?

— Você pode fazer o Tony aparecer agora?

— Sei não. Ele não vem sempre. Nem sei se eu quero mais que ele venha.

— Tente, Danny. Vou ficar bem aqui.

Danny olhou para Edmonds com dúvida. O médico fez um sinal para encorajá-lo. O garoto soltou um suspiro longo e balançou a cabeça.

— Mas não sei se vai funcionar. Eu nunca fiz isso com alguém me olhando antes. E também o Tony não vem sempre.

— E se ele não aparecer, não apareceu — disse Edmonds. — Só quero que você tente.

— Tá bom.

Ele baixou o olhar para os sapatos sociais de Edmonds que balançavam devagarinho e conduziu a mente para fora do consultório, em direção à mamãe e ao papai. Eles estavam aqui em algum lugar... na verdade, bem atrás da parede com um

quadro. Na sala de espera, por onde haviam entrado. Sentados um do lado do outro, mas sem conversar. Folheando revistas. Preocupados. Com ele.

Concentrou-se mais, as sobrancelhas franzidas, tentando entrar na sensação dos pensamentos da sua mãe. Era sempre mais difícil quando eles não estavam no mesmo lugar que ele. Começou a entrar. A Mãe pensava numa irmã. A irmã dela. A irmã tinha morrido. A sua mãe pensava que era a principal coisa que tinha transformado a mãe dela em uma

*(vaca?)*

em uma velhaca. Porque a irmã dela morreu. Quando era uma garotinha, ela foi

*(atropelada por um carro ai meu deus eu não ia conseguir aguentar aquilo tudo que nem com a aileen mas e se ele tiver doente doente mesmo câncer meningite leucemia tumor cerebral que nem o filho do john gunther ou distrofia muscular ai jesus criança nessa idade pega leucemia o tempo todo radioterapia e quimio a gente não pode bancar nada disso mas é lógico que eles não podem te largar pra morrer no meio da rua ou podem e de qualquer forma ele tá bem tá bem tá bem você não devia ficar pensando)*

*(Danny –)*

*(na aileen e)*

*(Dannii –)*

*(naquele carro)*

*(Dannii –)*

Mas o Tony não estava lá. Só a voz dele. E enquanto ela ia sumindo, Danny seguiu-a pela escuridão, caindo e rolando nalguma toca mágica entre os sapatos que balançavam do Dr. Bill, passou por um som alto de pancada, e, depois, uma banheira cruzou silenciosamente na escuridão com uma coisa horrível refestelando-se nela,

passou por um som suave como toques de sinos de igreja, passou por um relógio debaixo de uma redoma de vidro.

Depois o escuro foi rompido por uma única e débil luz, adornada por teias de aranha.

O brilho fraco revelou um chão de pedras que parecia úmido e desagradável. Em algum lugar não muito distante havia um som mecânico contínuo e estrondoso, porém abafado, sem ser assustador. Soporífero. Era a coisa que seria esquecida, Danny pensou com surpresa de sonho.

Conforme seus olhos iam se adaptando ao breu, conseguia ver Tony logo a sua frente, uma silhueta. Tony olhava alguma coisa e Danny apertou os olhos para ver o que era.

*(Seu papai. Tá vendo o papai?)*

Claro que estava. Como ele poderia não vê-lo, mesmo na fraca luz do porão? O Papai estava ajoelhado no chão, iluminando, com o feixe de uma lanterna, velhas caixas de papelão e engradados de madeira. As caixas de papelão estavam empapadas e velhas; algumas haviam se rasgado e montes de papéis estavam pelo chão. Jornais, livros, pedaços impressos de papel que pareciam contas. Seu papai os examinava com grande interesse. E depois o Papai olhou para cima e apontou a lanterna para outra direção. O feixe de luz penetrou outro livro, um branco, grande, encadernado com fios dourados. A capa parecia ser de couro branco. Era um álbum de recortes. De repente, Danny precisava chamar o papai, falar para ele largar aquele livro, que alguns livros não devem ser abertos. Mas o papai já subia para apanhá-lo.

O som mecânico estrondoso, que agora ele reconhecia como a caldeira do Overlook, a qual o Papai verificava três ou quatro vezes por dia, evoluíra para um ruído sinistro, rítmico. Começou a parecer com o som de... de pancadas. E o cheiro de mofo e

de papel úmido e apodrecido estava se tornando outra coisa – o cheiro forte e de junípero da Coisa Feia, que flutuava, como vapor, em torno do seu papai, conforme ele se aproximava do livro... e o agarrava.

Tony estava em algum lugar na escuridão.

*(Esse lugar desumano faz monstros humanos. Esse lugar desumano)*

repetindo a mesma coisa incompreensível, sem parar.

*(faz monstros humanos.)*

Despencando pela escuridão mais uma vez, agora acompanhado pelo baque pesado, de pancadas, que não era mais a caldeira, mas o som sibilante de um taco de roque que atingia as paredes com papel de parede de seda, soltando baforadas de pó de gesso. Agachando-se impotente no tapete com motivos selvagens, entremeado de azul e preto.

*(Apareça)*

*(Esse lugar desumano)*

*(e venha tomar seu remédio!)*

*(faz monstros humanos.)*

Com um suspiro de ar que ecoou em sua cabeça, projetou-se para fora da escuridão. Mãos o seguravam e, a princípio, ele se retraiu, pensando que a coisa escura no Overlook do mundo de Tony de alguma forma o tinha seguido até o mundo de verdade – e então o Dr. Edmonds dizia: “Você tá bem, Danny. Você tá bem. Tá tudo bem”.

Danny reconheceu o médico, em seguida o ambiente da clínica. Passou a tremer sem controle. Edmonds o segurou.

Quando a reação começou a ceder, Edmonds perguntou-lhe:

— Você disse alguma coisa sobre monstros, Danny, o que era?

— Esse lugar desumano — disse com voz gutural. — O Tony me disse... esse lugar desumano... transforma... transforma... – ele balançou a cabeça. — Não consigo lembrar.

— Tente!

— Não dá.

— O Tony apareceu?

— Apareceu.

— O que foi que ele te mostrou?

— O escuro. Pancadas. Não lembro.

— Onde você estava?

— *Me deixa em paz! Eu não lembro! Me deixa!* — começou a soluçar involuntariamente, de medo e frustração. Tudo se fora, dissolvido numa lambança pegajosa, como um monte de papel molhado, a memória ilegível.

Edmonds foi até o bebedouro e trouxe água num copo de papel para o menino. Danny bebeu tudo e Edmonds trouxe-lhe mais.

— Melhor?

— Melhor.

— Danny, eu não quero te atormentar, quer dizer, forçar você a fazer isso. Mas você se lembra de alguma coisa *antes* do Tony aparecer?

— A Mamãe — disse Danny devagar. — Ela tá preocupada comigo.

— As mães sempre estão, cara.

— Não... ela tinha uma irmã que morreu quando ela era pequena. A Aileen. Ela tava pensando em como a Aileen foi atropelada por um carro e isso fez ela ficar preocupada comigo. Eu não lembro de mais nada.

Edmonds o examinava com atenção.

— Ela pensou nisso agora mesmo? Lá na sala de espera?

— Foi sim, senhor.

— Danny, como você pode saber disso?

— Eu não sei — Danny disse cansado. — A iluminação, eu acho.

— A o quê?

Danny balançou a cabeça bem devagar.

— Tô tão cansado. Posso ver a mamãe e o papai? Eu não quero mais responder nada. Tô cansado. E meu estômago tá doendo.

— Você quer vomitar?

— Não, senhor. Só quero a mamãe e o papai.

— Tudo bem, Dan — Edmonds levantou-se. — Vá falar com eles por um minuto, depois peça pra eles entrarem para eu conversar com eles. Certo?

— Certo, senhor.

— Tem livros para você ver. Você gosta de livros, não gosta?

— Gosto, senhor — disse Danny, servilmente.

— Você é um bom menino, Danny.

Danny deu-lhe um sorriso fraco.

\*\*\*

— Não vejo nada de errado com ele — o Dr. Edmonds disse aos Torrance. — Pelo menos nada físico. Em relação à parte mental, ele é brilhante e imaginativo até demais. Acontece. As crianças precisam crescer pra dar conta da imaginação, como pés que precisam crescer pra caber num par de sapatos grandes. A imaginação do Danny ainda é muito grande para ele. Ele já fez teste de QI?

— Eu não acredito neles — disse Jack. — Eles limitam as expectativas dos pais e dos professores.

O Dr. Edmonds confirmou.

— Pode ser. Mas se vocês fizerem o teste com ele, acho que vocês vão descobrir que ele está acima da média da faixa etária dele. A habilidade verbal do Danny, pra um garoto de cinco, quase seis, é impressionante.

— Nós não falamos como se ele fosse um bebê — disse Jack, com uma ponta de orgulho.

— Duvido que algum dia vocês precisaram fazer isso para explicar alguma coisa — Edmonds pausou, mexendo numa caneta. — Ele entrou em transe enquanto estava aqui. A meu pedido. Aconteceu exatamente como vocês descreveram o episódio no banheiro ontem à noite. Todos os músculos dele relaxaram, o corpo desabou, os olhos se viraram. Auto-hipnose, exatamente como nos livros. Fiquei impressionado. E ainda estou.

Os Torrance aproximaram-se do médico.

— O que foi que aconteceu? — Wendy perguntou, tensa, e Edmonds relatou com cuidado o transe de Danny, a frase sussurrada da qual Edmonds só conseguiu distinguir as palavras “monstros”, o “escuro”, as “pancadas”. A sequência de choro, quase histérico, e a dor no estômago.

— O Tony de novo — Jack disse.

— O que isso significa? — perguntou Wendy. — Tem alguma ideia?

— Algumas. Pode ser que você não goste.

— Mesmo assim, vá em frente — Jack pediu-lhe.

— Pelo o que o Danny me disse, esse “amigo invisível” era um amigo de verdade até que vocês saíram da Nova Inglaterra e se mudaram pra cá. O Tony só se tornou ameaçador depois da mudança. Os interlúdios agradáveis ficaram apavorantes, ainda mais assustadores pro filho de vocês porque ele não consegue lembrar exatamente

o conteúdo dos pesadelos. Isso é bem comum. Todos nós nos lembramos com mais clareza dos nossos sonhos bons do que dos ruins. Parece que existe uma barreira entre consciente e subconsciente, e um baita de um puritano vive por lá. Esse censor só deixa passar uma pequena porção, e o que costuma passar é apenas simbólico. Isso é Freud, bem simplificado, mas descreve bem o que se sabe entre a interação da mente com ela mesma.

— Você acha que a mudança deixou o Danny triste assim? — Wendy perguntou.

— Pode ser que sim, se a mudança aconteceu em circunstâncias traumáticas — explicou Edmonds. — Foi assim?

Wendy e Jack se entreolharam.

— Eu lecionava numa escola preparatória — Jack disse pausadamente. — Perdi meu emprego.

— Entendo — Edmonds disse. Colocou a caneta com que brincava de volta ao porta-lápis. — Creio que ainda tem mais. Pode ser doloroso para vocês. O Danny parece acreditar que vocês dois contemplaram seriamente um divórcio. Ele falou sobre isso de um jeito indireto, mas só porque ele acredita que vocês não pensam mais em se divorciar.

Jack estava boquiaberto e Wendy se recolheu como se tivesse recebido um tapa. O sangue sumiu de seu rosto.

— Nunca nem discutimos isso! — ela exclamou. — Não na frente dele, nem mesmo na frente um do outro! A gente...

— Acho que é melhor você compreender tudo, Doutor — disse Jack. — Logo depois que o Danny nasceu, eu me tornei alcoólatra. Eu tive problema com bebida durante toda a época da faculdade, melhorou um pouco depois que conheci a Wendy, piorou mais do que nunca depois que o Danny nasceu e a escrita, que considero o meu

verdadeiro trabalho, ia mal. Quando o Danny tinha três anos e meio, ele derramou cerveja num monte de papéis que eu tava trabalhando... papéis todos espalhados, de qualquer forma... e eu... bom... ah, merda — a voz dele falhou, mas os olhos permaneceram secos e imóveis. — Parece tão horrendo falar em voz alta. Eu quebrei o braço dele na hora de virar seu corpo para dar as palmadas. Três meses depois eu larguei a bebida. E não bebo nada desde então.

— Entendo — Edmonds falou com neutralidade. — Claro que eu sabia que o braço tinha quebrado. Foi bem reposicionado — ele afastou-se um pouco de sua mesa e cruzou as pernas. — Se me permitem a franqueza, é óbvio que ele não sofreu nenhum abuso desde então. Além das picadas, não há nada nele, a não ser os hematomas e machucados que toda criança tem aos montes.

— É claro que não — Wendy disse exaltada. — O Jack não queria...

— Não, Wendy — confessou Jack. — Eu quis machucar o Danny. Acho que lá no fundo eu realmente quis machucar o Danny. Ou fazer alguma coisa pior — ele olhou de volta para o Edmonds. — Quer saber de uma coisa, Doutor? Foi a primeira vez que falamos a palavra divórcio entre nós. E alcoolismo. E abuso infantil. Três novidades em cinco minutos.

— Essa pode ser a raiz do problema — disse Edmonds. — Eu não sou psiquiatra. Se vocês quiserem que o Danny se consulte com um psiquiatra infantil, eu recomendo um bom que trabalha no Centro Médico *Mission Ridge*, em Boulder. Mas confio bastante no meu diagnóstico. Danny é um garoto inteligente, imaginativo, perceptivo. Não acho que ele teria ficado tão chateado com os seus problemas conjugais quanto vocês imaginaram. A criança pequena consegue aceitar coisas com mais facilidade. Não entende vergonha nem a necessidade de esconder as coisas.

Jack estudava as próprias mãos. Wendy segurou uma delas e a apertou.

— Mas ele sentiu que as coisas não estavam bem. O principal, no ponto de vista dele, não foi o braço quebrado, mas a ligação rompida — ou se rompendo — entre vocês dois. Ele mencionou divórcio para mim, mas não o braço quebrado. Quando a minha enfermeira comentou o acontecido com ele, ele simplesmente deu de ombros. Não era uma coisa importante. “Aconteceu há muito tempo atrás”, acho que foi o que ele disse.

— Meu menino — Jack murmurou. Sua mandíbula estava travada, os músculos das bochechas, protuberantes. — A gente não merece o Danny.

— Mas vocês são responsáveis por ele, dá no mesmo — Edmonds disse secamente. — De qualquer forma, ele se refugia num mundo de fantasia de tempos em tempos. Nada de anormal; várias crianças fazem a mesma coisa. Lembro que eu tinha um amigo imaginário quando tinha a idade do Danny, um galo falante, chamado Chug-Chug. É claro que ninguém mais conseguia ver o Chug-Chug, só eu. Eu tinha dois irmãos mais velhos que me deixavam pra trás, e, em situações assim, o Chug-Chug vinha em boa hora. E claro que vocês dois devem entender porque o amigo invisível de Danny se chama Tony em vez de Mike ou Hal ou Dutch.

— É — Wendy disse.

— Vocês já conversaram isso com ele?

— Não — disse Jack. — Precisamos?

— Pra que se preocupar? Deixe que ele perceba no tempo dele, com a lógica dele. Entendam, as fantasias do Danny são consideravelmente mais profundas do que as que normalmente fazem parte da síndrome do amigo invisível, mas é porque ele sentiu que precisava muito mesmo do Tony. O Tony aparecia e mostrava coisas agradáveis. Às vezes, coisas incríveis. Sempre coisas boas. Uma vez o Tony mostrou onde estava o baú

perdido do Papai...debaixo das escadas. Outra vez, o Tony mostrou onde ia ser levado pela Mamãe e pelo Papai no aniversário...

— Em *Great Barrington*! — Wendy exclamou. — Mas como ele poderia saber essas coisas? É estranho, as coisas que ele fala, às vezes. Quase como se...

— Ele tivesse um sexto sentido? — perguntou Edmonds, sorrindo.

— Ele nasceu empelicado — Wendy falou em voz baixa.

O sorriso de Edmonds transformou-se numa risada genuína e amigável. Jack e Wendy entreolharam-se e depois também sorriram, ambos admirados com a facilidade do gesto. A “sorte” ocasional com que Danny “adivinhou” as coisas era algo que não haviam discutido muito.

— Daqui a pouco vocês vão me dizer que ele consegue levitar — disse Edmonds, ainda com sorriso no rosto. — Não, não, não, infelizmente não. Não é extrasensorial, só a boa e velha percepção humana, que o Danny domina com uma perspicácia fora do comum. Sr. Torrance, ele sabia que seu baú estava debaixo da escada porque você já tinha olhado em todo lugar. Processo de eliminação, ou o quê?! É tão simples que Ellery Queen, o detetive de romances policiais, acharia graça. Mais cedo ou mais tarde vocês teriam pensado na mesma coisa.

— E o parque de diversões em *Great Barrington*, de quem foi a ideia original? De vocês ou dele?

— Dele, com certeza — disse Wendy. — Passava em todos os comerciais dos programas infantis da manhã. Ele estava doido pra ir. Mas a coisa é, Doutor, a gente não tinha condição de levar o Danny. E a gente avisou pra ele.

— E, na época, uma revista masculina que eu tinha vendido uma história em 1971 me enviou um cheque de cinquenta dólares — Jack disse. — Eles republicaram a história numa edição anual, ou coisa do gênero. Daí, a gente decidiu gastar esse dinheiro

com o Danny.

Edmonds deu de ombros.

— Desejo realizado mais uma feliz coincidência.

— Caramba, aposto que foi isso mesmo — disse Jack.

Edmonds deu um pequeno sorriso.

— E o Danny mesmo me contou que o Tony costuma mostrar coisas que nunca aconteceram. Visões baseadas em falsa percepção, nada demais. O Danny faz de modo subconsciente o que esses chamados místicos e telepatas fazem de forma bem consciente e cínica. Eu admiro o menino por isso. Se a vida não fizer com que ele retraia essa antena, acredito que ele vai ser um homem e tanto.

Wendy concordou – é claro que ela pensava que Danny seria um homem e tanto – mas a explicação do médico parecia-lhe superficial. Tinha mais gosto de margarina do que de manteiga. Edmonds não convivera com eles. Não estava lá quando Danny achou os botões perdidos, quando lhe contou que o *Guia da TV* talvez estivesse debaixo da cama, que pensava ser melhor calçar as galochas para ir à escola, mesmo com o sol a pino... e mais à tarde, naquele dia, os dois caminharam para casa sob um guarda-chuva, na chuva torrencial. Edmonds não tinha como saber o jeito curioso como Danny pressentia as coisas que ela e o marido iriam fazer. Se ela resolvesse tomar um xícara de chá, fora da rotina, pela noite, descobria na cozinha a sua xícara já com um saquinho de chá dentro. Se ela se lembrasse que já era hora de devolver os livros na biblioteca, ela os encontraria empilhados no aparador, com a carteirinha da biblioteca em cima. Ou se Jack inventasse de encerrar o Volkswagen, encontraria Danny esperando-o do lado de fora, escutando as músicas estridentes da moda em seu radinho de galena, sentado na calçada, para assistir o pai.

Em voz alta, ela disse:

— Então por que os pesadelos? Por que o Tony falou pra ele trancar a porta do banheiro?

— Eu acredito que seja porque o Tony sobreviveu para além de sua utilidade — Edmonds disse. — Ele nasceu — o Tony, não o Danny — numa época em que você e o seu marido lutavam pra manter o casamento. Seu marido bebia demais. Teve o incidente com o braço quebrado. O silêncio inquietante que havia entre vocês.

Silêncio inquietante, sim, a frase transmitia aquela realidade, de toda maneira. As refeições cerimoniosas, tensas nas quais a única conversa era, por favor, passe a manteiga ou Danny, termine de comer o resto das cenouras ou com licença, por favor. As noites em que Jack estava fora e ela ficava deitada, olhos secos, no sofá enquanto Danny assistia à TV. As manhãs quando ela e Jack se espreitavam como dois gatos ariscos, com um rato trêmulo, assustado, entre eles. Tudo soava verdadeiro;

(meu Deus, será que algum dia as cicatrizes antigas param de doer?)

a verdade horrenda, horrenda.

Edmonds resumiu:

— Mas as coisas mudaram. Sabe, o comportamento esquizoide é bem comum nas crianças. Ele é aceito porque todos nós, adultos, temos esse acordo mudo de que toda criança é lunática. Tem amigo invisível. Senta no armário quando fica depressiva, se isolando do mundo. Dá uma importância talismânica a um certo cobertor, ou um ursinho ou tigre de pelúcia. Chupa o dedo. Quando um adulto vê coisas que não estão lá, nós achamos que ele está pronto para a camisa de força. Quando uma criança diz que vê um ogro no quarto ou um vampiro do outro lado da janela, só damos um sorriso indulgente. Existe uma explicação, bem breve, para todo o leque desses fenômenos nas crianças...

— Ele vai crescer e isso vai passar — disse Jack.

Edmonds deu uma piscada.

— Tirou as palavras da minha boca — ele disse. — Sim. Agora eu imagino que o Danny estava numa situação bem propícia para desenvolver uma psicose de verdade. A vida familiar infeliz, uma grande imaginação, o amigo imaginário que era tão real para ele que quase virou verdade para vocês. Em vez de “crescer e passar”, a esquizofrenia infantil poderia ter acompanhado o Danny no resto da vida.

— E se ele se tornar autista? — perguntou Wendy. Ela lera a respeito de autismo. Apenas a palavra já a assustava; soava como um silêncio alvo e amedrontador.

— Possível, mas não necessariamente. Ele poderia simplesmente ter entrado no mundo de Tony algum dia e nunca mais voltar para o que ele chama de “coisas de verdade”.

— Minha nossa — Jack disse.

— Mas agora a situação básica mudou drasticamente. O Sr. Torrance não bebe mais. Vocês estão num lugar onde as condições forçaram a família a ficar mais unida do que nunca – com certeza mais unida do que a minha, inclusive, já que só vejo minha esposa e meus filhos por umas duas ou três horas por dia. Para mim, ele se encontra na situação de cura perfeita. E eu acho que mesmo o fato de ele ser capaz de distinguir entre o mundo do Tony e as “coisas de verdade” diz bastante a respeito do estado fundamentalmente saudável da mente dele. Ele diz que vocês dois não pensam mais na possibilidade de divórcio. Ele está certo como acredito que esteja?

— Está — disse Wendy e Jack apertou sua mão com força, de forma quase dolorosa. Ela retribuiu o aperto.

Edmonds assentiu.

— Ele não precisa mais do Tony. O Danny já está expulsando o amigo

imaginário do seu sistema. O Tony não traz mais visões agradáveis, mas pesadelos hostis que são assustadores demais para ele lembrar, com a exceção de uns fragmentos. Ele internalizou o Tony durante uma situação de vida difícil, desesperada, e o Tony não está saindo com facilidade. Mas está saindo. O seu filho é como um viciado que está deixando o vício de lado.

Pôs-se de pé e os Torrance também se levantaram.

— Como eu já disse, não sou psiquiatra. Se os pesadelos continuarem depois do fim do seu trabalho no Overlook, na próxima primavera, Sr. Torrance, eu recomendo de verdade que vocês levem o menino a esse médico em Boulder.

— Vamos, sim.

— Bom, vamos sair daqui e contar que ele já pode ir pra casa — Edmonds disse.

— Quero agradecer ao senhor — Jack falou com pesar. — Me sinto melhor com relação a isso tudo, como não me sentia há muito tempo.

— E eu também — disse Wendy.

Na porta, Edmonds parou e olhou para Wendy.

— Você tem ou teve uma irmã, Sra. Torrance? Chamada Aileen?

Wendy olhou-o, surpresa.

— Tinha, sim. Ela morreu em frente à nossa casa lá em Somersworth, em New Hampshire, quando ela só tinha seis anos e eu dez. Ela foi buscar uma bola na rua e foi atropelada por uma caminhonete de entrega.

— O Danny sabe disso?

— Não sei. Acho que não.

— Ele disse que você estava pensando nela, na sala de espera.

— E estava — Wendy disse devagar. — Pela primeira vez em... nossa, nem lembro mais.

— As palavras “mar rom” significam alguma coisa pra algum de vocês?

Wendy fez que não, mas Jack disse:

— Ele mencionou isso ontem à noite, pouco antes de dormir. Mar bom.

— Não, *mar rom* — Edmonds o corrigiu. — Ele foi bem enfático nisso. *Rom*.

Acho que parece com rum. Igual à bebida. A bebida alcoólica.

— Ah — Jack exclamou. — Faz sentido, né? — Ele retirou o lenço de seu bolso de trás e com ele secou os lábios.

— E a frase “a iluminação” significa alguma coisa?

Dessa vez ambos fizeram que não.

— Não tem importância, eu acho — Edmonds disse. Abriu a porta que dava na sala de espera. — Tem alguém aqui chamado Danny Torrance que quer ir pra casa?

— Oi, Papai! Oi, Mamãe! — Ele se levantou da mesinha onde estava folheando lentamente uma exemplar de *Onde vivem os monstros* e murmurando as palavras que reconhecia.

Correu até Jack, que o suspendeu do chão. Wendy bagunçou seu cabelo.

Edmonds o observou.

— Se você não amar mais sua mamãe e seu papai, pode ficar com o bom e velho Bill.

— Não, senhor! — Danny falou, enfático. Passou um braço em torno do pescoço de Jack, outro em torno de Wendy e aparentava uma alegria radiante.

— Certo — Edmonds disse, sorrindo. Ele olhou para Wendy. — Pode ligar se tiver problemas.

— Tá certo.

— Eu não acho que você vai precisar — Edmonds disse, com um sorriso.

## 21 PENSAMENTOS NOTURNOS

Eram dez da noite. Um sono falso ocupava os cômodos em que a família estava.

Jack deitado de lado, de frente para a parede, olhos abertos, ouvindo a respiração lenta e regular de Wendy. O sabor da aspirina dissolvida ainda estava em sua língua, deixando-a com uma sensação de aspereza e ligeira dormência. Al Shockley tinha ligado às quinze para as seis, quinze para as oito no fuso horário do Leste dos EUA. Wendy estava no andar de baixo, com Danny, sentada defronte à lareira do saguão, lendo.

— Ligação de pessoa a pessoa — o operador falou — para o Sr. Jack Torrance.

— É ele — passou o telefone para a mão direita e retirou seu lenço do bolso de trás com a esquerda e secou os lábios doloridos. Depois acendeu um cigarro.

Então, a voz de Al, forte em seu ouvido:

— Jacky, meu garoto, mas, pelo amor de Deus, o que você anda aprontando?

— Oi, Al — ele tragou o cigarro e tateou em busca do frasco de Excedrin.

— O que está acontecendo, Jack? Eu recebi uma ligação estranha do Stuart Ullman, hoje à tarde. E quando o Stu Ullman faz uma ligação de longa distância pagando do próprio bolso, você já sabe que jogaram merda no ventilador.

— O Ullman não tem nada com que se preocupar, Al. Nem você.

— O que é, exatamente, o nada com que eu não preciso me preocupar? O Stu fez parecer com alguma coisa entre uma chantagem e uma manchete no *National Enquirer* sobre o Overlook. Me conta, meu garoto.

— Eu só quis provocar o Ullman — disse Jack. — Quando vim aqui ser entrevistado, ele resolveu remexer no meu passado. “Problema com bebidas”. “Perder o último emprego porque você exagerou com um aluno”. “Me pergunto se você é a

pessoa certa para isso”. Et cetera. A coisa que me aborreceu foi ele trazer tudo isso à tona porque ele ama tanto essa droga de hotel. O lindo Overlook. O tradicional Overlook. O tão sagrado Overlook. Bom, eu encontrei um álbum de recortes no porão. Alguém juntou todos os aspectos mais repulsivos da catedral do Ullman e me pareceu uma espécie de missa negra interminável.

— Eu espero que isso seja uma metáfora, Jack — a voz de Al era de uma frieza assustadora.

— E é. Mas eu descobri...

— Eu conheço a história do hotel.

Jack deslizou a mão pelo cabelo.

— Então eu liguei pro Ullman pra implicar com ele, falando essas coisas. Eu admito que não foi muito inteligente e com certeza não vou fazer de novo. Ponto final.

— O Stu contou que você planeja sujar a imagem do hotel por conta própria.

— O Stu é um babaca! – ele vociferou ao telefone. — Eu falei pra ele que tinha uma ideia de escrever sobre o Overlook, é verdade. E tenho. Eu acho que esse lugar engloba todos os aspectos da psique dos Estados Unidos do pós-Segunda Guerra Mundial. Parece uma alegação pretensiosa, colocada assim tão sem rodeios... Eu sei que parece... mas está tudo aqui, Al! Meu Deus, podia ser um grande livro. Mas é um plano bem pro futuro, posso te prometer, no momento já estou ocupado com mais coisas do que eu posso dar conta...

—Jack, não sei, não.

Percebeu-se boquiaberto frente ao receptor preto do telefone, incapaz de acreditar no que tinha acabado de escutar.

— O quê? Al, você falou que...?

— Foi isso mesmo que você escutou. O que você quer dizer com “bem pro futuro”, Jack? Pra você podem ser dois anos, talvez cinco. Pra mim são trinta ou quarenta, porque eu espero ficar associado ao Overlook por um bom tempo. A ideia de você fazer algum tipo de trabalhinho medíocre sobre o meu hotel e fingir que é uma grande obra da literatura dos Estados Unidos, isso me dá nojo.

Jack estava sem palavras.

—Eu tentei te ajudar, Jacky, meu garoto. A gente passou pela guerra juntos e eu pensei que te devia uma ajuda. Você se lembra da guerra?

—Eu lembro — ele sussurrou, mas as brasas de ressentimento começaram a faiscar em torno de seu coração. Primeiro o Ullman, depois a Wendy, agora o Al. O que era isso? A Semana Nacional de Vamos Acabar com o Jack? Apertou os lábios com mais força, procurou os cigarros e derrubou-os no chão. Será que alguma vez tinha gostado desse babaca falando com ele lá de seu escritório mobiliado em mogno, em Vermont? Será mesmo?

— Antes de você machucar o tal garoto Hatfield — dizia Al — eu conversei com o Conselho a respeito de reverter sua demissão e até mesmo persuadei os membros a considerarem seu direito de estabilidade no emprego. Você mesmo estragou isso tudo. Eu consegui essa coisa do hotel, um lugar bom e sossegado pra você se recompor, terminar sua peça e esperar eu e o Harry Effinger convenceremos o resto dos caras do baita erro que cometeram. Agora parece que você quer morder a mão que te alimentou, para procurar uma refeição maior? É assim que você diz obrigado pros seus amigos, Jack?

— Não — murmurou.

Ele não ousou dizer mais nada. Sua cabeça latejava com as palavras acaloradas e ácidas que queriam sair. Tentou, com desespero, pensar no Danny e na Wendy, que

dependiam dele, Danny e Wendy sentados, em paz, no andar de baixo, defronte ao fogo e estudando as lições da cartilha do segundo ano, pensando que tudo estava 10. Se ele perdesse o emprego, o que aconteceria? Rumo à Califórnia no velho fusca cansado com o tanque de combustível se desintegrando, como uma família de retirantes fugindo das tempestades de areia? Ele disse para si mesmo que se ajoelharia e imploraria a Al antes que isso acontecesse, mas as palavras lutaram para serem emitidas e a mão que segurava os fios quentes de sua fúria estava escorregadia.

— O quê? — Al disse, ríspido.

— Não — respondeu. — Esse não é jeito que trato os meus amigos. E você sabe disso.

— Como que eu sei? Na pior das hipóteses, você planeja prejudicar o meu hotel desenterrando uns corpos que já tinham sido enterrados decentemente há anos. Na melhor, você liga pro meu gerente do hotel, temperamental, mas extremamente competente, e deixa o homem num estado de frenesi como parte de... de uma brincadeira idiota de criança.

— É mais do que uma brincadeira, Al. É mais fácil pra você. Você não precisa aceitar a caridade do amigo rico. Você não precisa de um amigo no tribunal porque você é o tribunal. Mas o fato de que você estava a um passo de ser tornar um bêbado inveterado ninguém menciona, né?

— Suponho que sim — disse Al. Mudou o tom de voz e ele parecia cansado de tudo aquilo. — Mas Jack, Jack... Eu não posso evitar isso. Eu não posso mudar o que aconteceu.

— Eu sei — Jack disse sem ânimo. — Fui demitido? Acho melhor me contar logo.

— Não se você fizer duas coisas pra mim.

— Tudo bem.

— Não é melhor ouvir as condições antes de aceitar?

— Não. Faz o acordo que eu aceito. Tenho a Wendy e o Danny pra me preocupar. Se você quiser meus colhões, eu mando via correio aéreo.

— Tem certeza de que auto-piedade é um luxo com que você pode arcar, Jack?

Ele fechou os olhos e deslizou um comprimido de Excedrin por entre os lábios secos.

— Nessa altura, parece que é o único com que eu posso arcar. Põe pra fora... sem trocadilho.

Al ficou em silêncio por um instante. Depois falou:

— Primeiro, nada de ligações pro Ullman. Nem mesmo se o lugar pegar fogo. E se pegar, chama o cara da manutenção, aquele que xinga o tempo todo, sabe de quem eu estou falando...

— Watson.

— É.

— Certo. Feito.

— Em segundo lugar, e me prometa, Jack. Palavra de honra. Nada de um livro sobre um famoso hotel nas montanhas do Colorado com um passado.

Por um momento, sua fúria era tão intensa que literalmente não conseguia falar. A pulsação do sangue era audível em seus ouvidos. Era como receber uma ligação de um Médici do século XX... nada de retratos da minha família que mostrem as verrugas, por favor, ou de volta à plebe você irá. Eu não patrocino retratos, mas belos retratos. Quando o senhor pintar a filha do meu bom amigo e parceiro comercial, por favor, omita a marca de nascença ou de volta à plebe você irá. Claro que somos amigos... somos ambos homens civilizados, não? Dividimos cama, mesa e garrafa. Seremos

sempre amigos e a coleira de cachorro que pus em você será sempre ignorada, em mútuo consenso, e tomarei conta de você com bondade e benevolência. Tudo o que peço em troca é a sua alma. Coisa pouca. Podemos até ignorar o fato de que você a entregou a mim, tal como ignoramos a coleira. Lembre-se, meu talentoso amigo, há Michelangelos mendigando por todas as ruas de Roma...

— Jack? Você tá aí?

Ele fez um barulho sufocado que deveria ser um sim.

A voz de Al era firme e bastante segura.

— Eu não acho, mesmo, que eu esteja pedindo muito, Jack. E vão ter outros livros. Você só não pode esperar que eu financie você enquanto...

— Tudo bem, eu concordo.

— Não quero que você pense que eu esteja tentando controlar sua vida artística, Jack. Você sabe que isso não é do meu feitio. É só que...

— Al?

— O quê?

— O Derwent ainda está envolvido com o Overlook? De alguma forma?

— Eu não sei como isso pode ser de seu interesse, Jack.

— Não — ele disse, distante. — Acredito que não seja. Escuta, Al, eu acho que escutei a Wendy me chamando pra alguma coisa. Volto a falar com você.

— Com certeza, Jacky-garotão. A gente se fala melhor depois. Como vão as coisas? Sóbrio?

(VOCÊ JÁ TEM SUA LIBRA DE CARNE COM SANGUE E TUDO, AGORA NÃO PODE ME DEIXAR EM PAZ?)

— Como deveria.

— Eu também. Na verdade, estou começando a curtir a sobriedade. Se...

— Te ligo depois, Al. A Wendy...

— Claro. Tudo bem.

E então desligou o telefone e foi quando as dores voltaram, atingindo-o como relâmpagos, fazendo-o se curvar em frente ao telefone como um penitente, as mãos sobre a barriga, a cabeça inflando como uma bexiga.

*A vespa, depois de picar, segue em frente...*

A dor havia passado um pouco quando Wendy subiu e perguntou quem havia ligado.

— O Al — respondeu. — Ele ligou pra saber como andavam as coisas. Eu disse que estava tudo bem.

— Jack, você tá péssimo. Você tá passando mal?

— A dor de cabeça voltou. Vou dormir cedo. Não adianta tentar escrever.

— Quer que eu prepare um leite morno?

Ele deu um sorriso lânguido.

— Seria bom.

E agora estava deitado ao lado dela, sentindo a sua coxa quente e inerte na dele. Ao lembrar da conversa com o Al, em como havia se rebaixado, ainda ficava alterado. Um dia haveria um acerto de contas. Um dia haveria um livro, não a coisa leve e bem elaborada que a princípio considerara, mas um trabalho de pesquisa minucioso, com seção de fotos e tudo o mais, e ele levantaria toda a história dos sórdidos e incestuosos negócios de compra de propriedade do Overlook. Iria escancarar tudo isso para o leitor como se fosse um lagostim dissecado. E se o Al Shockley tinha relações com o império Derwent, então que Deus o ajudasse.

Tenso como uma corda de piano, permaneceu deitado olhando fixo para o escuro, sabendo que se passariam horas até que conseguisse dormir.

\*\*\*

Wendy Torrance estava deitada de bruços, olhos fechados, ouvindo o som do sono do marido – a longa inspiração, a breve interrupção, a expiração levemente gutural. Para onde será que ele ia enquanto dormia, perguntou-se. Para algum parque de diversões, um Great Barrington dos sonhos onde todos os brinquedos eram de graça e não havia esposa-mãe para dizer que chega de cachorro-quente ou que é melhor voltar para casa antes de escurecer? Ou para algum bar abismal onde a bebida nunca acabava e as portas bang-bang sempre ficavam escancaradas e todos os velhos companheiros reuniam-se em torno do jogo eletrônico de hóquei, copos em punho, Al Shockley, proeminente entre eles com a gravata afrouxada e a camisa desabotoada em cima? Um lugar onde ela e Danny fossem excluídos e a festa não tinha fim?

Wendy estava preocupada com ele, a velha e impotente preocupação que ela havia torcido que tivesse ficado para trás, para sempre, em Vermont, como se a preocupação não pudesse atravessar as fronteiras entre os estados. Ela não gostava do que o Overlook parecia estar fazendo com o Jack e o Danny.

A coisa mais assustadora, volátil e não proferida, talvez improferível, era que os sintomas de alcoolismo de Jack haviam voltado, um por um... todos, exceto o álcool em si. O lenço ou a mão secando os lábios constantemente, como para retirar-lhes o excesso de umidade. Longas pausas na máquina de escrever, mais bolas de papel na lixeira. Havia um frasco de Excedrin na mesa do telefone hoje à noite após a ligação de Al, mas nenhum copo d'água. Tinha voltado a mastigar os comprimidos. Irritava-se com coisas pequenas. De maneira inconsciente, começava a estalar os dedos num ritmo nervoso quando as coisas ficavam quietas demais. Aumento na profanidade. Ela também tinha começado a se preocupar com o temperamento dele. Seria quase um alívio se ele se descontrolasse, deixasse a “fumaça” sair, da mesma forma como a primeira coisa que

fazia pela manhã e a última coisa à noite era liberar a pressão da caldeira. Talvez fosse bom vê-lo xingar e chutar uma cadeira na sala ou bater uma porta com força. Mas essas coisas, sempre uma parte integral de seu temperamento, tinham quase cessado por completo. No entanto, ela tinha a sensação de que Jack estava cada vez mais zangado com ela ou com Danny, mas se recusava a deixar transparecer tal fato. A caldeira tinha uma válvula de escape: velha, rachada, entupida de gordura, mas ainda funcionava. Jack não tinha nenhuma. Ela nunca fora capaz de interpretá-lo muito bem. Danny conseguia, mas Danny não estava falando sobre isso.

E a ligação do Al. Na mesma hora em que Jack atendeu o telefone, Danny perdera todo o interesse na história que estavam lendo. Deixou-a só, sentada ao pé da lareira, e dirigiu-se até o balcão da recepção onde Jack havia construído uma estrada para os seus carrinhos e caminhões feitos de caixas de fósforos. O Volkswagen Violeta Selvagem estava lá e Danny começou a empurrá-lo para frente e para trás com rapidez. Fingindo ler, mas na verdade olhando para Danny, por cima do livro, ela viu um estranho amálgama dos modos como ela e Jack expressavam ansiedade. O secar dos lábios. O passar nervoso das mãos por entre os cabelos, como ela fazia enquanto esperava Jack chegar em casa de sua volta pelos bares. Ela não conseguia acreditar que Al tinha ligado apenas para perguntar “como andavam as coisas”. Se você queria bater papo, você ligava para o Al. Se o Al te ligasse, aí eram negócios.

Mais tarde, quando ela desceu de novo, encontrou Danny encolhido perto da lareira outra vez, lendo as aventuras de Joe e Rachel no circo com o pai, da cartilha do segundo ano, absorto, em completa atenção. A distração inquieta havia desaparecido por completo. Observando-o, foi tomada, novamente, pela misteriosa certeza de que Danny sabia mais e compreendia mais do que poderia explicar a filosofia do Dr. Edmonds (“pode me chamar de Bill”).

— Ei, hora de dormir, velhinho — ela disse.

— É, tudo bem — ele marcou a página no livro e pôs-se de pé.

— Lava as mãos e escova os dentes.

— Tá bom.

— Não esquece de passar o fio dental.

— Tá.

Ficaram lado a lado por um momento, observando as chamas aumentando e diminuindo. A maior parte do saguão estava fria e com correntes de ar, mas o círculo em volta da lareira estava quentinho, como uma mágica, e era difícil sair de lá.

— Era o Tio Al no telefone — ela disse com casualidade.

— Ah, é? — sem surpresa alguma.

— Eu fico pensando se o Tio Al estava bravo com o Papai — ela disse, ainda casual.

— É, com certeza ele tava — disse Danny, ainda olhando para o fogo. — Ele não queria que o Papai escrevesse o livro.

— Que livro, Danny?

— Sobre o hotel.

A pergunta que se formou em seus lábios era uma que ela e Jack já haviam feito a Danny umas mil vezes: *como você sabe?* Ela decidiu não perguntar. Não queria chateá-lo antes da hora de dormir ou deixá-lo ciente de que eles estavam discutindo casualmente como sabia das coisas que não tinha como saber de jeito nenhum. E ele sabia, ela estava convencida disso. A conversa fiada do Dr. Edmonds sobre raciocínio indutivo e lógica subconsciente era só isso mesmo: uma conversa fiada. A sua irmã... como Danny poderia saber que ela estava pensando em Aileen, na sala de espera, naquele dia? E

*(eu sonhei que Papai teve um acidente)*

Balançou a cabeça, como se quisesse apagar o pensamento.

— Vai se ajeitar, velhinho.

—Tá — ele subiu correndo pelas escadas em direção aos cômodos da família.

Franzindo o cenho, pensativa, foi para a cozinha esquentar o leite de Jack numa panela.

E agora, deitada na cama, desperta e escutando a respiração do marido e o vento do lado de fora (era um milagre, eles tiveram apenas outro nevisco pela tarde; ainda nenhuma nevasca), ela deixou que o pensamento se voltasse inteiramente para o seu adorável e problemático filho, que nasceu com uma pelica envolta na cabeça, uma camada fina de membrana que os médicos viam, talvez, uma vez a cada setecentos nascimentos, uma membrana que as antigas histórias das parteiras diziam ser sinal de sexto sentido.

Ela resolveu que era hora de conversar com o Danny sobre o Overlook... e que já tinha passado do tempo de tentar fazer o Danny se abrir com ela. Amanhã. Definitivamente. Os dois iriam descer para a Biblioteca Pública de Sidewinder para ver se conseguiam alguns livros do segundo ano alugados por um prazo prolongado durante o inverno e, então, ela iria conversar com ele. E com franqueza. Com esse pensamento, ela se sentiu mais tranquila e começou a ficar sonolenta.

\*\*\*

Danny, deitado no quarto, desperto, olhos abertos, braço esquerdo em volta de seu velho e surrado ursinho Puff (o Puff havia perdido um olho feito de botão e estava perdendo o enchimento em meia dúzia de buracos), ouvindo os pais dormindo no quarto deles. Sentiu-se como se estivesse vigiando-os sem querer. As noites eram o pior de tudo. Ele detestava as noites e o uivo constante do vento ao longo do lado oeste do hotel.

Seu planador flutuava acima dele, preso num barbante. Em sua escrivaninha, a miniatura da Volks, que trouxe lá da estrada construída no andar de baixo, irradiava vagamente um roxo fluorescente. Seus livros estavam na estante, seus livros de colorir, na mesa. *Um lugar para cada coisa e cada coisa em seu lugar.* A Mamãe falava. *Aí você sabe onde cada coisa está quando quiser.* Mas agora coisas estavam fora do lugar. Coisas sumiram. Pior ainda, coisas foram *acrescentadas*, coisas que você não conseguia ver bem, como naquelas figuras que diziam CONSEGUE VER OS ÍNDIOS? E se você se esforçasse e apertasse os olhos, você conseguia ver alguns deles – a coisa que você achava que era um cacto era, na verdade, um índio guerreiro com uma faca entre os dentes e havia outros escondidos nas pedras e você até conseguia ver as caras malvadas, impiedosas, surgindo nos raios de uma roda encoberta de vagão. Mas você nunca conseguia ver todos eles, e era isso que te deixava inquieto. Porque eram aqueles que você não via que andavam furtivos pelas suas costas, um machado de guerra numa mão e uma faca de escarpelar na outra...

Mexeu-se inquieto na cama, os olhos buscando o brilho reconfortante do abajur. As coisas estavam piores aqui. Ele sabia disso com certeza. No início, não estavam tão ruins, mas aos pouquinhos... seu papai pensava muito mais em beber. Às vezes ele ficava bravo com a Mamãe e não sabia por quê. Ele passava o tempo todo secando os lábios com um lenço e seus olhos estavam distantes e turvos. A Mamãe estava preocupada com ele e com Danny também. Ele não precisava ler o pensamento dela para saber isso; foi no jeito ansioso que ela lhe perguntou no dia que a mangueira de apagar fogo pareceu se transformar numa cobra. O Sr. Hallorann disse que pensava que todas as mães eram um pouco iluminadas e ela soube que naquele dia algo tinha acontecido. Mas não o quê.

Quase contou para ela, mas algumas coisas o impediram. Ele sabia que o médico, em Sidewinder, acreditava que o Tony e as coisas que o Tony mostrava eram perfeitamente

(bom quase)

normais. Sua mãe poderia não acreditar nele se ele contasse sobre a mangueira. E pior, ela poderia acreditar do jeito errado, pensar que ele estava COM UM PARAFUSO A MENOS. Ele entendia um pouco de FICAR COM UM PARAFUSO A MENOS, não tanto quanto entendia de TER UM BEBÊ, algo que sua mamãe tinha lhe explicado há um ano; em parte, mas o suficiente.

Uma vez, na pré-escola, seu amigo Scott mostrou um garoto chamado Robin Stenger, que estava vagando pelos balancinhos tão para baixo que sua cara quase se arrastava no chão. O pai do Robin ensinava aritmética na escola do Papai e o papai do Scott ensinava história lá. A maioria das crianças da pré-escola era associada ou com a escola preparatória de Stovington ou com a pequena unidade da IBM fora da cidade. As crianças “da preparatória” se juntavam em um grupo, as crianças da IBM, em outro. Havia amizades entre os grupos, claro, mas era bem natural que as crianças cujos pais se conheciam acabassem se unindo, de um jeito ou de outro. Quando acontecia um escândalo de gente grande num grupo, ele quase sempre chegava nas crianças de algum modo selvagemmente modificado, mas era raro o problema passar para o outro grupo.

Ele e Scotty estavam sentados no foguete do parquinho quando o Scotty apontou o polegar para Robin e disse:

— Você conhece aquele menino?

— Conheço — Danny disse.

Scott curvou-se para frente.

— O pai dele FICOU COM UM PARAFUSO A MENOS ontem à noite. Eles levaram ele embora”.

— É? Só porque ele perdeu um parafuso?

Scotty parecia horrorizado com o acontecido.

— Ele ficou maluco. Você sabe.

Scott revirou os olhos, pôs a língua para fora e moveu os indicadores em grandes órbitas elípticas em torno das orelhas.

— Eles levaram ele pro MANICÔMIO.

— Uau — exclamou Danny. — Quando vão deixar ele voltar?

— Nunca, nunquinha — Scotty disse, sombrio.

No decorrer daquele dia e do próximo, Danny ouviu falar que

- a.) O Sr. Stenger tentou matar todo mundo da família, até o Robin, com a sua pistola de colecionador da Segunda Guerra Mundial;
- b.) O Sr. Stenger estraçalhou a casa enquanto ele estava DOIDÃO;
- c.) O Sr. Stenger foi pego comendo uma tigela cheia de grama e de insetos mortos como se fossem cereal com leite, e chorando enquanto comia;
- d.) O Sr. Stenger tentou estrangular a esposa com uma meia quando o Red Sox perdeu uma grande final.

Finalmente, muito perturbado para guardar para si essa situação, perguntou se o Papai sabia do Sr. Stenger. Seu papai colocou-o no colo e explicou que o Sr. Stenger tinha ficado sob grande pressão, em parte por conta da família, em parte por conta do trabalho, em parte por conta de coisas que ninguém conseguia compreender, só os médicos. Ele estava tendo ataques de choro e três noites atrás ele começou a chorar e não conseguia parar e quebrou um monte de coisas em casa. Isso não era FICAR COM UM PARAFUSO A MENOS, o Papai disse, isso era TER UM COLAPSO NERVOSO

e o Sr. Stenger não estava num MANICÔMIO, mas num SANATÓRIO. Porém, apesar das cuidadosas explicações do Papai, Danny estava com medo. Não parecia haver diferença alguma entre FICAR COM UM PARAFUSO A MENOS e TER UM COLAPSO NERVOSO, e se você chamava o lugar de MANICÔMIO ou SANATÓRIO, ainda havia grades nas janelas e não deixavam você sair se quisesse ir embora. E seu pai, quase sem querer, confirmou, exatamente, outra frase do Scotty, uma que deixava o Danny com um temor vago e disforme. No local onde agora vivia o Sr. Stenger, tinham HOMENS DE CAMISAS BRANCAS. Eles vinham buscar você num caminhão sem janela, um caminhão de um cinza cor de lápide. Ele estacionava na calçada de sua casa e os HOMENS DE CAMISA BRANCA saíam de lá e faziam você morar num quarto com paredes macias, longe de sua família. E se você quisesse escrever para casa, tinha que ser com giz de cera.

— Quando vão deixar ele sair? — Danny perguntou ao pai.

— Assim que ele melhorar, velhinho.

— Mas quando vai ser? — Danny insistiu.

— Dan — disse Jack — NINGUÉM SABE.

E aquilo era o pior de tudo. Era outro jeito de dizer nunca, nunquinha.

Um mês depois, a mãe do Robin tirou-o da pré-escola e se mudaram de Stonvinton sem o Sr. Stenger.

Aquilo aconteceu há mais de um ano, depois que o Papai parou de tomar a Coisa Feia, mas antes de ele perder o emprego. O Danny ainda pensava nisso com frequência. Às vezes, quando caía ou batia a cabeça ou tinha dor de barriga, ele começava a chorar e essa lembrança vinha de repente, acompanhada pelo medo de que ele não conseguiria parar de chorar, que continuaria assim, sem parar, em choro e lamento, até a hora que seu papai iria até o telefone, discaria, e diria: “Alô? Aqui é o Jack Torrance, estou na

Mapleline Way, 149. Meu filho não consegue parar de chorar. Por favor, mande os HOMENS DE CAMISA BRANCA para levar o menino ao SANATÓRIO. É isso mesmo, ele FICOU COM UM PARAFUSO A MENOS. Obrigado”. E o caminhão cinza sem janelas viria até a sua porta, eles o colocariam para dentro, ainda num choro histérico, e o levariam embora. Quando iria ver sua mãe e seu pai de novo? NINGUÉM SABE.

Era esse medo que o mantinha em silêncio. Um ano depois, ele tinha quase certeza de que seu pai e sua mãe não deixariam que ele fosse levado embora por pensar que uma mangueira era uma cobra, seu raciocínio lógico estava certo disso, porém, ainda, quando pensava em contar-lhes, a velha lembrança brotava como uma pedra tapando-lhe a boca e bloqueando as palavras. Não era como o Tony; o Tony sempre parecia perfeitamente natural (até os pesadelos começarem, claro), e seus pais também pareciam aceitar o Tony como um fenômeno mais ou menos natural. As coisas como o Tony aconteciam por ser BRILHANTE, o que era algo que os dois presumiam que ele fosse (da mesma forma que presumiam que eles próprios eram BRILHANTES), mas uma mangueira que virava uma cobra, ou sangue e cérebro na parede da Suíte Presente-au quando ninguém mais conseguia ver, essas coisas não seriam naturais. Eles já haviam o levado para ver um médico normal. Não era lógico acreditar que os HOMENS DE CAMISA BRANCA viriam depois?

Ainda assim, ele poderia ter contado para eles, exceto que tinha certeza que, mais cedo ou mais tarde, eles iriam querer afastá-lo do hotel. E ele queria, desesperadamente, ir para longe do Overlook. Mas também sabia que essa era a última chance do pai, que ele estava aqui, no Overlook, para fazer mais do que tomar conta do lugar. Ele estava aqui para trabalhar como escritor. Para superar a perda do emprego. Para amar a Mãe/ Wendy. E até bem pouco tempo, parecia que todas essas coisas

estavam acontecendo. Foi só mais tarde que o Papai começou a ter problema. Desde que ele encontrou aqueles papéis.

*(Esse lugar desumano faz monstros humanos.)*

O que significava aquilo? Ele rezou, mas Deus não contou o que era... E o que o Papai ia fazer se parasse de trabalhar aqui? Ele tentou descobrir pela mente do Papai e ficou cada vez mais convencido de que o Papai não sabia. A prova mais clara veio hoje, mais cedo, no final da tarde, quando o Tio Al ligou para o papai e disse maldades e o Papai não teve coragem de responder porque o Tio Al poderia demiti-lo do emprego do mesmo jeito que o Sr. Crommet, o diretor da Stonvington, e o Conselho de Diretores o demitiram do trabalho de professor na escola. E o Papai morria de medo daquilo, por ele, Danny, e pela Mamãe, e também por ele mesmo.

Então ele não teve coragem de dizer nada. Ele só podia observar sem poder fazer nada e torcer que não tivesse nenhum índio, ou, se tivesse, que eles não se importassem de esperar pela caça e deixar que o trenzinho de três vagões deles passasse ileso.

Mas ele não conseguia acreditar nisso, não importava o quanto tentasse.

As coisas estavam piores no Overlook agora.

A neve estava chegando, e, quando chegasse, quaisquer outras opções anteriores teriam de ser descartadas. E depois da neve, o que aconteceria? O que aconteceria quando eles estivessem presos e à mercê do que quer que fosse aquilo que, talvez, estivera somente brincando com eles, até então?

*(Venha e tome seu remédio!)*

E depois? MAR ROM.

Remexeu-se na cama e virou-se de novo. Conseguia ler mais, agora. Amanhã, talvez, tentaria chamar o Tony, tentaria fazer com que Tony lhe mostrasse exatamente o

que era MAR ROM e se tinha algum jeito de evitar aquilo. Arriscaria ter os pesadelos. Ele tinha que *saber*.

Danny permaneceu acordado muito depois do sono fingido de seus pais se tornar de verdade. Rolou na cama, virando nos lençóis, lutando contra um problema muito grande para sua idade, desperto na noite como uma sentinela solitária em vigília. E, em algum momento após a meia-noite, adormeceu também e depois somente o vento estava acordado, adentrando o hotel e ressoando por dentro do telhado sob o olhar luzente e penetrante das estrelas.

Jack permaneceu na escada, ouvindo os sons reconfortantes, murmurantes que vinham abafados por detrás da porta trancada, e sua confusão lentamente cedeu lugar à raiva. Na realidade, as coisas nunca haviam mudado. Não para Wendy. Ele podia estar longe há vinte anos da ‘água que passarinho não bebe’ e ainda quando chegasse em casa à noite e ela o abraçasse à porta, conseguiria ver, sentir as narinas dela se abrindo enquanto tentava farejar o aroma de uísque ou gim pegando carona no trem da expiração que saía dos seus pulmões. Ela sempre iria presumir o pior: se Danny e ele sofressem um acidente de carro envolvendo um bêbado cego que tivera um derrame logo antes da colisão, ela iria culpá-lo, silenciosamente, pelos ferimentos de Danny e viraria as costas.

A imagem do rosto de Wendy, enquanto arrancava Danny dele, surgiu em sua mente e ele quis, subitamente, eliminar com o punho a raiva contida no rosto dela.

Droga, ela não tinha o direito!

É, talvez no início. Ele havia sido um alcoólatra, feito coisas terríveis. Quebrar o braço do Danny tinha sido uma coisa horrível. Mas se um homem se regenera, não merece ter sua recuperação reconhecida cedo ou tarde? E se ele não consegue isso, não merece então fazer jus à má fama? Se um pai sempre acusa sua filha virgem de transar com todos os garotos do ensino médio, ela não deve finalmente ficar farta (o bastante) disso e fazer por merecer as broncas? E se uma esposa secretamente – e não tão secretamente – continua a acreditar que seu marido abstêmio é um bêbado...

Ele levantou-se, desceu vagorosamente para o patamar do primeiro piso e permaneceu ali por um momento. Pegou o lenço que estava no bolso de trás, secou os

lábios e considerou a idéia de descer e bater na porta do quarto, exigindo que pudesse entrar para ver seu filho. Ela não tinha o direito de ser tão déspota.

Bom, cedo ou tarde ela teria que sair, a menos que tivesse planejado um tipo radical de dieta para os dois. Um sorriso bastante feio tomou seus lábios ao pensar nisso. Deixe-a vir até ele. Ela viria, no tempo certo.

Desceu a escada até o térreo, parou, indeciso, na mesa do saguão por um momento e então virou à direita. Entrou no salão de jantar e parou assim que passou da porta. As mesas vazias, com suas toalhas de linho branco, perfeitamente limpas e passadas sob as capas de plástico transparente, luziram para ele. Tudo estava deserto agora mas

*(O Jantar Será Servido às 20h.*

*Baile e Retirada das máscaras à Meia-Noite.)*

Jack caminhou por entre as mesas, esquecendo-se momentaneamente da esposa e do filho lá em cima, esquecendo o sonho, o rádio quebrado, os hematomas. Correu os dedos sobre as lustrosas capas de plástico, tentando imaginar como teria sido aquela noite quente de agosto de 1945, a guerra ganha, o futuro se descortinando à frente tão variado e novo, como uma terra de sonhos. As brilhantes e multicoloridas lanternas japonesas penduradas em toda a extensão da rotatória de entrada do hotel, a luz amarelo-dourada derramando-se dessas altas janelas agora cobertas pela neve. Homens e mulheres fantasiados, aqui uma princesa brilhante, lá um cavaleiro com botas de cano alto, brilhantismo e jóias cintilantes em todo lugar, danças, bebidas rolando à vontade, primeiro vinho e depois coquetéis e então talvez ‘submarinos’, o nível das conversas aumentando mais e mais até soar o divertido grito do maestro da banda, vindo lá do palco: “Tirem as máscaras! Tirem as máscaras!”

*(E a Morte Vermelha dominava...)*

Ele se viu parado do outro lado do salão de jantar, bem na frente das portas bang-bang estilizadas do *Lounge Colorado* onde, naquela noite de 1945, todas as bebidas eram grátis.

*(Chega mais pro balcão, parceiro, as bebidas são por conta da casa.)*

Ele passou pelas portas, caminhando em direção às profundas, sobrepostas sombras do bar. E uma coisa estranha aconteceu. Ele já tinha estado ali antes, uma vez, para checar a folha do inventário que Ullman havia deixado, e sabia que o local havia sido completamente limpo. As prateleiras estavam todas vazias. Mas agora, sombriamente iluminado apenas pelo feixe de luz que vinha do salão de jantar (também mal-iluminado devido à neve que bloqueava as janelas), ele pensou ver fileiras e fileiras de garrafas cintilando mudas atrás do balcão, sifões, e até mesmo cerveja pingando dos bicos das três torneiras altas e polidas. Sim, ele podia até mesmo *sentir* o aroma da cerveja, aquele odor úmido, de levedo e fermentação, igual ao cheiro que, toda noite, pairava como névoa no rosto de seu pai quando chegava em casa do trabalho.

Arregalando os olhos, Jack tateou a parede em busca do interruptor, e a luz baixa e íntima, típica de bar, se acendeu. Círculos de bulbos de vinte watts instalados no topo de três lustres em forma de rodas de carroça pendurados no teto.

As prateleiras estavam todas vazias. Elas ainda nem tinham acumulado uma boa camada de poeira. As torneiras de cerveja estavam secas, assim como o encanamento cromado embaixo delas. À direita e à esquerda, as cabines de estofado aveludado pareciam homens altos, cada uma feita para dar o máximo de privacidade ao casal que estivesse dentro. Em linha reta, cruzando o chão de carpete vermelho, quarenta banquetas se posicionavam ao redor do balcão do bar em formato de ferradura. Cada banqueta era estofada em couro e marcada a ferro, como o gado de grandes fazendas –

Circle H, Bar D Bar (esse era adequado), Rocking W, Lazy B .

Ele se aproximou, e balançou a cabeça, desconcertado. Parecia aquele dia no parquinho quando... mas não havia razão para pensar naquilo. Podia jurar ter visto aquelas garrafas, vagamente, era verdade, como vemos as formas escuras dos móveis em um cômodo onde as cortinas foram fechadas. Brilho suave no vidro. A única coisa que restou foi o cheiro de cerveja, e Jack sabia que aquele era um cheiro que impregnava na carpintaria de qualquer bar do mundo depois de certo tempo, e não podia ser eliminado por nenhum produto de limpeza já inventado. Contudo, o cheiro ali era marcante... quase fresco.

Sentou-se em uma das banquetas e apoiou os cotovelos na borda de couro almofadada do balcão. Do lado de sua mão esquerda havia uma tigela para amendoins – agora vazia, é claro. O primeiro bar que frequentava em dezenove meses e a porcaria estava seca – que sorte a sua. Mesmo assim, uma poderosa e amarga onda de nostalgia o inundou, e o desejo físico por uma bebida pareceu ganhar vida e subir da barriga para a garganta, depois para a boca, até o nariz, ressecando e enrugando as mucosas por onde passava, fazendo-as suplicar por algo úmido, gelado e duradouro.

Olhou em direção às prateleiras novamente com uma esperança selvagem, irracional, mas estavam tão vazias quanto antes. Sorriu de dor e frustração. Os punhos cerraram-se lentamente, deixando minúsculos arranhões na borda de couro acolchoada do balcão.

— Olá, Lloyd — ele disse — Um pouco parado essa noite, não?

Lloyd disse que sim. Perguntou a ele o que iria querer.

— Agora sim tô feliz por ter me perguntado isso — disse Jack, — muito feliz. Porque acontece que tenho duas notas de vinte e duas de dez na minha carteira e estava com medo de que elas ficassem ali esperando até abril do ano que vem. Não

existe uma loja de conveniência Seven-Eleven por aqui, você acredita? E eu achava que existiam Seven-Elevens até na porra da *lua*.

Lloyd compadeceu-se.

— Então, é o seguinte — disse Jack — Você prepara pra mim uns vinte martinis. Uns vinte, assim, vapt-vupt. Um para cada mês que andei na linha e outro pra recuperar a velha forma. Você pode fazer isso, não pode? Não tá muito ocupado, né?

Lloyd disse que não estava nem um pouco ocupado.

— Bom homem. Enfileira esses “marcianos” no balcão e eu vou virar um por um. O fardo do homem branco, Lloyd meu chapa.

Lloyd virou-se para preparar o pedido. Jack colocou a mão dentro do bolso à procura de seu grampo prendedor de dinheiro e, ao invés disso, retirou de lá um frasco de Excedrin. O grampo estava no escritório do quarto, e claro que a esquelética da sua esposa o havia trancado do lado de fora. Muito bom, Wendy. Sua cadela no cio.

— Parece que tô liso, no momento — disse Jack — De qualquer modo, como tá o meu crédito nesse buteco?

Lloyd disse que estava tudo certo com o crédito dele.

— Maravilha. Gosto de você, Lloyd. Você sempre foi o melhor. O melhor *barman* desse país, de leste a oeste.

Lloyd lhe agradeceu por dizer aquilo.

Jack removeu com força a tampa do seu frasco de Excedrin, sacudiu-o, retirou dois comprimidos e arremessou-os para dentro da boca. O familiar e irresistível sabor ácido inundou seu paladar.

De repente, teve a sensação de que pessoas o observavam, de maneira curiosa e com certo desdém. As cabines atrás dele estavam lotadas — ali estavam homens grisalhos, distintos e lindas garotas, todos eles fantasiados, observando esse triste

exercício das artes dramáticas com uma satisfação sádica.

Jack virou-se em sua banquetta.

As cabines estavam todas vazias, estendiam-se da porta do salão para a esquerda e para a direita, a linha à sua esquerda curvava-se para flanquear a curva em forma de ferradura do bar, descendo pelo curto comprimento do cômodo. Assentos e encostos estofados de couro. Mesas de fórmica pretas e brilhantes, um cinzeiro em cada, uma cartela com fósforos em cada cinzeiro, as palavras *Lounge Colorado* estampadas em letras douradas acima do símbolo da porta bang-bang.

Virou-se novamente, engolindo, com uma careta, o resto do Excedrin dissolvido.

— Lloyd, você é um gênio — disse. — Já tá pronto. Sua velocidade só é superada pela comovente beleza dos seus olhos napolitanos. *Salud*.

Jack contemplou os vinte drinques imaginários, as taças de martini cobertas com gotas de condensação, cada uma com uma roliça azeitona verde espetada no palito. Quase podia sentir o cheiro de gim no ar.

— A Carruagem da sobriedade — disse ele. — Já conheceu algum cavalheiro que embarcou nela?

Lloyd admitiu que, de tempos em tempos, conhecia alguns desses homens.

— Você alguma vez voltou a falar com um deles depois que desembarcou?

Honestamente, Lloyd não conseguiu lembrar-se.

— Então, você nunca fez isso — disse Jack. Fechou a mão em torno do primeiro drinque, ergueu o punho até a boca, que estava aberta e virou tudo. Engoliu e então lançou a taça imaginária por cima do ombro. As pessoas reapareceram em seus trajes de baile, analisando-o, escondendo o riso com as mãos. Ele podia senti-las. Se o fundo do bar fosse um espelho ao invés daquelas malditas prateleiras vazias, ele poderia tê-los visto. Deixe-os olhar. Fodam-se. Deixe as pessoas olharem quem elas quiserem.

— Não, você nunca fez isso — ele disse a Lloyd. — Poucos homens retornam da famosa Carruagem, mas aqueles que voltam, trazem consigo uma terrível história para contar. Quando você sobe nela, parece ser a Carruagem mais brilhante, mais limpa que você já viu, com rodas de três metros de diâmetro para manter a carroceria alta o bastante da sarjeta onde estão todos os bêbados com seus sacos de papel marrom cheios de garrafas de bebidas baratas. Você tá longe de todas essas pessoas que te lançam olhares desagradáveis e dizem pra você entrar na linha ou então ir cantar noutra freguesia. Da sarjeta, a Carruagem é a visão mais maravilhosa que você já viu, Lloyd meu amigo. Toda enfeitada com bandeirinhas, guiada por uma fanfarra e com três balizas de cada lado, girando seus bastões e mostrando, de relance, a calcinha pra você. Rapaz, você tem que embarcar naquela Carruagem e ir pra longe dos cachaceiros que ficam extraindo resquícios de álcool em latões na rua, inalando o próprio vômito pra “ficar alto” de novo e procurando bitucas de cigarro ainda com meio centímetro acima do filtro pela sarjeta.

Sorveu mais dois drinques imaginários e arremessou as taças para trás, por cima do ombro. Quase podia ouvi-las estilhaçando-se no chão. E já estava ficando “alto”. Era o Excedrin.

— Então você embarca nela — disse a Lloyd, — e não é que fica contente em estar ali? Meu Deus, é, isso é verdade. Aquela Carruagem é o maior e melhor carro do desfile, todo mundo faz fila nas ruas, as pessoas aplaudem, vibram e acenam pra você. Menos aqueles “bebuns” desmaiados na sarjeta. Aquelas caras costumavam ser seus amigos, mas tudo ficou pra trás agora.

Levou o punho vazio até a boca e virou mais um — quatro a menos, restavam ainda dezesseis. Estava fazendo um excelente progresso. Balançou um pouco na banquetta. Deixe-os olhar, se é assim que se divertem. Tirem uma foto, pessoal, pra

guardarem de lembrança.

— Então você começa a ver coisas, Lloyd meu chapa. Coisas que você não enxerga da sarjeta. Tipo, como o chão da Carruagem nada mais é do que tábuas de pinho retas, tão frescas que ainda soltam seiva, e se você tirar o sapato pode se machucar com uma farpa. Tipo, como a única mobília na Carruagem são esses longos bancos com encosto alto e sem almofadas pra sentar, e que de fato são bancos de igreja com livros de canções, distantes um metro e meio um do outro, mais ou menos. Tipo, como todas as pessoas sentadas nesses bancos são como aquelas “carolas” sem peito, vestidas com longos vestidos de gola rendada e com os cabelos puxados para trás em coques tão apertados que você quase pode ouvi-los gritar. E cada rosto é achatado, pálido, brilhante e todos estão cantando ‘Se você quiser... vou navegar com você... sobre o rio das inquietas águas’, e na frente, lá em cima, fica aquela vaca fedorenta de cabelo loiro tocando o órgão e dizendo a eles pra cantarem mais alto, mais alto. E alguém enfia um livro de canções em suas mãos e diz: “Cante, irmão. Se você espera ficar nessa Carruagem, tem que cantar de manhã, de tarde e de noite. Principalmente à noite”. É quando você percebe o que a Carruagem realmente é, Lloyd. É uma igreja com grades nas janelas, uma igreja pra mulheres e uma prisão pra você.

Ele parou. Lloyd tinha ido embora. Pior ainda, ele nunca havia estado ali. As bebidas nunca haviam estado ali. Somente as pessoas nas cabines, as pessoas da festa à fantasia, e ele quase podia ouvir as risadas, abafadas pelas mãos tapando a boca, enquanto apontavam para ele, os olhos delas cintilando com um brilho cruel.

Rodopiou novamente.

— Me deixem —

(sozinho?)

Todas as cabines estavam vazias. O som das risadas morreu como o farfalhar de

folhas de outono. Jack olhou fixamente para o saguão vazio por um segundo, os olhos bem abertos e escuros. Uma veia pulsou no meio da testa. No seu âmago, uma certeza fria ganhava forma, e essa certeza era de que estava ficando louco. Sentiu o impulso de pegar uma banqueta próxima, virá-la de cabeça para baixo e sair pelo lugar como um redemoinho vingativo. Ao invés disso, voltou-se para o bar e começou a berrar:

*“Me role*

*Por cima do tre-e-vo,*

*Me role, me deite no chão e faça isso de novo.”*

O rosto de Danny apareceu diante dele, não o rosto normal de Danny, vivaz e alerta, os olhos brilhantes e abertos, mas o rosto de um estranho, catatônico, com ares de zumbi, os olhos pálidos e opacos, chupando o dedo como um bebê. O que ele estava fazendo sentado aqui e falando consigo mesmo, como um adolescente emburrado, enquanto seu filho estava lá em cima, em algum lugar, agindo como um paciente de hospício, como Wally Hollis disse que Vic Stenger estava antes dos homens de jaleco branco virem e levá-lo para longe?

*(Mas eu nunca encostei um dedo nele! Que merda, nunca fiz isso!)*

— Jack? — a voz era tímida, hesitante.

Jack ficou tão surpreso que, ao girar, quase caiu da banqueta. Wendy estava parada do lado de dentro da porta bang-bang, Danny embalado em seus braços como um boneco de cera de um espetáculo de terror. Os três formavam uma espécie de quadro vivo que o impressionou muito; aquele momento logo antes da cortina do Segundo Ato de alguma antiga peça sobre sobriedade, uma peça montada de forma tão pobre que o contrarregra havia esquecido de preencher as prateleiras do Antro da Iniquidade.

— Eu nunca toquei nele — disse Jack, rispidamente — Nunca mais desde a noite em que quebrei o braço dele. Nem mesmo pra dar umas palmadas.

— Jack, isso não importa agora. O que importa é que...

— *Importa sim!* — ele gritou. Esmurrou o bar com o punho, forte o bastante para fazer a tigela de amendoins vazia pular. — *Isso importa, merda, é claro que importa!*

— Jack, a gente tem que tirar o Danny dessa montanha. Ele tá...

Danny começou a se mexer nos braços dela. A expressão fraca, vazia no rosto dele começou a rachar como acontece em uma superfície coberta por uma grossa camada de gelo. Seus lábios se retorceram, como se tivessem provado um sabor estranho. Os olhos se arregalaram. As mãos subiram em direção aos olhos, como se para cobri-los e depois caíram novamente.

Abruptamente, petrificou-se nos braços dela. As costas arquearam-se, fazendo Wendy cambalear. E, de repente, ele começou a gritar, sons alucinantes, loucos escapavam de sua garganta retesada, disparados como flechas. O som parecia preencher o vazio do andar de baixo e ecoar, de volta para eles como banshees, espíritos mensageiros da morte. Devia existir uma centena de Dannys, todos gritando ao mesmo tempo.

— *Jack!* — ela chorava aterrorizada — *Ai meu Deus, Jack, o que há de errado com ele?*

Jack desceu da banqueta, com o corpo dormente da cintura para baixo, mais assustado do que nunca. Em que buraco seu filho tinha se enfiado? Em qual ninho escuro? E o que havia lá dentro que poderia tê-lo picado?

— Danny! — ele vociferou — *Danny!*

Danny o viu. Soltou-se dos braços da mãe num instante, com uma força feroz que a impediu de segurá-lo. Wendy desequilibrou-se para trás contra uma das cabines e quase caiu dentro dela.

— *Papai!* gritou ele, correndo em direção a Jack, os olhos enormes e aterrorizados — *Ô papai, papai, foi ela! Ela! Ela! Ô paiêêêê* —

E bateu nos braços de Jack como uma flecha cega, fazendo-o tremer. Danny agarrou-o furiosamente, a princípio, como se fosse um lutador prestes a agredi-lo, depois, segurou em seu cinto e começou a soluçar em sua camisa. Jack podia sentir o rosto quente do filho se movendo em sua barriga.

*Papai, foi ela.*

Jack levantou o olhar lentamente para o rosto de Wendy. Os olhos dele eram como pequenas moedas de prata.

— Wendy? — a voz suave, quase um ronronar — Wendy, o que você fez com ele?

Wendy retribuiu o olhar dele atordoada pela descrença, o rosto pálido. Balançou a cabeça.

— Jack, você deve saber...

Lá fora, a neve voltava a cair.

## 37 O SALÃO DE BAILE

Era dia primeiro de dezembro.

Danny estava no salão de baile da ala leste, em pé em cima de uma poltrona bergère fofa e de encosto alto, olhando para o relógio com redoma de vidro. Ficava no meio da cornija alta e ornamental da lareira, ladeado por dois grandes elefantes de marfim. Ele quase esperava que os elefantes começassem a se mexer e tentassem escorná-lo com suas presas enquanto estava ali em pé, mas estavam parados. Eles eram “seguros”. Desde a noite do elevador, ele começou a dividir todas as coisas do Overlook em duas categorias. O elevador, o porão, o parquinho, o Quarto 217, e a Suíte Presidencial (era Presidencial e não “presente-au”; ele viu a escrita correta em um livro de contabilidade que o Papai estava lendo no jantar ontem à noite e memorizou com cuidado) — esses lugares eram “não seguros”. Os quartos deles, o saguão e a varanda eram “seguros”. Aparentemente, o salão de baile também era.

(Os elefantes são, pelo menos).

Ele não tinha certeza dos outros lugares, então os evitava como regra geral.

Olhou para o relógio dentro da redoma de vidro. Era protegido pelo vidro porque todo o mecanismo, rodas dentadas e molas estavam à mostra. Um trilho de cromo ou aço corria em volta dessas engrenagens, e logo abaixo do mostrador havia um pequeno eixo com um par de rodas dentadas que se encaixavam em cada ponta. Os ponteiros do relógio estavam parados em XI e quinze, e apesar de não conhecer os numerais romanos, ele podia adivinhar pela configuração dos ponteiros em qual hora o relógio havia parado. O relógio estava em uma base de veludo. Na frente dele,

levemente distorcida pela curva da redoma, ficava uma chave de prata trabalhada com requinte.

Ele supôs que o relógio era uma das coisas nas quais ele não podia mexer, como os acessórios para lareira decorativos que ficavam no armário de metal perto da lareira do saguão, ou a cômoda alta de guardar louças no fundo da sala de jantar.

Uma sensação de injustiça e um sentimento de rebelião tomaram-no de repente e *(e daí que não posso tocar, e daí? me tocou, não foi? brincou comigo, não foi?)*

Sim, brincou. E não tivera cuidado para não quebrá-lo. Danny esticou as mãos, pegou a redoma de vidro e levantou-a, tirando-a do caminho. Ele deixou o dedo brincar por cima da engrenagem por um momento, a parte fofa do dedo indicador ficando marcada pelos dentes, correndo levemente por cima das rodas. Ele pegou a chave de prata. Para um adulto, seria desconfortável de tão pequena, mas encaixava-se nos seus dedos perfeitamente. Ele inseriu-a no buraco de fechadura no centro do mostrador. Ela encaixou firmemente, com um pequeno “clique”, que foi mais sentido do que ouvido. Dava corda para a direita, é claro: sentido horário.

Danny virou a chave até não conseguir virar mais e então a removeu. O relógio começou a fazer tique-taque. As rodas dentadas giraram. Uma grande roda do balanço movia-se de trás para frente em semicírculos. Os ponteiros estavam se mexendo. Se você ficasse com a cabeça imóvel e os olhos arregalados, podia ver o ponteiro dos minutos andando centímetro por centímetro, de encontro ao ponteiro das horas, o que ocorreria daqui a quarenta e cinco minutos. Às XII.

*(E a Morte Rubra dominava tudo e todos.)*

Ele franziu a testa e então desconsiderou o pensamento. Era um pensamento sem significado ou referência para ele.

Ele esticou o dedo indicador novamente e empurrou o ponteiro dos minutos até

alcançar o das horas, curioso para saber o que poderia acontecer. Obviamente não era um relógio cuco, mas aquele trilho de aço tinha que ter algum propósito.

Ocorreu uma série de pequenos cliques das rodas dentadas se encaixando, e então o relógio começou a tocar a “Valsa do Danúbio Azul”, de Strauss. Um rolo de tecido perfurado, com não mais que cinco centímetros de largura, começou a se desenrolar. Uma série de pequenos martelos de metal subiam e desciam. De trás do mostrador, duas figuras deslizaram pelo trilho de aço até ficarem à vista. Bailarinos: na esquerda, uma menina com uma saia fofa e meia-calça branca; na direita, um menino com uma malha preta e sapatilhas de balé. As mãos estavam como arcos por cima das cabeças. Eles se encontraram no meio, na frente do VI.

Danny viu pequenos sulcos nos lados deles, bem abaixo das axilas. O eixo entrou nesses sulcos e ele ouviu outro “clique”. As rodas dentadas das duas pontas do eixo começaram a girar. O “Danúbio Azul” tocava. Os braços dos dançarinos desceram em volta um do outro. O menino virou a menina por cima da cabeça e depois virou por cima do eixo. Eles agora estavam deitados de bruços; a cabeça do menino enterrada embaixo da saia curta de balé da menina, o rosto da menina encostado no meio da malha do menino. Eles se contorciam em um frenesi mecânico.

Danny contorceu o nariz. Eles estavam beijando os pipis um do outro. Isso o fez ficar com nojo.

Pouco depois, as coisas começaram a voltar. O bailarino girou de volta no eixo. Ele virou a menina para ela ficar de pé. Eles pareciam se entreolhar com malícia enquanto suas mãos voltavam à posição arqueada por cima de suas cabeças. Voltaram do mesmo jeito que vieram, desaparecendo no momento em que o “Danúbio Azul” acabou. O relógio emitiu o som dos cinco sinos do carrilhão.

*(Meia noite! Badalada da meia noite!)*

*(Viva as máscaras!)*

Danny contorceu-se na cadeira, quase caiu. O salão estava vazio. Do outro lado dos vitrôs, ele podia ver a neve fresca começando a cair. O grande tapete do salão de baile (enrolado para poderem dançar, é claro), feito de um rico entrelaçamento de bordados vermelhos e dourados, estava intocado no chão. Espaçadas ao redor dele encontravam-se pequenas mesas íntimas para duas pessoas, as cadeiras que formavam conjunto com as mesas estavam suspensas, cheias de teias de aranha, com as pernas viradas para o teto.

O lugar todo estava vazio.

Mas não estava realmente vazio. Porque aqui no Overlook, as coisas não paravam. Aqui no Overlook, todas as épocas eram uma só. Havia uma noite sem fim em agosto de 1945, com risadas e bebidas e alguns poucos iluminados escolhidos subindo e descendo no elevador, bebendo champanhe e jogando confete na cara uns dos outros. Era uma manhã ainda escura de junho, uns vinte anos depois, e os matadores de aluguel de uma organização cravejavam repetidamente balas de metralhadoras nos corpos rasgados e sangrentos de três homens que passavam infinitamente por aquela agonia. Em um quarto no segundo andar, uma mulher refestelava-se na banheira, esperando visitas.

No Overlook, tudo tinha uma espécie de vida. Era como se ele tivesse dado corda no lugar todo com a chave prata. O tempo corria. O tempo corria.

Ele era a chave, Danny pensou com tristeza. Tony avisou-o e ele deixou as coisas acontecerem.

*(Só tenho cinco anos!)*

ele gritou para uma presença que pairava no cômodo.

*(Não faz diferença nenhuma que eu só tenho cinco anos?)*

Não houve resposta.

Virou-se, relutante, para o relógio.

Ele estava adiando, esperando que algo acontecesse para ajudá-lo a evitar chamar Tony novamente, que um guarda florestal viesse, ou um helicóptero, ou uma equipe de resgate; elas sempre chegavam a tempo nos programas de TV que ele assistia e as pessoas eram salvas. Na TV, os guardas e a equipe da SWAT e os paramédicos eram nossos amigos e pertenciam à força branca, que contrabalanceava o mal confuso que ele percebia no mundo; quando as pessoas se metiam em encrencas elas eram ajudadas, os problemas se resolviam. Elas não tinham que se virar sozinhas para saírem da encrenca.

*(Por favor?)*

Não houve resposta.

Nenhuma resposta, e se Tony viesse, seria o mesmo pesadelo? Os estrondos, a voz áspera e petulante, o tapete azul e preto com desenhos que pareciam cobras? *Marrom?*

Mas o que mais?

*(Por favor por favor)*

Sem resposta.

Com um suspiro trêmulo, ele olhou para o mostrador do relógio. Rodas dentadas giravam, encaixando-se em outras rodas dentadas. A roda do balanço movia-se hipnoticamente para frente e para trás. E se você ficasse com a cabeça imóvel, podia ver o ponteiro dos minutos descendo lenta e inexoravelmente do XII para o V. Se você ficasse com a cabeça parada, podia ver que —

O mostrador do relógio havia desaparecido. Em seu lugar estava um buraco negro. Era uma porta para o infinito. Ele começou a aumentar. O relógio sumiu. O cômodo por de trás dele. Danny cambaleou e então caiu na escuridão que estivera

escondida atrás do mostrador do relógio o tempo todo.

O garotinho que estava na cadeira caiu de repente e ficou deitado nela em um ângulo torto e não natural, com sua cabeça jogada para trás, seus olhos fixos, porém vazios, olhando para o teto alto do salão de baile.

Descendo e descendo e descendo e descendo para –

– o corredor, agachado no corredor, e ele havia feito uma curva errada, tentando voltar às escadas ele havia feito uma curva errada e agora E AGORA —

– ele viu que ele estava no pequeno corredor sem saída que dava apenas na Suíte Presidencial e os estrondos estavam se aproximando, o taco de roque assobiando selvagememente pelo ar, a sua cabeça se enterrando na parede, cortando o papel de parede de seda, liberando pequenas nuvens de poeira de gesso.

*(Putá merda, venha aqui! Tome o seu)*

Mas havia outra figura no corredor. Encostado na parede atrás dele, relaxado e indiferente. Como um fantasma.

Não, não era um fantasma, mas estava todo vestido de branco. Vestido de branco.

*(Eu vou te achar, seu pirralhinho desgraçado filho de uma puta!)*

Danny encolheu-se de medo do som. Vindo do corredor principal do terceiro andar agora. Em breve, o dono daquela voz viraria naquele corredor.

*(Venha cá! Venha cá seu merdinha!)*

A pessoa vestida de branco endireitou a postura um pouco, retirou o cigarro do canto da boca e arrancou um pedaço de fumo do seu lábio inferior carnudo. Era Hallorann, Danny viu. Vestido com sua roupa branca de cozinheiro em vez do terno azul que estava usando no último dia de funcionamento do hotel.

— Se tiver problema — Hallorann disse, — dá uma chamada. Um gritão bem

alto igual àquele que cê me nocauteou uns minutos atrás. Pode ser que eu te escute mesmo lá na Flórida. E se escutar, venho correndo. Venho correndo. Venho —

*(Vem agora então! Vem agora, vem AGORA! Ah Dick, preciso de você todos nós precisamos de)*

— correndo. Desculpa, mas tenho que correr. Desculpa Danny meu velho meu velhinho, mas tenho que correr. Foi divertido, seu filho da mãe, mas tô com pressa, tenho que correr.

*(Não!)*

Mas enquanto ele observava, Dick Hallorann virou-se, pôs o cigarro de volta no canto da boca, e atravessou, indiferente, a parede.

Deixando-o sozinho.

E foi então que a sombra surgiu, gigante na penumbra do corredor. Somente o vermelho refletido de seus olhos estava claro.

*(Aí você está! Agora te peguei, seu bosta! Agora vou te ensinar!)*

Foi de encontro a ele em uma terrível corrida cambaleante, o taco de roque balançando mais e mais para cima. Danny rastejou, apavorado, para trás, gritando, e, subitamente, atravessou a parede e estava caindo, rolando de novo e de novo, descendo um buraco, descendo a toca do coelho e chegando a uma terra cheia de surpresas doentias.

Tony estava mais abaixo dele, e também estava caindo.

*(Não posso mais vir, Danny... ele não me deixa chegar perto de você... nenhum deles me deixa chegar perto de você... chame o Dick... chame o Dick...)*

— Tony! — Ele gritou.

Mas Tony se foi e de repente ele estava em um quarto escuro. Mas não totalmente escuro. Luz diminuta vindo de algum lugar. Era o quarto da Mamãe e do

Papai. Ele podia ver a escrivaninha do Papai. Mas o quarto estava um caos, aterrorizante. Ele já esteve nesse quarto antes. O toca-discos da Mamãe virado no chão. Os discos espalhados pelo tapete. O colchão, metade para fora da cama. Fotos arrancadas das paredes. Sua cama dobrável virada de lado, como um cachorro morto, o Volkswagen Violeta Selvagem esmagado em pedaços de plástico roxo.

A luz estava vindo da porta do banheiro, que estava entreaberta. Lá dentro uma mão estava dependurada debilmente, sangue pingando das pontas dos dedos. E no espelho do armário de remédios, MAR ROM, piscando.

De repente, um relógio enorme dentro de uma redoma de vidro se materializou na frente do espelho. Não havia ponteiros ou números no mostrador do relógio, só uma data escrita em vermelho: 2 DE DEZEMBRO. E então, arregalando os olhos, horrorizado, ele viu as letras MAR ROM refletida levemente na redoma de vidro, agora refletida duas vezes. E viu que era a palavra MORRAM.

Danny Torrance gritou aterrorizado. A data havia desaparecido do mostrador do relógio. O mostrador em si havia sumido, sendo substituído por um buraco negro circular que aumentou e aumentou como uma pupila dilatando-se. O buraco borrou tudo e ele caiu para frente, começando a cair, caindo, ele estava —

\*\*\*

— caindo da cadeira.

Por um momento, ele ficou deitado no chão do salão de baile, ofegante.

MARROM

MORRAM

MARROM

MORRAM

*(A Morte Rubra dominava tudo e todos!)*

*(Retirem as máscaras! Retirem as máscaras!)*

E por de trás de cada máscara bela e brilhante, o rosto ainda não visto do vulto que o perseguia nesses corredores escuros, seus olhos vermelhos se arregalando, vazios e homicidas.

Ah, ele estava com medo de qual rosto poderia vir à luz quando a hora da retirada das máscaras finalmente chegasse.

*(DICK!)*

ele gritou com toda sua força. Sua cabeça pareceu tremer com a força do grito.

*(!!! OH DICK POR FAVOR POR FAVOR POR FAVOR VEM!!!)*

Acima dele, o relógio no qual ele havia dado corda com a chave prata continuou a marcar os segundos, os minutos, as horas.

Danny acordou de um sonho terrível com um arquejo abafado. Havia acontecido uma explosão. Um incêndio. O Overlook estava pegando fogo. Ele e sua mãe estavam no gramado da frente, assistindo a tudo.

Mamãe dizia:

— Olha Danny, olha a cerca-viva.

Ele olhou e ela estava morta. As folhas eram agora de um marrom sufocante. Os ramos firmemente apinhados pareciam esqueletos de cadáveres desmembrados. E então seu pai irrompeu pelas grandes portas duplas do Overlook, queimando como uma tocha. As roupas dele estavam em chamas, a pele tinha adquirido um bronzeado escuro e sinistro que se tornava cada vez mais escuro, os cabelos eram um arbusto flamejante.

Foi então que ele acordou, a garganta apertada pelo medo, as mãos agarradas ao lençol e aos cobertores. Havia gritado? Olhou para sua mãe. Wendy estava deitada de lado, com os cobertores até o queixo, uma mecha dos cabelos cor de palha sobre a bochecha. Ela própria parecia uma criança. Não, não havia gritado.

Deitado na cama, olhando para cima, o pesadelo começou a se dissipar. Possuía a curiosa sensação de que alguma grande tragédia

(fogo? explosão?)

tinha sido evitada por um triz. Deixou a mente vagar, procurando seu pai, e encontrou-o parado em algum lugar lá embaixo. No saguão. Danny esforçou-se um pouco mais, tentando entrar na mente do pai. Aquilo não era bom. Porque o Pai estava pensando na Coisa Feia. Estava pensando em como

*(vai ser bom só um ou dois não me importo o sol tá se pondo em algum lugar do mundo se lembra como costumávamos dizer isso, Al? gim e tônica uísque com uma leve pitada de angostura scotch e soda rum e coca e chacoalha dali, chacoalha daqui um drinque pra mim e outro pra ti os marcianos devem ter aterrissado em algum lugar do mundo princeton ou houston ou stokely on carmichael em uma porra de lugar afinal é a temporada e nenhum de nós está)*

*(SAIA DA MENTE DELE, SEU MERDINHA!)*

Danny recuou aterrorizado com aquela voz dentro de sua mente, os olhos arregalados, as mãos curvando-se como garras na colcha. Não era a voz de seu pai, e sim uma imitação engenhosa. Uma voz conhecida. Rouca, brutal, ainda marcada com um tipo de humor vazio.

Então estava assim, tão perto?

Jogou os cobertores para trás e colocou os pés no chão. Tirou os chinelos de debaixo da cama e calçou-os. Foi até a porta, abriu-a e correu depressa para o corredor principal, os pés nos chinelos arrastando-se nas trepadeiras felpudas da trama do carpete. Entrou no corredor.

Havia um homem de quatro na metade do caminho, entre ele e as escadas.

Danny congelou.

O homem olhou para ele. Seus olhos eram pequeninos e vermelhos. Vestia um tipo de fantasia prateada com lantejoulas. Uma fantasia de cachorro, Danny percebeu. Da parte de trás dessa estranha criação, projetava-se um rabo longo e mole, com um tufo de pêlos na ponta. Um zíper subia pela parte de trás da fantasia até o pescoço. À esquerda do homem, havia uma cabeça de cachorro ou lobo, as órbitas vazias acima do focinho, a boca aberta em um rosnado mudo que deixava ver a estampa azul e preta do tapete por entre caninos que pareciam feitos de papel-machê.

A boca, as bochechas e o queixo do homem estavam salpicados de sangue.

Ele começou a rosnar para Danny. Estava sorrindo, mas o rosnado era real. Vinha do fundo de sua garganta, um som primitivo, arrepiante. Então, começou a latir. Os dentes também estavam manchados de vermelho. Começou a engatinhar em direção a Danny, arrastando atrás de si o rabo desossado. A cabeça de cachorro da fantasia permanecia ignorada no carpete, e lançava um olhar furioso na direção acima do ombro de Danny.

— Deixa eu passar — disse Danny.

— Eu vou te comer, garotinho — o homem-cachorro respondeu e, de repente, uma torrente de latidos saiu da boca sorridente. Eram imitações humanas, mas a selvageria neles era verdadeira. O cabelo do homem era escuro, oleoso de suor devido ao confinamento na fantasia. Seu hálito, uma mistura de uísque e champanhe.

Danny hesitou, mas não correu:

— Deixa eu passar.

— Nem pelos fios do meu queixinho-inho-inho — respondeu o homem-cachorro. Seus pequenos olhos vermelhos fitavam atentamente o rosto de Danny. Ele continuou a sorrir.

— Eu vou te comer, garotinho. E acho que vou começar pelo seu roliço *pintinho*.

O homem-cachorro começou a saltar de forma arisca para frente, rosnando e dando pulinhos.

Danny se acovardou. Voltou para o pequeno corredor que levava aos quartos, olhando por cima do ombro. Ouviu-se uma sequência mista de gritos, latidos e rosnados, interrompida por murmúrios incompreensíveis e risadinhas.

Danny ficou no corredor, trêmulo.

— Levanta esse pau! — gritou o homem-cachorro bêbado do outro corredor.

Sua voz era, ao mesmo tempo, violenta e desesperada — Levanta, Harry seu bastardo, cadela! Eu não ligo para quantos cassinos e companhias aéreas e estúdios de cinema você tem! Sei do que você gosta na privacidade de sua própria c-casa! Põe de pé! Eu vou *bufar*.. e vou *assoprar*.. até o Harry Derwent *todinho eu derrubar*! — E terminou com um longo e arrepiante uivo que pareceu se transformar em um grito de raiva e dor, segundos antes de sumir.

Danny voltou-se, apreensivo, para a porta fechada do quarto no final do corredor e caminhou em silêncio em direção a ela. Abriu e enfiou a cabeça pela fresta. Sua mamãe estava dormindo na mesma posição. Ninguém além dele estava ouvindo aquilo.

Fechou a porta com delicadeza e voltou para o cruzamento do corredor deles com o corredor principal, na esperança de que o homem-cachorro tivesse ido embora, da mesma forma que o sangue nas paredes da Suíte Presidencial tinha sumido. Ele espiou cuidadosamente o outro corredor.

O homem fantasiado de cachorro ainda estava lá. Tinha colocado a cabeça da fantasia de volta e agora estava desfilando de quatro perto da escada, perseguindo o próprio rabo. Vez ou outra saltava do tapete e caía fazendo grunhidos de cachorro com sua garganta.

— Au! Au! Auuuuuuuuuuu! *Grrrrrrrr!*

Esses sons e outros, que pareciam soluços ou risadas, saíam vazios da boca em forma de rosnado da máscara estilizada.

Danny voltou ao quarto e sentou-se em sua cama de campanha, cobrindo os olhos com as mãos. O hotel controlava as coisas agora. Talvez no início, as coisas que haviam acontecido fossem apenas acidentes. Talvez no início, as coisas que ele tinha visto fossem realmente imagens assustadoras que não poderiam machucá-lo. Mas agora, o hotel controlava essas coisas e elas podiam machucar. O Overlook não quis que ele

fosse até seu pai. Teria estragado toda a diversão. Por isso tinha colocado o homem-cachorro em seu caminho, da mesma forma como colocou os animais de cerca-viva entre eles e a rodovia.

Mas seu papai podia vir até aqui. E, cedo ou tarde, ele viria.

Começou a chorar, as lágrimas rolavam silenciosamente pelas bochechas. Era tarde demais. Eles iriam morrer, os três, e quando o Overlook reabrisse no final da primavera, eles estariam bem ali para receber os hóspedes junto com os outros fantasmas. A mulher na banheira. O homem-cachorro. A terrível coisa escura que ficava no túnel de cimento. Eles iriam —

*(Pare! Pare com isso agora!)*

Furioso, limpou as lágrimas dos olhos com os nós dos dedos. Ele tentaria, de todas as formas, evitar que aquilo acontecesse. Não com ele, nem com seu papai e nem com sua mãe.

Tentaria com todas as suas forças.

Fechou os olhos e projetou sua mente para o alto, como um relâmpago cristalino.

*(!!! DICK POR FAVOR VEM RÁPIDO A GENTE TÁ COM PROBLEMAS DICK A  
GENTE PRECISA)*

E, de repente, na escuridão por trás de seus olhos, a coisa que, em seus sonhos, o havia perseguido pelos corredores escuros do Overlook estava ali, bem ali, uma imensa criatura vestida de branco, a clava pré-histórica levantada acima da cabeça:

— *Vou fazer você parar com isso! Maldito filhote! Vou fazer você parar com isso porque eu sou seu PAI!*

— *Não!*

Com um puxão, voltou à realidade, os olhos fixos e arregalados, gritos incontroláveis saindo de sua boca, enquanto sua mãe acordava num estalo, agarrando o

lençol contra o peito.

— *Não Papai não não não...*

E ambos ouviram o violento golpe descendente da clava invisível, cortando o ar em algum lugar bem próximo, e então desvanecendo em silêncio, no mesmo instante em que ele corria para a mãe e a abraçava, trêmulo como um coelho preso em uma armadilha.

O Overlook não permitiria que ele chamasse o Dick. Isso também acabaria com toda a diversão.

Eles estavam sozinhos.

Lá fora a neve caía mais forte, escondendo-os do mundo como uma cortina.

Wendy arriscou olhar de relance por cima do ombro. Jack estava no sexto degrau, agarrando o corrimão como ela mesma estava fazendo. Ele ainda sorria, um sangue escuro vertia lentamente do sorriso e escorria pela linha da mandíbula. Mostrou os dentes.

— Vou esmagar seus miolos. Esmagar bem até essa porra toda entrar. — E lutou para subir mais um degrau.

O pânico encorajou-a, e a dor que sentia na lateral do corpo diminuiu um pouco. Arrastou-se para cima o mais rápido que pôde, apesar da dor, puxando o corrimão convulsivamente. Alcançou o topo da escada e lançou um olhar para trás.

Jack parecia ganhar forças ao invés de perdê-las. Estava há apenas quatro degraus do topo, medindo a distância com o taco de roque em sua mão esquerda enquanto arrastava-se para cima com a direita.

— Bem atrás de você — ele ofegou através do sorriso ensanguentado, como se estivesse lendo a mente dela — Bem atrás de você agora, sua piranha. Com o seu remédio.

Ela fugiu, cambaleando pelo corredor principal, as mãos pressionando o flanco.

A porta de um dos quartos abriu-se de repente e um homem com uma máscara verde de zumbi apareceu.

— Ótima festa, não acha? — gritou no rosto dela e puxou a linha encerada de uma lembrancinha de festa. Um estrondo ecoou e, de repente, serpentinas de papel-crepom flutuavam à sua volta. O homem mascarado cacarejou e entrou no quarto

batendo a porta. Ela caiu de corpo inteiro no carpete. A lateral do seu corpo parecia que ia explodir de dor e ela lutava desesperadamente contra a escuridão da inconsciência. Podia ouvir, ao longe, o elevador funcionando de novo e sob a mão espalmada via as figuras do tapete que pareciam se mover, balançando e entrelaçando-se umas nas outras, sinuosamente.

O taco bateu bem atrás de Wendy e ela jogou-se para frente, soluçando. Por cima do ombro, pôde ver Jack tropeçar, perder o equilíbrio e levar a marreta abaixo segundos antes de cair, expelindo respingos brilhantes de sangue nos fios do tapete.

A ponta do taco atingiu-a diretamente no meio das costas e, por um momento a agonia foi tão grande que a única coisa que fez foi se contorcer, abrindo e fechando as mãos. Algo dentro dela tinha estalado — havia ouvido claramente, e por alguns instantes manteve-se consciente apenas de um jeito silencioso, abafado, como se estivesse simplesmente observando os acontecimentos através de um fino tecido translúcido.

Então, retomou consciência plena, e junto com ela, terror e dor.

Jack estava tentando se levantar para poder terminar o serviço.

Wendy tentou ficar em pé, mas descobriu que era impossível. Com o esforço, sentiu como se faíscas elétricas percorressem sua espinha de alto a baixo. Começou a se arrastar, movimentando-se de lado. Jack arrastava-se atrás dela, o taco de roque usado como bengala ou muleta.

Ela alcançou a curva do corredor e arrastou-se para contorná-la, usando as mãos para puxar a quina da parede. Seu medo aumentou — não podia acreditar que aquilo fosse possível, mas era. Era mil vezes pior não poder ver onde, ou o quão perto, Jack estava. Enquanto se arrastava, puxava punhados da fibra do tapete, e já se encontrava na metade do curto corredor quando percebeu a porta do quarto escancarada.

(*Danny! Ai meu Deus*)

Forçou-se a ficar de joelhos e depois cravou as mãos na parede para ficar em pé, os dedos deslizando sobre o papel de parede acetinado. Suas unhas puxavam pequenas tiras do tecido, desfiando-o. Ignorou a dor e entrou pela porta, ora caminhando, ora arrastando os pés, enquanto Jack contornava a curva mais distante e avançava em direção à porta aberta, apoiando-se no taco de roque.

Wendy alcançou o topo da penteadeira, sustentou-se contra o móvel, e agarrou o batente da porta.

Jack gritou:

— Não feche essa porta! Sua desgraçada, não se *atreva* a fechá-la!

Ela bateu a porta e puxou o trinco. Desesperada, enfiou a mão esquerda nas bugigangas da penteadeira, derrubando algumas moedas no chão, que rolaram por toda parte. A mão pegou o chaveiro no exato momento em que o taco acertou a porta, fazendo-a tremer na ombreira. Colocou a chave na fechadura na segunda pancada e girou para a direita. Ao som dos ferrolhos caindo, Jack gritou. O taco acertou novamente a porta, uma saraivada de golpes ribombantes que fizeram com que ela recuasse. Como ele podia estar fazendo aquilo com uma faca nas costas? De onde ele tirava toda aquela força? Ela queria gritar “*Por que você não está morto?*” para a porta trancada.

Ao invés disso, virou-se. Danny e ela teriam que entrar no banheiro da suíte e trancar aquela porta também, caso Jack realmente pudesse irromper pela porta do quarto. O pensamento de escapar pelo vão do elevador para alimentos passou pela sua cabeça num clarão, mas logo o rejeitou. Danny era pequeno o bastante para caber dentro do compartimento, mas ela não conseguiria controlar a corda. Ele iria despencar e parar lá embaixo.

Teria que ser pelo banheiro. E se Jack conseguisse entrar ali —

Mas não podia pensar naquilo.

— Danny, meu bem, você vai ter que levantar agora... —

Mas a cama estava vazia.

Quando ele começou a dormir profundamente, ela o cobriu com os cobertores e uma das colchas de retalho. E agora estavam jogados novamente ao pé da cama.

— Vou te pegar! — Jack gritou — Vou pegar os dois! — A cada duas palavras ouvia-se um golpe do taco de roque, ainda que Wendy ignorasse os dois. Toda a sua atenção estava voltada para aquela cama vazia.

— *Saia daí! Destranca essa maldita porta!*

— Danny? — ela sussurrou.

É claro... quando Jack a atacara. Aquilo teria chegado até ele, da mesma forma como emoções fortes sempre chegavam. Talvez ele até tenha visto toda aquela situação em um pesadelo. E estava se escondendo.

Caiu desajeitada de joelhos, suportando outra pontada de dor em sua perna ensangüentada e inchada, e olhou debaixo da cama. Nada além de poeira e dos chinelos de Jack.

Jack gritou o nome dela, e dessa vez, quando balançou o taco, uma comprida lasca de madeira caiu da porta com estardalhaço nos tacos de madeira do chão. O som do golpe seguinte assemelhou-se ao repugnante ruído de algo se partindo, como galhos secos atingidos por uma machadinha. A ponta ensangüentada do taco, agora rachada e faltando um pedaço do lado direito, bateu com violência no novo buraco da porta, foi retirada e veio abaixo novamente, lançando lascas de madeira pelo quarto.

Wendy colocou-se em pé novamente utilizando o pé da cama, e atravessou o quarto mancando até o armário. Gemia quando suas costelas quebradas a apunhalavam.

— Danny?

Desesperada, vasculhou por entre as roupas penduradas; algumas delas deslizaram dos cabides e caíram como balões no chão. Ele não estava no armário.

Mancou em direção ao banheiro e assim que alcançou a porta olhou de relance para trás. O taco quebrou mais um pedaço da porta, aumentando o buraco e então uma mão apareceu, tateando pelo trinco. Ela viu, aterrorizada, que havia deixado o chaveiro de Jack pendurado na fechadura.

A mão puxou bruscamente o trinco para trás, e encostou no molho de chaves. Elas tilintaram alegremente. A mão agarrou-as triunfante.

Com um soluço, Wendy se jogou para dentro do banheiro e bateu a porta no exato momento em que a porta do quarto abriu-se com um estrondo e Jack entrou de supetão, gritando.

Wendy fechou o trinco da porta e girou a trava, olhando ao redor, desesperada. O banheiro estava vazio. Danny também não estava ali. E assim que pôde ver seu próprio rosto aterrorizado e respingado de sangue no espelho do armário de remédios, ficou contente. Ela tinha certeza de que os filhos jamais deveriam presenciar as discussões dos pais. E talvez aquilo que agora estava delirando no quarto, derrubando coisas e esmagando-as, finalmente entraria em colapso antes que pudesse ir atrás de seu filho. Quem sabe, pensou ela, conseguisse até machucá-lo mais um pouco... matá-lo, talvez.

Passou os olhos, rapidamente, pelas superfícies de porcelana do banheiro em busca de qualquer coisa que pudesse ser utilizada como arma. Havia um sabonete, mas mesmo embrulhado em uma toalha não seria letal o bastante. Todo o resto estava trancado. Meu Deus, será que não havia nada que ela pudesse fazer?

Do outro lado da porta, os sons animais de destruição aumentavam, acompanhados por gritos, em voz grave, de que eles “iriam tomar seus remédios” e iam

“pagar pelo que tinham feito a ele”. Ele iria “mostrar quem mandava ali”. Eles eram “filhotes inúteis”, os dois.

Ouviu-se um baque quando o toca-discos foi virado de cabeça para baixo, um ruído oco quando a tela da TV de segunda mão foi esmagada, o tilintar de cacos de vidro, e em seguida, um vento gelado vindo por debaixo da porta do banheiro. Um baque surdo quando os colchões foram arrancados das camas de solteiro onde haviam dormido juntos, lado a lado. Explosões quando Jack acertava indiscriminadamente as paredes com o taco.

Não havia nada do verdadeiro Jack naquela voz irritante, petulante, parecida com um uivo. Essa voz alternava entre lamúrias de auto-piedade e berros crescentes; aquilo a fazia se lembrar, com calafrios, dos gritos que algumas vezes ouvia na enfermaria da ala geriátrica do hospital onde trabalhara quando ainda era uma estudante do ensino médio. Demência senil. Jack não estava mais ali. Ela estava escutando a voz lunática, delirante do próprio Overlook.

O taco entrou pela a porta do banheiro, derrubando um bom pedaço do fino revestimento da porta. Metade de um rosto de aparência enlouquecida e alerta olhou para ela fixamente. A boca, as bochechas e a garganta cobertas com uma espuma ensanguentada, o único olho que ela conseguia ver brilhava, e era minúsculo como o de um porco.

— Não tem mais para onde fugir, sua puta — ele disse ofegante, por detrás do sorriso. O taco desceu novamente, derrubando lascas de madeira dentro da banheira e contra a superfície refletora do armário de remédios.

*(!! O armário de remédios !!)*

Um lamento desesperado começou a escapar da boca dela quando rodopiou, mas, esquecendo a dor temporariamente, puxou a porta espelhada do armário para trás.

Começou a vasculhar por entre os objetos que ali estavam. Atrás dela, aquela voz rouca berrava:

— Lá vou eu! Lá vou eu, sua vaca!

A coisa estava demolindo a porta em um frenesi mecânico.

Garrafas e potes caíram dentro da pia diante de seus dedos em sua busca alucinada – xarope para tosse, vaselina, xampu Clairol Herbal Essence, água oxigenada, xilocaína – e despedaçaram-se.

Sua mão fechou-se sobre a embalagem de lâminas de barbear no exato momento em que ela ouviu, novamente, a mão procurando o trinco e a trava da porta.

Deixou cair uma das lâminas, tateando em busca dela, a respiração vindo em pequenos e ásperos arquejos. Ela havia cortado a palma de sua mão. Voltou-se para a porta e desferiu golpes naquela outra mão, que já havia destrancado a fechadura e agora procurava o trinco.

Jack gritou. A mão recuou de forma brusca, sacudindo-se.

Ofegante, segurando a lâmina com o polegar e o indicador, Wendy esperou que ele tentasse novamente. Ele tentou, e ela o cortou. Ele gritou outra vez, tentando agarrar a mão dela, e ela o cortou de novo. A lâmina girou em sua mão, cortando-a mais uma vez, e caiu no chão de cerâmica do banheiro.

Wendy tirou outra lâmina de dentro da embalagem e esperou.

Movimentos no outro cômodo —

*(?? Indo embora ??)*

E ouviu um som que entrava pela janela do quarto. Um motor. Um som alto, parecendo o zumbido de um inseto.

Um berro de raiva de Jack e então — sim, sim, ela tinha certeza disto — ele estava deixando o apartamento do zelador, abrindo caminho por entre os destroços e

indo em direção ao corredor.

*(?? Seria alguém vindo um guarda Dick Hallorann ??)*

— Ai meu Deus — murmurou ela, destroçada, as palavras parecendo sair de uma boca cheia de gravetos e serragem velha. — Ai meu Deus, por favor.

Tinha que sair agora, tinha que encontrar seu filho para que pudessem enfrentar, lado a lado o resto desse pesadelo. Esticou-se e procurou pelo trinco. Seu braço parecia se alongar por quilômetros. Por fim, alcançou-o e pôde se libertar. Empurrou a porta, cambaleou para fora, e de repente, foi dominada pela terrível certeza de que Jack estava esperando por ela e que apenas havia fingido sair.

Wendy olhou ao seu redor. O quarto estava vazio, a sala também. Coisas quebradas, misturadas por toda a parte.

O armário? Vazio.

Suaves sombras acinzentadas começaram a envolvê-la e Wendy caiu, semi-consciente, no colchão que Jack havia arrancado da cama.

55    **AQUILO QUE FOI ESQUECIDO**

Wendy voltou a si pouco a pouco, a atmosfera cinzenta se desvanecendo, a dor tomando o seu lugar: as costas, a perna, o flanco... ela não acreditava ser capaz de se mover. Até mesmo os dedos doíam, e a princípio não sabia por quê.

*(A lâmina de barbear, era por isso.)*

Os cabelos loiros, agora empapados em suor e grudados na cabeça, caíam sobre os olhos. Ela afastou-os e sentiu uma pontada nas costelas, que a fez gemer. Agora via um campo de colchões azuis e brancos, salpicados de sangue. O sangue dela, ou talvez de Jack. De qualquer forma, ainda estava fresco. Não havia permanecido inconsciente por muito tempo. E isso era importante porque —

*(? Por quê?)*

Porque —

A primeira coisa da qual se lembrou foi o som do motor, parecido com um zumbido de inseto. Por um momento, tentou concentrar-se em vão na memória, e então, em uma única queda vertiginosa e nauseante, sua mente pareceu mostrar tudo em panorâmica, de uma só vez.

Hallorann. Deve ter sido Hallorann. Por que outro motivo Jack teria saído tão de repente, sem acabar com aquilo... sem acabar com *ela*?

Porque seu momento de lazer havia acabado. Ele tinha que encontrar Danny, e rápido ... antes que Hallorann conseguisse detê-lo.

Ou isso já teria acontecido?

Podia escutar o zumbido do elevador subindo pelo poço.

*(Não Deus por favor não o sangue o sangue ainda tá fresco não permita que isso já tenha acontecido)*

Foi capaz de encontrar seus pés, de alguma maneira, e cambaleou pelo quarto, por entre as ruínas da sala de estar até os destroços da porta da frente. Abriu-a e conseguiu chegar até o corredor.

— Danny! — gritou ela, estremeando com a dor em seu peito.

— Sr. Hallorann! Tem alguém aí? *Alguém?*

O elevador funcionou novamente e, dessa vez, parou. Ela ouviu o estrondo metálico da porta gradeada sendo aberta e então pensou ouvir uma voz. Devia ter sido sua imaginação. O som do vento era muito alto para ter certeza.

Apoiando-se na parede, caminhou em direção à curva do curto corredor. Estava quase contornando quando o grito que desceu flutuando pelas as escadas e pelo poço do elevador a fez congelar.

— *Danny! Vem aqui, seu filhote! Vem aqui e tome como um homem!*

Jack. No segundo ou no terceiro andar. Procurando Danny.

Ela contornou a curva e tropeçou, quase caiu. A respiração presa na garganta.

Alguma coisa

*(alguém?)*

estava aninhado contra a parede no caminho que descia para as escadas. Começou a correr mais rápido, estremeando cada vez que seu peso caía sobre a perna machucada. Era um homem, ela notou, e a medida em que se aproximava, entendeu o significado do zumbido de motor.

Era o Sr. Hallorann. Ele tinha vindo, afinal de contas.

Wendy caiu de joelhos ao lado dele, agradecendo, em uma oração incompreensível, por não estar morto. O nariz dele estava sangrando, e da boca, cuspiu

uma horrível gota de sangue. Um hematoma roxo e inchado tomava a lateral do rosto. Mas estava respirando, graças a Deus. O corpo todos se sacudia a cada difícil e longa respiração.

Olhando-o mais de perto, Wendy arregalou os olhos. Um braço da parca que ele vestia estava chamuscada e enegrecida. Um dos lados estava rasgado. Havia sangue em seu cabelo e um arranhão, superficial, mas feio, na parte de trás do pescoço.

*(Meu Deus, o que tinha acontecido com ele?)*

— *Danny!* — a voz rouca e petulante berrava acima deles — *Saia daí, seu desgraçado!*

Não havia tempo para pensar sobre aquilo. Começou a sacudi-lo, seu rosto contorcendo-se no paroxismo de agonia que vinha de suas costelas. O flanco estava quente, distendido e inchado.

*(E se elas estão furando meu pulmão cada vez que me mexo?)*

Não havia solução para aquilo também. Se Jack encontrasse Danny, iria matá-lo, bater nele até a morte com o taco, da mesma forma como havia tentado fazer com ela.

Então sacudiu Hallorann, e, em seguida, começou a dar tapinhas de leve no lado do rosto dele onde não havia hematomas.

— *Acorda* — disse ela — *Sr. Hallorann, você tem que acordar. Por favor... por favor...*

Acima de suas cabeças, o som das incansáveis batidas do taco enquanto Jack Torrance procurava por seu filho.

\*\*\*

Danny estava encostado na porta, olhando para o ângulo exato onde os corredores se uniam. O som constante, irregular das batidas do taco contra as paredes ficava mais alto. A coisa que o perseguia gritava, uivava e amaldiçoava. Sonho e realidade tinham se

tornado uma coisa só.

Veio por detrás da curva.

De certo modo, Danny sentiu-se aliviado. Não era o seu pai. A máscara do rosto e do corpo havia sido rasgada, estraçalhada e transformada em uma brincadeira de mau gosto. Não era o seu papai, não aquele personagem de programa de terror de sábado à noite, com olhos girando nas órbitas, ombros curvos e desajeitados e camisa encharcada de sangue. Não era o seu papai.

— Agora, por Deus — aquilo respirou. A coisa secou os lábios com a mão trêmula — Agora você vai descobrir quem é que manda por aqui. Você vai ver. Não é você que eles querem. Sou eu. *Eu. Eu!*

A coisa golpeou com o taco cheio de ranhuras, a cabeça dupla agora disforme e lascada devido aos incontáveis golpes. Acertou a parede, deixando um círculo no papel de seda e fazendo subir nuvens de poeira de gesso. Aquilo começou a sorrir.

— Vamos ver se você vai fazer algum dos seus truquezinhos agora — resmungou. — Sou macaco velho, você sabe, não nasci ontem. E vou cumprir os meus deveres de pai, garoto.

Danny disse:

— Você não é o meu papai.

A coisa parou. Por um momento, pareceu realmente confusa, como se não tivesse certeza de quem ou o que era. Então recomeçou a andar. O taco assobiou, acertou uma porta almofadada, fazendo-a explodir com um som oco.

— Você é um mentiroso — a coisa disse — Quem mais eu podia ser? Eu tenho as duas marcas de nascença, tenho o umbigo estufado e até o *pinto*, garoto. Pergunte à sua mãe.

— Você é uma máscara — disse Danny. — Só um rosto falso. A única razão

pela qual o hotel precisa de você é porque você não tá tão morto quanto os outros. Mas quando ele acabar com você, você não vai ser nada. Você não me assusta.

— Eu vou te assustar! — a coisa berrou. O taco desceu, cortando o ar ferozmente, esmagando o tapete bem no meio dos pés de Danny. Ele não recuou.

— Você mentiu sobre mim! Você e ela são cúmplices! Você armou um complô contra mim! *E você colou! Você copiou aquele teste final!* — Os olhos faiscaram para ele sob as sobrancelhas peludas. Neles, havia a expressão de um louco astuto. — Eu encontrarei isso também. Tá lá embaixo, em algum lugar no porão. Vou encontrar. Eles me prometeram que eu podia olhar o que quisesse. — E ergueu o taco outra vez.

— É, eles prometem — disse Danny — mas mentem.

O taco hesitou ainda no ar.

\*\*\*

Hallorann estava voltando a si e Wendy já tinha parado de dar tapinhas em sua bochecha. Segundos antes, as palavras “*Você colou! Você copiou aquele teste final!*” haviam descido pelo vão do elevador, fracas, quase inaudíveis sobre o som do vento. Vinham de algum lugar lá no final da ala oeste. Ela estava quase convencida de que eles estavam no terceiro andar e que Jack — ou o que quer que o possuía — havia encontrado Danny. Não havia nada que ela ou Hallorann pudessem fazer agora.

— Ai velhinho — ela murmurou. Lágrimas embaçaram seus olhos.

— O filho da puta quebrou o meu maxilar — Hallorann resmungou, grosseiro — e minha *cabeça*...

Tentou endireitar-se. O olho direito ficava roxo cada vez mais rápido e já quase não abria, devido ao inchaço. Apesar disso, ainda podia ver Wendy.

— Dona Torrance —

— Shhhh — disse ela.

— Onde tá o garoto, Dona Torrance?

— No terceiro andar — respondeu ela. — Com o pai dele.

\*\*\*

— Eles mentem — Danny repetiu. Algo tinha passado por sua mente, luzente como um meteoro, muito brilhante, muito rápido para agarrar e segurar. Do pensamento, restava apenas a cauda.

*(tá lá embaixo, em algum lugar do porão)*

*(você vai se lembrar do que seu pai esqueceu)*

— Você... você não devia falar desse jeito com seu pai — a coisa disse com a voz rouca. O taco tremeu, veio abaixo. — Só piora as coisas pra você mesmo. Seu... seu castigo. Pior.

A coisa cambaleou como se estivesse bêbada e olhou fixamente para ele com uma auto-piedade piegas, que foi logo se transformando em ódio. O taco começou a subir outra vez.

— Você não é o meu papai — Danny disse de novo — E se ainda existe um pouquinho do meu papai dentro de você, ele sabe que eles mentem aqui. Tudo é uma mentira e uma trapaça. Como o dado viciado que o meu papai colocou na minha meia de Natal no ano passado, como os presentes que eles colocam nas vitrines das lojas e o meu papai diz que não tem nada dentro deles, nenhum presente, só a caixa vazia. Só pra mostrar, meu papai diz. Você é *isso*, não o meu papai. Você é o hotel. E quando você conseguir o que quer, você não vai dar nada pro meu papai, porque você é egoísta. E o meu papai sabe disso. Você teve que fazer ele beber a Coisa Feia. Era o único jeito de você pegar ele, sua cara falsa mentirosa.

— Mentiroso! Mentiroso! — As palavras saíram como um grito agudo, fino. O taco meneou de forma selvagem no ar.

— Vai em frente e me acerta. Mas nunca vai conseguir o que quer de mim.

O rosto à frente de Danny mudou. Era difícil dizer como: os traços não tinham derretido ou se fundido. O corpo tremeu levemente, e então as mãos ensangüentadas se abriram como garras quebradas. Largaram o taco, que caiu com um baque no tapete. Só isso. Mas, de repente, seu papai *estava* ali, olhando para ele com uma agonia mortal e uma mágoa tão grande que o coração de Danny inflamou dentro do peito. A boca curvada para baixo, trêmula.

— Velhinho — disse Jack Torrance, — foge. Rápido. E lembre-se do quanto eu te amo.

— Não — disse Danny.

— Danny, pelo amor de Deus —

— Não — disse Danny. Ele pegou uma das mãos ensangüentadas de seu pai e a beijou. — Tá quase acabando.

\*\*\*

Hallorann conseguiu ficar em pé, apoiando as costas contra a parede e empurrando-se para cima. Ele e Wendy olharam um para o outro como sobreviventes de um pesadelo em que um hospital havia sido bombardeado.

— A gente tem que chegar lá em cima — disse ele. — A gente tem que salvar o Danny.

Wendy, pálida como giz, olhou fixamente dentro dos olhos dele com um olhar assombrado.

— Tarde demais — ela disse. — Agora só ele pode se salvar.

Um, dois minutos se passaram. Três. E escutaram aquilo acima deles, gritando, não com raiva ou triunfante naquele momento, mas com um terror mortal.

— Santo Deus — Hallorann murmurou — O que tá acontecendo?

— Não sei — ela respondeu.

— Será que a coisa o matou?

— Não sei.

O elevador voltou a funcionar e começou a descer com a coisa lunática, que gritava, encurralada dentro.

\*\*\*

Danny permaneceu quieto, sem se mover. Não havia lugar para onde corresse em que o Overlook não estivesse. Ele reconheceu-o na hora, plenamente e sem dor. Pela primeira vez em sua vida teve um pensamento adulto, um sentimento adulto, a essência de sua experiência naquele lugar mau — uma destilação cheia de mágoas:

*(A Mamãe e o Papai não podem me ajudar e eu tô sozinho.)*

— Vai embora — ele disse para o estranho ensangüentado à sua frente — Vai. Sai daqui.

A coisa curvou-se, expondo o cabo da faca em suas costas. Suas mãos fecharam-se em volta do taco novamente, mas ao invés de mirar Danny, girou a haste, mirando o lado duro do taco de roque em seu próprio rosto.

Danny compreendeu num instante.

Então o taco começou a subir e descer, destruindo a última imagem de Jack Torrance. A coisa no corredor dançou uma polca arrepiante, arrastando os pés, o ritmo marcado pelo horrendo som da cabeça do taco martelando sem cessar. O sangue espirrava no papel de parede. Pedacos de ossos saltavam no ar como teclas de piano quebradas. Era impossível dizer exatamente quanto tempo aquilo durou. Mas quando a coisa voltou sua atenção para Danny outra vez, seu pai tinha ido embora para sempre. O que restara do rosto era agora uma colagem estranha, mutante, muitos rostos misturados defeituosamente em um. Danny viu a mulher no 217; o homem-cachorro; o menino

faminto — a coisa que estivera no túnel de concreto.

— Tiremos as máscaras, então — aquilo sussurrou. — Sem mais interrupções.

O taco ergueu-se para o último golpe. Um tique-taque preencheu os ouvidos de Danny.

— Tem mais alguma coisa pra falar? — a coisa perguntou. — Tem certeza de que não quer fugir? Brincar de pique-pega, talvez? Temos tempo de sobra, você sabe. Uma *eternidade*. Ou devemos acabar com isso? Podíamos. Afinal, estamos perdendo a festa.

A coisa sorriu com cobiça, os dentes quebrados.

E Danny então se lembrou. O que seu pai havia esquecido.

De repente, um ar de triunfo tomou o seu rosto; a coisa viu aquilo e hesitou, intrigada.

— *A caldeira!* — Danny gritou — *Ninguém limpou desde a manhã! Tá subindo! Vai explodir!*

Uma expressão grotesca de terror e um brilho de compreensão passaram pelos traços deformados da coisa à sua frente. O taco caiu das mãos e quicou, inofensivo, no tapete azul e preto.

— A caldeira! — gritou a coisa. — Ah não! Isso não pode acontecer! Não pode! Não! Seu filhote desgraçado! Não pode mesmo acontecer! Ai, ai, ai —

— *Pode sim!* — retrucou Danny, gritando com ferocidade. E começou a arrastar os pés e a balançar os punhos para a coisa arruinada à sua frente. — A qualquer minuto agora! Eu sei! A caldeira, Papai esqueceu a caldeira! *E você também esqueceu!*

— Não, ah não, isso não deve, não pode, seu garotinho imundo, vou fazer você tomar o seu remédio, vou fazer você beber cada gota, ah não, não —

A coisa virou para trás repentinamente e começou a ir embora, caminhando de

forma estranha. Por um momento, sua sombra serpenteou pela parede, crescendo e diminuindo. Deixou para trás um rastro de gritos semelhantes a serpentinas de festa gastas.

Momentos depois, o elevador voltou à vida.

De repente, a iluminação estava nele

*(mamãe, sr. hallorann dick para os amigos juntos vivos eles estão vivos tenho que sair vai explodir vai voar pelos ares)*

como um brilhante e intenso nascer do sol e ele correu. Um pé chutou o taco de roque disforme e ensangüentado para o lado. Ele nem percebeu.

Gritando, correu em direção às escadas.

Eles tinham que sair dali.